

Construções V

Morte e vida:
fronteiras da formação no Brasil

Organizadora
Evelyn Pryzant

ABC, Fortaleza, 2017

Construções V – Morte e vida: fronteiras da formação no Brasil

Organizadora: Evelyn Pryzant

Coorganizadora: Daniela Bormann Vieira

Diretoria

Francisco Helder Lima Pinheiro Junior (Presidente)

Walmy Silveira Pereira (Vice-presidente)

Joana Pereira dos Santos Bandeira de Melo (Diretora de comunicação)

Daniela Bormann Vieira (Diretora de sede)

Erbon Elbsocaierbe de Araújo (Primeiro secretário)

Angélica Almada Horta Montero (Tesoureira)

Conselheiros

Maristela Bittencourt Nogueira (Região Centro Oeste)

Silvana Marta Santos Torres (Região Sudeste Rio)

Evelyn Pryzant (Região Sudeste São Paulo)

Camilla Biaggi Alvarenga (Região Sudeste Minas Gerais)

Magda Regina Barbieri Walz (Região Sul)

Ilustração da capa: Juliana Nascimento “Homenagem a Tarsila do Amaral”

Produção gráfica e capa: Mireille Bellelis | Bellelis Comunicação

Impressão: Lis Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C765

Construções V - Morte e vida: fronteiras da formação no Brasil /
organizadora: Evelyn Pryzant; coorganizadora Daniela
Bormann – 1. ed. – Fortaleza: Associação Brasileira de
Candidatos, 2017.
200 p. ; 16 cm.

Vários autores.
ISBN (broch.).

1. Psicanálise – Coletânea 2. Formação psicanalítica. 3. História.
I. Evelyn. II. Bormann, Daniela. III. Título. IV. Vários autores.

CDD 150.195.89 7
CDU 159.964.2

Agradecimentos

A escrita deste livro representa a finalização de um projeto de gestão construída e sustentada a “várias mãos”, traz o colorido representativo das criativas contribuições dos psicanalistas brasileiros em formação com quem tanto aprendemos ao vivermos momentos prazerosos de trabalho e de trocas afetivas que marcaram este último biênio.

A ABC reconhece o esforço e dedicação dos candidatos quando seu desejo de ser psicanalista é posto em marcha e decidem vivenciar o quarto eixo sob forma e momentos diversos: na fundamental função de representantes da ABC que trabalham diretamente com os colegas de instituto, nas funções de conselheiras da ABC: Camilla Biaggi (SBPMG), Maristela Bittencourt (SPMS), Silvana Torres (SPRJ) e Magda Barbieri (SBPdePA), que dedicadamente trabalharam em sinergia com a diretoria para potencializar o trabalho dos representantes junto aos candidatos, as comissões locais criadas pelo próprios candidatos em cada institutos desde a preparação e recepção dos candidatos do seu e de outros institutos, da mesma região para os Encontros Regionais e no Encontro Brasileiro de Candidatos.

Cabe reconhecer o esforço e boa vontade das sociedades e institutos que, por vezes, modificaram algumas atividades em seus calendários e possibilitaram a recepção das atividades da ABC. Agradecemos os presidentes das sociedades e os diretores dos institutos, respectivamente: Regina Célia Cardoso Esteves e Sônia Maria Carneiro de Mesquita Lobo (SPFOR); José Fernando de Santana Barros e Magda Souza Passos (SPR); Edna Pires Guerra Torres e Thereza Cristina Paione Rezende (SBPMG); Maria de Fátima Chavarelli e Miriam Catia Bonini Codorniz (SPMS).

Nosso agradecimento aos candidatos que vivenciaram o exercício de uma escrita criativa e nos deram a oportunidade de estar na posição de leitores-autores, aqui podemos saborear a costura possível entre suas experiências clínicas, seus trabalhos pessoais de análise e supervisão, e que assumiram o estatuto de uma narrativa. Em especial, a Alexandre Pantoja por sua disponibilidade em nos acolher em sua casa para a primeira atividade dessa gestão junto às entidades representativas e parceiras da ABC e pelo compromisso criativo e profissional com a escrita psicanalítica.

Nossa estima e amizade a Roosevelt Cassorla, um incansável psicanalista que dá seu testemunho de amor à psicanálise apresentando-nos sua refinada teoria e seu respeito pelo processo de transmissão do pensamento e prática psicanalítica de mais alto nível. Sua generosidade só não é maior do que sua capacidade de acolhimento e respeito pelo ser humano.

Pela parceria que desenvolvemos com a Febrapsi, agradecemos Daniel Delouya (Presidente) e Ney Marinho (Diretor Científico do XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise), e toda a diretoria da Febrapsi.

Nas parcerias com outras entidades representativas, agradecemos Carlos Frausino (Vice-presidente da Ocal, gestão 2014/2016), Isabel Silveira (Vice-presidente para América Latina, Ipso, 2015/2017) e Leonardo Siqueira (Presidente eleito da Ipso 2015/2017).

As trocas de experiências com os amigos da gestão anterior, compostos por Miriam Altman pelo repasse de informações gerais de funcionamento da ABC, Janice Bicudo sempre disposta a contribuir com sua rica experiência em gestão, Mônica Povedano pelo repasse das informações contábeis e Evelyn Pryzant pelo incentivo a escrita, sempre disponível a trocas de informações fosse dia ou noite, pelo apoio em momentos que fomos afetados pela experiência de ser gestão e por ser a coluna dessa publicação.

À Juliana Nascimento, que nos emprestou sua poesia em forma de arte para a nossa capa. E à Mireille Bellelis, produtora do livro, que generosamente dividiu muito de sua experiência e capacidade técnica no preparo dessa publicação.

À Glória Guimarães da Digital Content, parceira da diretoria de comunicação por sua criatividade no trânsito de informações ao maior número possível de candidatos nas redes sociais: Facebook, Instagram e WhatsApp.

Um agradecimento especial a todos que estiveram na diretoria, pela disposição em representar a ABC nos espaços de discussões no País e fora dele, alinhando profissionalismo e amor pela psicanálise. Cabe destacar: Walmy, por seus toques precisos nas discussões e sensibilidade nas escolhas de ações; Angélica, por sua batalha em otimizar a parte financeira no bom uso de nossos recursos, principalmente o recurso humano; Erbon, pelo registro material de nossas reuniões e disponibilidade de acolher desafios propostos pela gestão; Daniela, pela coragem em assumir uma nova função dentro da diretoria, pela presteza em organizar nosso espaço físico junto à Febrapsi, pelo trabalho de coorganizadora de nosso livro; Joana, por sua sensibilidade e esforço em fazer da comunicação da ABC uma oportunidade de gerenciar as trocas de informações entre a entidade e os candidatos, por nos receber em sua casa e organizar o primeiro Encontro Regional de nossa gestão em Recife.

A todos os candidatos e amigos que testemunharam o valor da vivência do quarto eixo, fosse na organização ou execução dos eventos científicos, na contribuição financeira que permite todas as ações da ABC, na gentileza em dividirem suas experiências clínicas e teóricas, pelos momentos fraternos de celebração da vida e das conquistas que foram construídas no percurso.

A todos nossa gratidão.

Helder Pinheiro
Presidente da ABC

Sumário

Editorial

Evelyn Pryzant	7
----------------------	---

Apresentação

Daniel Delouya	13
Helder Pinheiro	14
Joana Pereira dos Santos Bandeira de Melo	23
Daniela Bormann Vieira.....	25
Erbon Elbsocaierbe de Araújo	27
Angélica Almada Horta Montero.....	28

Participação especial

Por uma formação analítica suficientemente má Roosevelt Cassorla	35
---	----

Morte e vida: fronteiras da formação no Brasil

Morte e vida: severinos em formação psicanalítica Raquel Lopes Rios ..	51
A busca da vida através da morte Marystella Carvalho Esbrogeo.....	61
O jogo do cabo de guerra Carolina El Mann.....	69
A morte do analista... Indira Siqueira Stevanato	79

Formação e identidade psicanalítica

Ser analista: Claudia Evangelista Ruiz M. Morais, Elisa B. Lanzarini, Maristela B. Nogueira e Thalita G. e Souza.....	89
Formação terminável e interminável Erbon Elbsocaierbe de Araújo	99

Experiências clínicas

Um <i>splitting</i> na clínica Alexandre da Costa Pantoja	107
Falando com uma morta Katia Silvana Piroli.....	115
Psicanálise e psiquiatria Maria Amelia Dias Pereira	121

Temas livres

Do lado nobre do psicanalista Cláudia Cristina Antonelli.....	131
Por que grupo? Jeanete Suzana Negretto Sacchet	139

História da formação em psicanálise

A formação no início e ao fim do século: inércia e criatividade Fernanda Marinho, Jane Kezen e Ney Marinho.....	147
--	-----

Transpondo fronteiras na formação

Carta de Stephano Bolognini.....	165
O papel da ABC nas fronteiras da formação do candidato brasileiro Helder Pinheiro	169
Organização de Candidatos da América Latina Magda Barbieri Walz.....	176
De que tamanho é seu mundo? Isabel Ugarte da Silveira.....	178

Encontros.....	185
----------------	-----

Editorial

Caro leitor,

É com enorme satisfação que apresento nosso livro *Construções VI*

Um livro feito pela força-tarefa de cada um de seus autores, distribuídos por todo o País, que conseguiram ultrapassar o vazio da página em branco e expuseram, transpondo fronteiras, sua singular personalidade diante do complexo tema: “Morte e vida: fronteiras da formação no Brasil”.

É necessária toda uma construção para que a identidade do psicanalista se forme, desde sua chegada ao Instituto, ao tripé analítico e à participação no quarto eixo da formação. Existe um longo caminho.

Ao construirmos este livro pretendemos facilitar e estimular esse percurso, ao dar as mãos ao candidato que chega, e apresentar um painel geral do lugar do Candidato na IPA e toda a gama de oportunidades que os diversos cargos institucionais comportam, retratados na presença viva das palavras dos nossos presidentes Daniel Delouya (Febrapsi) com sua notória experiência e Helder Pinheiro (ABC) com sua incansável dedicação e simpatia que extrapola fronteiras.

Em seu depoimento, Isabel Ugarte da Silveira (Ipsó) mostra o valor do quarto eixo, nas trocas e relacionamentos com membros e candidatos do mundo inteiro, que vai além das inúmeras tarefas institucionais que devem ser executadas. Magda Barbieri Walz (Ocal) revela como funciona a Organização de Candidatos da América Latina que congrega ética e a cultura no fazer psicanalítico, uma construção inacabada, que respeita a alteridade. Os encontros regionais, nacionais e internacionais são a celebração de todas essas conquistas.

É uma honra contar com a participação especial de Roosevelt Cassorla que, em seu artigo “Por uma formação analítica suficientemente má”, alerta para a importante função da instituição de não permitir o engessamento da criatividade científica dos seus membros e candidatos, priorizando as relações emocionais entre eles, no sentido de transformar vínculos positivos em estímulos para vínculos de conhecimento.

Participar, mais uma vez, do desafio de organizar um livro é acompanhar a conquista da escrita que se constrói a cada artigo, que chega com a força da vida ao vencer a afasia e o poder destrutivo e silencioso do instinto de morte que faz calar o que é autobiográfico. Este livro é a demonstração de que esse esforço é possível a cada vírgula, num sotaque diferente.

O texto inspirado e criativo, de Raquel Lopes Rios, faz do poema *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, um suporte para suas próprias rimas que constroem e desconstroem os movimentos pulsionais de vida e morte que a formação da identidade de um psicanalista exige. A saga do retirante pernambucano traça o paralelo desse caminho a ser trilhado no dia a dia da formação do candidato rumo ao pertencer à IPA, na busca de sua emancipação como um analista único e genuíno, além de apontar a importância de voltarmos sempre para os clássicos da literatura e a arte da poesia.

Marystella Carvalho Esbrogeio em “A busca da vida através da morte” relata uma experiência clínica na qual a dupla analítica vive um processo de luto, que apesar do caráter intrinsecamente denso, apresenta uma leitura fácil, como se o leitor fosse guiado pela mão. A analista percorre a eterna busca e mobilização pela vida, na luta entre forças destrutivas e o amor.

O caso clínico de Carolina El Mann, “O jogo do cabo de guerra”, relacionado com o texto de Freud “Além do princípio do prazer”, propõe refletir os conceitos da compulsão à repetição e sua relação com o instinto de morte. Por meio da aliança terapêutica construída, a autora apresenta o eterno jogo entre essa dualidade, na busca do equilíbrio, no qual Eros deverá predominar.

O artigo de Indira Siqueira Stevanato, “A morte do analista...” nos brinda com uma experiência clínica mobilizante, surpreendente, o caso de uma paciente que a procura, pois sua antiga analista havia se suicidado. Questiona o quanto o jovem analista está preparado para a lida diária com dor mental, loucura e morte, e se é efetivo o respaldo que a formação do psicanalista fornece na interlocução dos movimentos de vida e morte constantes na construção dessa tarefa arriscada, contínua, e interminável, na qual o *essencial é sobreviver* (Winnicott).

O grupo de autoras do Mato Grosso do Sul com “Ser analista: reflexões sobre formação e transformação” nos convida à importante reflexão sobre a formação do psicanalista e sua particularidade na primazia no processo de análise, os conflitos transferenciais que alcançam tanto as antigas quanto as novas gerações que não devem se tornar cópia de seus antecessores, de-formando a morte em vida, mas a vida da nova geração traçada pelo respeito com alteridade, instrumentalizado pela transmissão de saberes, uma vez que em toda fronteira existe um limiar que precisa ser respeitado. *Conquista para herdar* (Goethe).

“Formação terminável e interminável”, de Erbon Elbsocaierbe de Araújo, é o tema das reflexões sobre o modelo de formação do psicanalista, no percurso pelas teorias, nas redes dos relacionamentos institucionais que trazem a potência de transformação por meio das experiências emocionais desencadeadas no processo, com o alerta para que esse método investigativo possa ser constantemente checado através do olhar do próprio analista com o propósito de nunca esgotar o tema da natureza terminável e interminável da formação.

A agradável leitura do artigo “Um *splitting* na clínica”, de Alexandre C. Pantoja, dialoga com a clínica, expõe o campo árido, tedioso que encontra no contato com o paciente e lança mão do conceito de “*splitting* forçado” de Bion, para a compreensão de uma situação de tensão primitiva excessiva, de um *splitting*, uma separação entre o mundo emocional e o mundo material, inanimado, o alimento concreto. É na transferência que essas experiências serão mobilizadas, a vida e a morte, investigadas na contratransferência.

Em “Psicanálise e psiquiatria: confronto com uma situação de risco de morte”, Maria Amelia Dias Pereira discute o papel do analista em situações em que a ideação suicida está presente e o analisando está sob risco de vida. Apresenta o caso de uma paciente severamente deprimida e questiona a possibilidade de se desvencilhar da função de psiquiatra na sua limitação como psicanalista diante de um quadro em que a patologia mental impõe risco de vida. Questiona o suicídio como morte evitável e como a medicação pode ser uma ferramenta útil para permitir o processo analítico.

“Do lado nobre do psicanalista”, de Cláudia Cristina Antonelli, mostra uma experiência própria de desconforto junto ao leito de um paciente hospitalar. A expansão da sensibilidade e cultura do psicanalista afina sua mente, seu instrumento de trabalho. A autora considera a ideia de se cultivar a mente e espírito pela música, literatura, teatro, ópera e toda forma de arte.

Jeanete Suzana Negretto Sacchet no artigo “Por que grupo?” trata de sua experiência como paciente de psicoterapia analítica de grupo e como psicanalista de grupo, considerando esse trabalho tão eficiente quanto o tratamento individual. Uma vez integrado, vínculo formado, o grupo psicanalítico adquire vida própria, rica em fantasias, com sua história e linguagem. O grupo tem como finalidade inconsciente comum: a saúde mental, a sensação de bem-estar, a integração consigo mesmo.

Republicamos o instigante artigo “A formação no início e ao fim do século: inércia e criatividade – uma reflexão”, de Fernanda Marinho, Jane Kezen e Ney Marinho, pela importância do texto em traçar um panorama sobre a psicanálise no contexto do final do século e refletir profundamente as crises da formação e transmissão da psicanálise, gentilmente cedido pela *Revista Latino-americana de Psicanálise*.

“Transpondo fronteiras na formação” é a proposta que consagra este livro ao disponibilizar um material para constante consulta, a carta traduzida, de Stephano Bolognini (1997), que traça um marco na história da IPA ao inserir um outro eixo na formação do psicanalista e alerta para as dificuldades do trabalho institucional de ordem emocional narcísica de seus membros, que devem ser suplantadas.

A conquista do desenvolvimento do analista no quarto eixo, a alegria dos encontros e a presença viva dos colegas, demonstra a grande oportunidade que é fazer parte desse mundo IPA ao ultrapassar fronteiras e transformar mais leitores em futuros autores.

Boa leitura!

Evelyn Pryzant

Organizadora

epryzant@yahoo.com

Apresentação



Daniel Delouya

Presidente da Febrapsi (2015-2017)

É com grande satisfação que acompanhamos a gestação e o nascimento de mais um *Construções*, livro compilado e organizado pela Associação Brasileira de Candidatos (ABC) às vésperas do Congresso Brasileiro de Psicanálise da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi).

A Febrapsi acaba de comemorar, em 6 de maio (dia e mês do nascimento de Freud) de 2017, os seus 50 anos de existência. Um conjunto de 13 sociedades e três grupos de estudos, num total de 16 federadas, com institutos de formação próprios, compõe hoje nossa federação. A existência, a atividade e a associação dos candidatos validam nosso projeto e garantem seu futuro. A matriz edípica, a descoberta psicanalítica estrutura o humano como história, como uma continuidade na diferença entre as gerações. Construção é a ideia de que Freud se enamora durante quase vinte anos, para batizá-la no seu último texto, preciosa herança daquilo que ele entende ser a característica do fazer psicanalítico. Construção da formação psicanalítica que abarca inúmeras facetas do universo dos candidatos. Não só as construções feitas em meio à atividade diária junto aos pacientes, mas também as que constituem as próprias análises, assim como aquelas que se montam em torno de casos de supervisões e em seus relatórios. Não menos importantes são as construções nos espaços públicos da formação, como nos trabalhos dos grupos por meio dos seminários e das atividades institucionais dentro e fora das associações dos candidatos.

O presente volume de *Construções* é uma amostra dessa inserção dos candidatos na Febrapsi, pois toma como eixo o tema “Morte e vida: novas configurações”, do XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise, a se realizar em Fortaleza entre os dias 1 e 4 de novembro de 2017. Esse tema foi elaborado pelas diretorias científicas das federadas e as diretorias da Febrapsi e da ABC. As atividades preparatórias envolvendo as federadas também tiveram plena participação dos candidatos. A construção do tema do congresso tem lugar nesta coletânea, que centra seu interesse na formação, além de focar o tema nos âmbitos que enumeramos acima, da clínica e dos espaços públicos nos quais nos engajamos como analistas. Os trabalhos refletem a vitalidade psicanalítica dos candidatos e sua plena inserção em nossa tradição, participando de seu enriquecimento.

Helder Pinheiro

Presidente da ABC (2016-2017)

Escrever esse texto para o livro *Construções V* serviu como espaço fértil, criativo e prazeroso de recordação e alinhavo de ideias sobre o que representou estar à frente da gestão da Associação Brasileira de Candidatos (ABC) durante o biênio (2016-2017). De imediato, posso afirmar que estar na diretoria da ABC ampliou minha capacidade criativa frente às constantes demandas institucionais, anunciadas desde o momento da constituição da equipe. Eu vivenciava os meses iniciais de minha formação quando recebi o convite dos amigos Walmy Silveira Pereira e Eliane Souto de Abreu para compor a chapa que seria a gestão. Inicialmente, aceitei o convite para a função de vice-presidente, mas com poucos dias para finalizarmos a montagem da chapa, Walmy, o então candidato a Presidente, propôs a troca de função, o que foi aceito por mim, à medida que ele se comprometeu em pensar alguns nomes a serem convidados para finalizarmos a composição da chapa, pois meus conhecimentos sobre colegas de outros institutos ligados à IPA era nulo. Assim, tivemos três dias para montar a chapa com alguma representatividade nacional.

O desafio de construir a chapa ficou mais interessante pelo fato de ser a primeira vez que a diretoria da ABC seria composta por sete membros, pois as diretorias anteriores tiveram quatro. Na prática, testávamos a hipótese da gestão anterior que, em parte, se percebeu sobrecarregada frente às crescentes demandas dos candidatos que, por sua vez, geravam um grande número de ações aos membros da diretoria. Após os dois anos de gestão, na minha percepção, a hipótese do aumento de pessoas na direção com a correspondente distribuição de ações e a diminuição de sobrecarga, bem como as outras fantasias que passaram a povoar a cabeça da nova diretoria (a falta de formação técnica para exercer as funções de diretoria, por exemplo) demonstraram não serem decisivas para a execução e manutenção da boa qualidade das ações da gestão. O que realmente fez e faz diferença para o bom andamento das ações sem gerar sobrecarga não está ligado ao número de pessoas de uma diretoria, ao conhecimento e domínio técnico para exercer determinada função, ou mesmo o quanto desses membros pertencem a

uma mesma região do País. É tão importante reunir pessoas interessadas em agregar esforços na promoção de espaços, em que a psicanálise seja posta para trabalhar em favor do contínuo processo de construção da identidade de psicanalista no Brasil. É necessário que um membro de diretoria tenha a disponibilidade interna de sustentar o desejo de trabalhar grupalmente, ser uma pessoa flexível, de razoável sociabilidade e viver o quarto eixo, são alguns dos elementos que precisam estar presentes naqueles que buscam compor uma gestão.

O grande número de atividades diárias, comuns a todos nós, não deveria servir como uma representação metafórica para que um candidato não venha ocupar uma das funções na ABC, pelo menos não deveria. Basta para isso lembramos que é um tanto comum escutar de candidatos a pacientes que “o tempo é curto ou possuem poucos recursos financeiros” para se submeterem a um tratamento psicanalítico de alta frequência. Podemos entender que essa resistência pode camuflar a ameaça aos ganhos primários e secundários, difíceis de serem renunciados. Durante nossa gestão, foi comum escutar de amigos o questionamento sobre o que tornava possível ocupar-me, ao mesmo tempo, de tantas atribuições institucionais, vivenciar meu percurso formativo junto ao meu instituto de pertença (Sociedade Psicanalítica de Fortaleza, SPFOR), sustentar uma razoável atenção à família, parentes e amigos. A resposta é simples: procurei não me ocupar de tudo e nem ao mesmo tempo. Soma-se a isso o fato de as pessoas desconhecerem que eu encontrei muitas formas de apoio: boa parte das angústias foram e são trabalhadas em minha análise pessoal, outras em encontros formais de candidatos (Encontros Regionais e Brasileiro), nos momentos informais, espaços ricos em que, distante dos canais oficiais, escutamos dos candidatos e psicanalistas as ressonâncias das mesas e espaços de discussões, e, ao mesmo tempo, recebemos informações sobre “os bastidores dos institutos” ou posições que, por razões diversas, não puderam ser expressas formalmente (e não cabem nesse momento serem aprofundadas), nas inúmeras reuniões virtuais e presenciais com as Associações Locais, com alguns institutos e trocas com a Ocal, Ipso e Febrapsi, nas incontáveis, férteis e amistosas reuniões virtuais com a diretoria da ABC e no apoio de amigos e familiares.

Compreendi que, estar na gestão é aprender a viver desafios, gerenciar narcisismos, exercitar a criatividade, potencializar áreas da própria mente para continuar vivo e manter-se apto ao trabalho de escuta na clínica e nas instituições. Com o exercício de estar na gestão ampliei meu entendimento sobre a importância de sustentar uma escuta atenta e flutuante sobre os momentos em que campos de interesses – entre candidatos e institutos, associações locais e ABC, entre as próprias entidades representativas de candidatos etc. – tomam formas, muitas vezes, contraditórias, exigindo uma capacidade constante de articulação e esforço criativo para manter o foco na tarefa de propor ações integradas, voltadas ao constante aprimoramento do processo formativo do candidato. Assim, estar na gestão é mais do que vivenciar uma experiência coletiva, necessitamos apreender a *função* de construir uma identidade de *grupo*, pois não é possível representar produtivamente um coletivo de candidatos sem que sustentemos o foco numa tarefa e contemos com a participação ativa e decisiva dos inúmeros e generosos parceiros que conquistamos ao longo desses dois anos. No *Livro do desassossego*, Fernando Pessoa diz que “a vida é o que concebemos dela” e, baseado em Pessoa, atrevo-me a dizer que, cada gestão da ABC retrata os anseios que os candidatos desejam que a instituição se ocupe.

As contínuas ações da ABC, sem sombra de dúvida, representam a construção de um projeto de trabalho de grupo, desde seu nascedouro. Podemos dizer que a ABC é a encarnação de um sonho coletivo sob a forma de uma instituição representativa dos interesses dos psicanalistas que vivenciam seus percursos institucionais formativos no Brasil. Provas disso são fartamente encontradas nos relatos e escritos de candidatos que nos antecederam na lida de questões próprias à dinâmica dos interstícios formativos e que muito me interessou conhecer, enquanto candidato. Somos sabedores do longo percurso que outras representações de candidatos trilharam e dos percalços vividos. Escutei relatos de épocas e situações em que, por vezes, os candidatos não participavam de discussões clínicas dentro de seus institutos de formação, quanto mais da vida institucional para além dos seminários teóricos e, graças aos trabalhos das gestões anteriores, já em janeiro de 2016, a nossa gestão participou de sua primeira ação junto às instituições psicanalíticas. Fomos convidados para uma Reunião de Delegados da Febrapsi, em São Paulo, onde trabalhamos ativamente, na

articulação e escolha do tema para o Congresso de Psicanálise da Febrapsi, a ser realizado em Fortaleza, em novembro de 2017. Na ocasião, também assumimos duas outras propostas: articular uma mesa no I Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa, em Lisboa, onde a mesa precisava ser formada por um candidato brasileiro e um psicanalista português. A segunda proposta estava focada em sensibilizar os candidatos dos países presentes em Lisboa a comparecerem ao Congresso da Febrapsi.

Na ocasião da primeira reunião com a Febrapsi, eu começava minha formação no instituto e, como a grande maioria dos candidatos, nesse período da formação, desconhecia o alcance da representatividade dos candidatos associados à ABC no Brasil e no universo de candidatos na América Latina, onde os candidatos brasileiros são numericamente a maioria. Um desafio a mais foi adicionado ao já citado: iniciar as ações da ABC. Essa não foi uma ação simples, até pelo fato de os institutos retomarem suas atividades em diferentes meses do ano.

Assim iniciaram as minhas primeiras vivências institucionais, nos moldes da IPA, conjuntamente com o início de meu próprio percurso formativo, que representou um exercício pessoal de avançar em meu processo de enfrentamento do novo, do desconhecido e dos efeitos de estranhamento produzidos por essas vivências. O aprendizado da experiência de *estar* gestão é fruto da rica, estimulante e elucidativa atmosfera de trocas encontradas nas criativas atividades, próprias da vida institucional. Antes de mais nada, viver a gestão – parte integrante do quarto eixo – potencializou um crescimento pessoal e profissional significativo, pois à medida que aceitei o convite para ser Presidente fui impelido a trabalhar a mim mesmo para sair da conformidade de um entendimento superficial sobre o cotidiano de ser candidato e questionar sobre o que constitui um pensar e o viver a formação.

Muito além de ser um projeto de autorregulação do candidato, ao fazer uso das três ferramentas mais difundidas – análise pessoal, supervisão e estudo da teoria –, como forma de sustentar o vir a ser analista, a vivência do quarto eixo potencializa a construção de um lugar de liberdade do uso da palavra e da crítica mútua – entre os pares candidatos e entre candidatos e seus institutos – corroborando para uma ampliação e apropriação de um pensamento autoral.

Do ponto de vista institucional, ao assumir a gestão, também assumimos um importante compromisso com os mais de oitocentos membros associados à ABC. No entanto, não tínhamos uma programação geral com todas as atividades já definidas para a gestão, mas estávamos convictos de nossa tarefa: viabilizar aos candidatos associados à oportunidade de serem copartícipes na construção grupal de uma gestão que representasse os anseios dos candidatos brasileiros dispostos a contribuir ativamente na identificação de demandas, análises e construções de propostas que aprofundassem importantes aspectos da formação dos psicanalistas no Brasil.

Objetivando otimizar recursos de tempo, de pessoal e financeiro, nossa gestão fez o propósito de inovar e convidar os Conselheiros da ABC, os membros da gestão anterior da Ipso e Ocal para estarem conosco em uma Reunião de Trabalho, em Fortaleza, com o claro propósito de discutir, planejar e sedimentar as diretrizes de trabalho da ABC para o biênio e, ao mesmo tempo, estimularmos um primeiro trabalho de sinergia entre as três entidades representativas de candidato (ABC, Ocal e Ipso) em favor da psicanálise brasileira, mas não somente. Pela primeira vez, a ABC custeou a passagem e hospedagem dos Conselheiros, membros da diretoria anterior e da atual (que não residiam na cidade) como forma de facilitar que todas as regiões do País integrassem a discussão e a construção de uma proposta coletiva de gestão.

Atualmente, penso que a reunião de trabalho foi uma ação acertada, pois a maioria dos Conselheiros conseguiu finalizar o projeto feito a várias mãos no início da gestão. Acredito na força e no compromisso do pensar coletivo, mas sei igualmente das resistências próprias de cada grupo ao que é novo, pois tais resistências portam uma força capaz, por vezes, de gerar medo ou impossibilitar que algumas ações ganhem vulto. Assumimos o risco de criar um programa de gestão com vista a identificar as demandas nacionais dos candidatos, considerando como ponto de partida as questões locais e regionais que precisavam ser conhecidas e trabalhadas por essa gestão. Faria apenas um acréscimo e convidaria os representantes de candidatos da ABC para participarem dessa Reunião de Trabalho como forma de fortalecer, ainda mais, o propósito de trabalhar em favor da identidade do grupo de trabalho pertencente à gestão.

As dificuldades encontradas na execução do que foi discutido e planejado na referida Reunião de Trabalho e vivida em cada encontro de candidatos ou nas ações junto aos Institutos e Febrapsi geravam estranhamentos entendidos como analisadores que retroalimentavam novas discussões e serviram de estofos para novas ações. Nas reuniões da diretoria da ABC ou nos Encontros de Candidatos reservávamos um tempo para trabalhar a partir das resistências encontradas no planejamento, execução e final de cada trabalho. Em cada espaço de trabalho me deparei com a riqueza da troca de experiências com colegas de outras sociedades, percebi a proximidade das várias questões encontradas no percurso da formação e início da prática clínica dos candidatos, revelando que todos aqueles que se fizeram presentes nos Encontros oferecidos e/ou apoiados pela ABC tinham em comum o desejo de fomentar uma escuta psicanalítica acurada, autônoma e comprometida com os pilares formativos da análise pessoal, supervisão e estudo teórico. Por vezes uma curiosidade e noutras o desejo de vivenciar o quarto eixo, independentemente do instituto a que pertençam.

Muitas das associações locais de candidatos, ao serem consultadas pelos respectivos representantes da ABC, nos ajudaram a concretizar ações: fossem no levantamento e/ou repasse de informações junto aos candidatos, na discussão das propostas da ABC junto aos seus institutos, na organização e divulgação dos Encontros Regionais e Nacional, no carinhoso preparo dos momentos sociais, na escritura de textos para apresentações, livro *Construções V* e nosso Pré-Congresso, a ser vivido no final da gestão como forma de coroar essa construção feita a várias mãos.

Desde 1993, a ABC promove atividades de produção científica e de formação da identidade do psicanalista brasileiro, mas viver e teorizar o percurso de formação de um candidato à psicanalista é uma tarefa complexa. Cabe a cada candidato aceitar o convite para construir uma narrativa própria, capaz de representar o vivo de sua pulsante trajetória. Uma narrativa que traga as marcas da vivência de *estar* candidato ao como cada trajetória forja um psicanalista. Sem dúvida um belo desafio.

À medida que o candidato vincula parte de seu percurso formativo à uma participação ativa nas vivências do quarto eixo adquire novos elementos para sistematizar as vivências de sua formação. A ABC oferece aos associados importantes vivências nos espaços de discussões sobre temas

de alcance regional, nacional e internacional. Estimula a criação de associações de candidatos em cada instituto de formação (Núcleo, Grupo de estudo e Sociedade), onde as queixas locais são exploradas dentro de um ritmo e estilo próprio das pessoas que compõem determinado instituto. Também fomentou parcerias entre associações locais pertencentes a uma mesma região por acreditar que a troca de experiência entre Associações Locais facilita a transformação das queixas locais em demandas regionais. Nos Encontros Regionais são debatidas questões representativas, identificadas a partir das parcerias das Associações Locais, pertencentes a mesma região, mas podem ser enriquecidas com acréscimo de olhares de candidatos das demais regiões do País a serem também convidados. Os Regionais ampliam o exercício de construção de um pensamento psicanalítico capaz de bordejar o “murmulho de ideias” presente na mente do futuro psicanalista quando trabalha na expectativa da elaboração de conceitos que buscam responder aos desafios que a psicanálise tem se deparado atualmente.

A ABC quer integrar as produções científicas regionais do País para que cada região seja enriquecida e enriqueçam umas às outras. O aprimoramento científico é, sem dúvida, uma de nossas metas, mas cabe ao processo de formação dar conta de outros aspectos do ofício do psicanalista, por isso cabe aos candidatos explorarem essas ferramentas ao utilizarem-nas para colocar em palavras as experiências emocionais vividas diariamente nos atendimentos clínicos, nas supervisões, cursos, seminários e na análise pessoal; ingredientes ricos e capazes de gerar a identidade própria a cada psicanalista. Em meu entendimento, o Encontro Brasileiro de Candidatos e o Pré-congresso são outros excelentes exemplos de oportunidade para os candidatos trabalharem suas demandas, agora em nível nacional, aprofundá-las nas mesas, rodas e outros espaços de discussões.

Tenho certo que nenhum convite é aceito sem que a pessoa convidada a participar seja afetada pelos efeitos subjetivos das vivências. Certamente, à medida que a diretoria da gestão de 2016/2017 aceitou participar ativamente da sustentação do chamado quarto eixo de formação, experimentou também sensações desconfortáveis, geradoras de tensão e dor por estarem de frente ao novo e desconhecido espaço do uso da psicanálise para além da escuta clínica exercida nos consultórios. Viver essa

epopeia de *estar* gestão e mesmo a experiência do quarto eixo é possibilitar transformar essas vivências dolorosas em ricas experiências, capazes de nos auxiliar na construção de um lugar de autoria em nossa formação psicanalítica. Algumas vezes foi angustiante sustentar o estranhamento dos novos desafios e foi fundamental tratar em análise e em espaços de intervisões os excessos provocados pelos estranhamentos experimentados – até mesmo como condição encontrada por aqueles que desejam ocupar o “lugar de estrangeiro”, não só em nossas instituições de formação, mas nos outros espaços institucionais onde representamos a ABC – durante a execução de nossa tarefa de diretoria.

Entendo que o processo de constituição da identidade individual, familiar e social parte de aspectos mais primitivos aos mais complexos do funcionamento mental. Durante esse processo é necessário que qualquer pessoa aprenda a lidar com suas frustrações, pois dependendo da atitude de cada um ao enfrentar ou fugir das referidas frustrações é instaurada sua particular condição de pensar. Se essa trajetória de desenvolvimento emocional individual é cercada de desafios, o pensar e trabalhar como grupo é ainda mais complexo e necessário. Aqueles que estão familiarizados com a complexidade das relações grupais, rapidamente reconhecem as dores e delícias de se vivenciar um projeto de trabalho grupal. Nossa diretoria focou seus esforços para instalar um pensar e propor ações como “grupo de trabalho”, tão bem definido por Bion, de maneira a conseguir, conjuntamente, enfrentar os desafios e criar a identidade dessa gestão.

Nesses dois últimos anos convivemos com desafios de coloridos variados, oportunidades de conhecer diferentes propostas de formação dos institutos brasileiros, fomos atravessados por formas diversas de se pensar e viver a escuta psicanalítica, portanto, aceitar o convite de *estar* na gestão é aceitar o desafio pessoal de se repensar, abraçar a oportunidade de elaborar, na sala de nossos analistas e fora delas, experiências emocionais que encontramos quando nos confrontamos com incompreensões, dúvidas, sentimento de persecutoriedade e outros tantos aspectos que antes nem mesmo sonhávamos ser portadores. Também, é aceitar viver experiências grupais de enfrentamento de problemas, de exercício de flexibilidade para aprender com as assimetrias.

Nossa gestão, enquanto entidade de representação nacional dos candidatos brasileiros, tinha noção do quanto seríamos confrontados com nossos limites e do quanto necessitamos trabalhar em grupo para manter saudável nosso “aparelho sonhador”. Mantivemos canais de conversação aptos a fornecer condições de sustentar o material vivo de uma construção coletiva e democrática. O tempo inteiro convidamos os candidatos a escreverem, a várias mãos, essa epopeia. Muitos aceitaram, muitos resistiram, e com todos aprendemos.

Findado o mandato, ratificamos o reconhecimento, a legitimidade, a força e o vigor que a Associação Brasileira de Candidatos adquiriu ao longo de seus 25 de existência. Cada gestão investiu o seu melhor em favor do aprimoramento da qualidade da formação dos psicanalistas brasileiros. Em nosso Pré-Congresso, último fórum de debates, intitulado “Morte e vida: fronteiras da formação no Brasil”, aprofundamos a demanda nacional dos candidatos, base das diretrizes construídas em todo o percurso, iniciado a partir do grupo de trabalho para construção do projeto de gestão e perfazendo os Encontros de Candidatos (locais, regionais e brasileiro). O nosso livro *Construções V* recebeu o mesmo título, pois no livro condensou os sonhos, vivências e experiências da diretoria e dos candidatos que se possibilitaram desfrutar desses ricos momentos de encontro entre amigos para trabalharem em favor da sustentação de uma identidade do psicanalista no Brasil. Em nosso Pré-Congresso, também reconhecemos os três melhores trabalhos científicos com suas respectivas premiações em dinheiro.

Finalizo agradecendo a todos os candidatos que acreditaram em nossa proposta de trabalho e contribuíram para sua efetivação. Agradeço por terem me possibilitado o acesso à experiência de estar na gestão. Desejo uma prazerosa leitura dos instigantes textos presentes no *Construções V* e recupero a referência da inspiradora passagem do poema de Fernando Pessoa (“É tempo de travessia”) que utilizei no discurso de posse por representar o que sonhávamos por estar na gestão e o que conseguimos constatar. O poema nos convida a embarcar em naus para vivermos um pouco da época das grandes descobertas, época em que os desbravadores viajavam rumo a mares nunca antes navegados para que, guiados pelas estrelas, pudessem saborear as conquistas de novas paragens e, se tudo corresse bem, terminar a jornada melhores e mais ricos de experiências do que eram.

Joana Pereira dos Santos Bandeira de Melo

Diretora de Comunicação

Conheci a ABC quando estava no segundo ano de formação em Psicanálise e assumia a função de representante de candidatos do Instituto da Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE). Foi Eliane Souto de Abreu, Conselheira do Nordeste e candidata do então Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFOR), que, com uma voz ao mesmo tempo doce e assertiva, convidou-me para participar do I Encontro Regional de Candidatos e I Encontro Brasileiro de Candidatos da ABC em Fortaleza, CE. Este também tinha sido o meu primeiro contato com a ABC.

Em Fortaleza pude vivenciar, pela primeira vez, o quarto eixo como representante para além dos muros do Instituto. Conheci pessoas novas, revii alguns rostos familiares e, mal sabia eu, dividi a mesma experiência com colegas que depois se tornariam meus amigos e companheiros de gestão da ABC. Lembro-me que Daniela foi quem se sentou ao meu lado, e que, na época, era Conselheira da Região Sudeste-Rio de Janeiro, de Walmy com sua máquina fotográfica garantindo o registro de dois dias de muito trabalho e aprendizado, de Helder, que enriqueceu os comentários sobre a mesa de supervisão entre candidatos dos quais fiz parte, e, por fim, Erbon, quem eu já conhecia por vir à Jornada de Psicanálise da SPRPE e ser um dos rostos familiares para mim naquele evento. Conhecer a Angélica, no entanto um pouco mais tarde.

Assim foi o meu percurso no mundo da ABC: assumi a função de representante, cresci em Fortaleza, fiz parte da Diretoria de Comunicação da ABC (ainda chegaremos lá) e, agora, volto no meu quinto ano de formação à mesma cidade onde tudo começou, para encerrar e “entregar o bastão” para que a roda continue girando.

Então, caro leitor, você deve se questionar sobre como fui parar na gestão da ABC de 2016/2017. Muito simples: por meio da Eliane Souto de Abreu, mais uma vez! Os colegas estavam se organizando para montar uma chapa com candidatos de Fortaleza e receberam a indicação da querida Eliane de que eu poderia fazer parte da chapa para concorrer ao cargo de Segundo Secretário da ABC, o qual tem função de auxiliar a Diretora de Comunicação.

Fomos eleitos. E agora? Corremos para organizar as questões burocráticas e a cerimônia de posse da nova gestão. Nessa experiência, pudemos nos conhecer como colegas de gestão e elaborarmos com os Conselheiros a agenda do biênio. Tivemos a grande colaboração da gestão passada que estava lá conosco dividindo o aprendizado e enriquecendo com questões importantes que mal podíamos prever. Verde, estávamos bem verdes. Entretanto, tínhamos as nossas experiências pessoais e profissionais para nos servir de chão e nos impulsionar para mais uma nova experiência dentro do quarto eixo.

Logo após a cerimônia de posse, a então Diretora de Comunicação precisou se retirar do cargo por questões pessoais e, desse modo, assumi a função sem deixar totalmente de lado o cargo de Segunda Secretária. Árduo, trabalhoso, cansativo, mas, ao mesmo tempo, novo, instigante e prazeroso. Morte e vida juntas! Cresci. Nossa, como eu cresci na ABC! O calor e a amizade dos colegas de gestão eram combustíveis imprescindíveis durante o trabalho. Em cada reunião de diretoria (ocorrida uma vez por semana) nos aproximávamos mais e dávamos a cara e o tom que desejávamos à nossa forma de gerir a ABC.

Entretanto, nada era linear. Aprendi que o trabalho de diretor de comunicação é uma eterna descoberta. Comunicar é uma arte que só alcançamos com a prática. É preciso correr muito atrás de quem pretendemos alcançar, pois, do contrário, a comunicação fica emperrada e limitada.

Tive muitas dificuldades em administrar as duas funções, mas, apesar dessas dificuldades, tive toda a gestão oferecendo suporte e ajuda. Até nos darmos conta de que precisávamos de uma ajuda especializada. Você já imaginou o trabalho que é se comunicar com candidatos de quase todo um país como o Brasil? Pois é! Foi aí que encontramos a Glória Guimarães da Digital Content. Que maravilha foi conhecer e trabalhar com ela! Sinto que Glória faz parte do nosso time. Ela me auxiliou bastante e, até o momento que escrevo este texto, colabora com os seus serviços e seu conhecimento. Junto com ela pudemos ter um site com cara e dinâmica novas, artes padronizadas, vídeos de divulgação, tudo com o acesso mais rápido aos candidatos através de redes sociais mais utilizadas entre nós. Além disso, o meu fácil e rápido acesso a ela foi fundamental para darmos gás e

velocidade nas nossas ações de divulgação de eventos e alcance aos candidatos, representantes e conselheiros.

Por fim, e não menos importante, gostaria de dividir com você um pouco do sentimento que surge ao estar finalizando essa jornada que foi fazer parte da diretoria da ABC. É morte e vida. É terminar para começar e, acima de tudo, é renovar, renascer e estar aberto a novas aventuras. É gratidão pelos amigos que fiz e que carregarei para sempre comigo. Tenho um enorme orgulho dos meus colegas de gestão. Todos, sem exceção, são grandes estudiosos, profissionais e grandes pessoas. Aprendi e sei que continuarei aprendendo com cada um deles. Por isso, posso concluir que finalizar essa etapa é um sentimento de separação (morte) e expectativa (vida). Separação, pois não terei mais o trabalho que tinha, nem os encontros que tinha. Expectativa, pois novos trabalhos virão, novos encontros virão e novas experiências serão vividas por aqueles que assumirão os nossos cargos. Agradeço a todos que fizeram parte da minha vivência dentro da ABC, em especial aos amigos que ela me deu: Helder Pinheiro, Walmy Silveira Pereira, Erbon Elbsocaierbe de Araújo, Angélica Almada Horta Montero, Daniela Bormann Vieira e às nossas doces Conselheiras Maristela Bittencourt Nogueira, Silvana Marta Santos Torres, Evelyn Pryzant, Camilla Biaggi Alvarenga e Magda Regina Barbieri Walz.

Daniela Bormann Vieira

Diretora de Sede

Como tantos candidatos, entrei para a formação sem imaginar que iria me envolver no trabalho institucional. Mas no quarto ano da formação fui “convocada” pelos colegas para assumir a representação dos candidatos do meu instituto. Ainda sem saber ao certo como desempenhar essa função, participei do Encontro Nacional de Candidatos em Fortaleza. Costumo brincar e dizer que “Fortaleza mudou minha vida”. Com essa experiência o universo da minha formação se ampliou enormemente; a formação vai muito além do dia a dia no instituto, dos seminários, análise, supervisão, trabalhos. Há uma rede de pessoas interessantes, com experiências e culturas diferentes, vivenciando as mesmas questões ligadas à

formação. Isso se passando num clima de respeito e amizade, com muita alegria e seriedade. Senti-me descobrindo um mundo novo, um mundo ao qual eu queria pertencer.

Sendo assim, aceitei a próxima “convocação”, integrar a nova chapa da ABC, que inaugurava uma mudança na sua estrutura. A Diretoria foi ampliada, e além dos quatro cargos já existentes (presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro), foram criados mais três: segundo secretário, diretoria de comunicação e diretor de sede. Mas o que seria “diretor de sede”? A gestão anterior conseguiu junto à Febrapsi que a ABC tivesse sua sede no mesmo endereço. Isso se mostrava um grande avanço e uma forma de facilitar os trâmites burocráticos e administrativos. Historicamente, a diretoria da ABC era do local de onde seria o próximo congresso. Continuamos assim, mas com sede no Rio de Janeiro (o diretor de sede deve ser necessariamente dessa cidade). Assim, com as facilidades tecnológicas, pudemos ter nossa diretora de comunicação no Recife.

E dessa forma, caminhando pelo quarto eixo da formação, meu universo continuou a ser ampliar. A cada encontro regional, a quantidade de trocas intelectuais e afetivas vão preenchendo a alma de uma forma que é difícil colocar em palavras. E quanta coisa a gente aprende (além de psicanálise)! Vemos como é feito um congresso, aprendemos a administrar, a construir um evento científico, a organizar um livro! Talvez algo que a maioria não saiba, é que todo mundo que assume uma função pela primeira vez não sabe como vai ser e tampouco sabe executar as futuras tarefas. Aprendemos e contamos com ajuda dos colegas mais experientes. Tem sido assim, e, ao final, saímos todos engrandecidos. Temos muito trabalho, mas também muita satisfação! Afinal, a psicanálise se desenvolve por meio das instituições e depende delas para se desenvolver. Seremos nós, no futuro, que iremos cuidar das nossas sociedades e dos nossos institutos. A inserção no quarto eixo também nos prepara para isso.

Por fim, para nós que vivemos imersos na psicanálise, que olhamos o mundo de uma forma peculiar, transcendendo aos fatos, é muito bom fazer amigos que tenham essa mesma linguagem.

Erbon Elbsocaierbe de Araújo

Primeiro secretário

Aceitar o convite para participar da diretoria da ABC no cargo de secretário teve o gosto de lançar-me num desafio cuja principal dimensão era a total imprevisibilidade, haja visto se tratar de uma experiência jamais vivenciada.

Desde os primórdios de minha formação, que antecederam todo o processo dentro do instituto, me foi confortável e prazerosa a vida institucional. A convivência com os colegas e os pioneiros da psicanálise no estado do Ceará sempre foi agradável e enriquecedora. Ainda que de certa forma, pelo meu temperamento, desfrutei e compartilhei da proximidade da instituição menos intensamente que a maioria dos colegas. Sempre foi marcante o sentimento de companheirismo e pertencimento que nos mantinha e nos mantém unidos como uma grande família.

Algo novo me haveria de ocorrer aceitando o convite.

Recentemente, confessei abertamente, por ocasião de uma conversa informal com o colega Helder Pinheiro e uma das pioneiras da psicanálise no Ceará, a psicanalista didata Maria José de Andrade Sousa, que foi participando da direção da ABC, fazendo parte de uma entidade representativa de candidatos, viajando para os encontros regionais, encontrando e conhecendo candidatos de outros estados e regiões, bem como suas instituições, que verdadeiramente vivenciei o status de candidato. Tem sido uma experiência estética valorosa para além do cargo de secretário.

Para além de desempenhar um cargo, para todos nós da direção da ABC, acredito que a missão realizada em grupo, o envolvimento e o comprometimento com a causa de representar uma comunidade com características regionais tão diferentes, não só nas questões culturais, mas também na vida institucional e de formação, deixará em nossos corações o sentimento indelével de realização, resultado da construção de uma identidade que só foi possível graças a tudo que vivemos nesses dois anos de gestão. Sinceramente agradeço ao colega de formação Walmy Silveira Pereira, que não sei por qual motivo me fez o convite; isso me proporcionou a

oportunidade de amadurecer como pessoa e como analista em formação com base na condição de candidato, e me sentindo como tal.

Foram muitos os entraves e dificuldades com os quais nos deparamos. Tivemos a oportunidade de exercitar nosso otimismo, esperança, paciência e tolerância. Saímos dessa gestão melhores: cada um de nós, a seu modo, foi capaz de dar de si o melhor que pôde, e esperamos que a próxima gestão leve em frente a nossa querida ABC, que certamente terá cara nova, mas com o mesmo propósito de representar todos os candidatos do Brasil com seriedade, responsabilidade, comprometimento e acima de tudo com muito amor.

Angélica Almada Horta Montero

Tesoureira

O ABC da Formação

Tornar-se psicanalista. Como? Quando?

Quando estaremos formados?

Este “vir a ser” terá um fim?

Dizem que serei considerada formada como psicanalista quando apresentar, após longo processo, meu segundo trabalho teórico clínico com êxito... No entanto, nesse dia, não estarei pronta. Poderei sim, sem meandros, colocar no meu cartão de visita “Angélica Almada Horta Montero – psicanalista”.

Talvez, nessa época, crie uma nova meta à frente para me sentir mais segura e assim, sucessivamente, em um contínuo crescer profissional e pessoal, seguir neste “vir a ser” já sendo...

Quando terminará minha Formação psicanalítica não posso afirmar, apenas sonhar. Mas quando esta começou, talvez tenha mais claro, foi em 9 de março de 2015 quando, por e-mail, recebi o resultado das entrevistas finais falando de minha aprovação e informando que o primeiro seminário seria dia 29 do respectivo mês, na sede da atual Sociedade Psicanalítica de Fortaleza, SPFOR.

Será que comecei aí???

Agora que refaço a pergunta, o que me parecia definido perde a nitidez. Com certeza, o início dos seminários não foi o começo desse trajeto formativo que é capaz de transformar uma pessoa em “psicanalista”!

A escolha pela psicanálise é uma história de vida, herança, experiência e busca...

A psicanálise na minha vida nasceu junto comigo em 3 de fevereiro de 1974, como filha de psicanalista... Perdão, retifico, como filha de “psicóloga clínica com escuta psicanalítica, mas que não é psicanalista por definição, já que não fez a formação oficial”. Sempre que perguntavam a profissão de minha mãe, sabia que teria que responder algo mais ou menos assim. Grande explicação bastante confusa para ser dada por uma criança, depois por uma jovem e, ainda hoje, como adulta e médica enrolo um pouco quando tenho que responder qual a “linha” da minha mãe. Difícil de entender porque ela não podia se intitular psicanalista já que havia estudado tanto sempre, recebido uma orientação direta de nomes fortíssimos da psicanálise argentina que, na época, acreditavam na possibilidade de psicólogos exercerem a psicanálise. Minha mãe foi um dos muitos psicólogos de excelência, amantes da psicanálise, que acabaram seguindo um processo formativo paralelo e próprio, não oficial, já que a entrada de não médicos ainda estava vedado nos institutos filiados à IPA.

Minha compreensão dessa condição veio se refinando com os anos embora acredite, hoje, ao escrever este pequeno texto sobre o meu caminho, que a complexidade para entender o que era “ser psicanalista” tenha tido grande influência na minha nova escolha profissional por meio da Formação.

Em nossa mesa de jantar, muitas vezes Freud “se sentava”... Não que fôssemos interpretados ou que recebêssemos seminários teóricos na vida cotidiana... Mas o conhecimento psicanalítico muda as pessoas, seu olhar para o outro, sua compreensão das relações humanas e provavelmente a maneira de criar seus filhos. Minha mãe dançava essa melodia sutil da psicanálise e nós, criaturinhas em formação, de certa forma, introjetamos muito dessa música. Por falar em música, outras alternavam no vinil e preenchiam essas ricas refeições em família marcando compassos e os meus primeiros passos. Chico Buarque, Vinicius de Moraes, Tom, Piazzola, Mercedes Sosa...

Com açúcar e com afeto, fiz seu doce predileto... Meu doce predileto sempre foi GENTE, um enorme interesse em entender, escutar, compartilhar e cuidar... Não posso deixar de contar que àquela mesa de jantar sentava-se meu pai, médico que sempre admirei. Não por coincidência, escolhi a medicina e por 17 anos mergulhei profundamente nesses mares. Porém, a escuta atenta da criança, seus pais, irmãos, seus outros sofrimentos, não necessariamente orgânicos, a cada ano ocupava mais meu interesse comparada à ausculta respiratória da pneumopediatra que era até então. Meu estetoscópio ficava ocioso já que em grande parte do tempo das consultas eu priorizava o encontro na fala dos pacientes. Resolvi me escutar e mudar.

Em 2011 assumi uma virada de vida iniciando a pós-graduação em psicoterapia de orientação psicanalítica. “Freud com certeza explica” como somos marcados por nossas experiências infantis com nossos objetos primários, não é verdade? Minha casa interna reproduzia o encontro à mesma mesa deste casamento da medicina com a psicanálise que também passou a dar lindos frutos e desafios.

O maior dos desafios foi integrar a diretoria da ABC na função de tesoureira! Confesso que planilhas, Excel, números não faziam até então parte dos vários repertórios de minha vida, eu até fugia, mudava a estação quando o ritmo era esse...

Essa parte da história começou em setembro de 2016, ainda no meu primeiro ano de seminários teóricos, quando foi necessário montar a chapa da ABC e recebi o ousado e inusitado convite para compô-la. “COMO ASSSIM? Representar mais de oitocentos candidatos no Brasil, quando ainda sou um bebê de fraldas engatinhando no meu próprio Instituto? Nem morta!! Tesoureira?? Impossível!”. “Helder e Walmy, vocês estão loucos!! Como farei isso, se nem sei ainda o que é exatamente ser um candidato? Sem falar em entender tantas entidades que não passam ainda de um conjunto de letras: ABC, Febrapsi, IPA, Ipso, Ocal, Fepal...”.

Passado o susto inicial, ficou clara para mim a importância desse projeto ao ser invadida pela forte lembrança do que, verdadeiramente, posso considerar o “ABC da minha formação institucional”. Em março de 2015, concluído o ano de análise exigido como aspirante à candidatura, estava ansiosa pelo início das atividades acadêmicas quando recebo a

notícia que nós da “turma quatro” estávamos autorizados a participar do “Encontro nacional e regional da ABC” que aconteceria em Fortaleza uma semana antes da nossa aula inaugural no instituto. Empolgadíssima em adiantar uma semana “meu início” não tinha ideia do que era aquele evento e muito menos o que seria “ABC”.

Acabara de sair do útero na condição de candidata, estava frágil, desamparada e despreparada para o futuro que me aguardava. Naquele 20 de março de 2015 experimentei o impacto de fazer parte de um corpo maior, já estruturado, que poderia me ajudar a simbolizar tantas coisas novas. Minhas mais variadas angústias, dúvidas íntimas estavam nas mesas de discussão, nos trabalhos apresentados, buscando e recebendo novas representações. Escutar colegas de todo o Brasil debatendo de forma tão franca e próxima alguns dos temores que para mim ainda não tinham muita forma nem nome foi estruturante.

Diferente do que imaginava, não era um congresso psicanalítico, era um grande e valioso encontro. Encontro único, indispensável e fundamental entre os candidatos.

Inundada por um sentimento de proteção e contenção percebi que não estava só na construção futura dessa identidade analítica. Além dos psicanalistas didatas e dos demais membros do instituto que nos acolheriam nessa jornada, teria pares para compartilhar as ansiedades e conquistas desse longo processo de formação. Um valioso sentimento “de pertencer” que não tem nome em português e sim em espanhol, *pertenencia*, tinha nome aqui: Associação Brasileira de Candidatos.

A lembrança desses dois dias veio junto da certeza que eu devia à ABC muito, e por isso em 1º de janeiro de 2016 estava junto de um grupo querido, criativo e aberto, da atual diretoria da ABC, recebendo o bastão e a responsabilidade de representar todos vocês neste biênio que está por acabar. Espero poder colocar em prática uma das minhas bandeiras que é garantir a todos os candidatos uma experiência inaugural próxima à minha. Acredito que seria um grande avanço se todos os Institutos pudessem incluir em suas atividades para a recepção de novos candidatos um momento de apresentação das entidades representativas e suas funções, convidando-os para já fazer parte deste universo tão rico.

Pouco nítidos são os limites de início e fim do formar-se psicanalista. Agora, há uma data exata em que garanto ter sido o meu “beabá”, ou porque não dizer meu “ABC” no universo do “quarto eixo”: 20 de março de 2015. Um dia marcante, emocionante em todo esse percurso institucional que não precisa de data para acabar.

Participação especial



Por uma formação analítica suficientemente má

Roosevelt Cassorla,¹ Campinas

Resumo: vicissitudes da formação analítica são discutidas a partir de estudo dos vínculos emocionais. São exemplificadas relações L, H e K, dentro do candidato e na instituição formadora. Algumas ironias de Kernberg em relação a como “destruir a criatividade dos candidatos” são abordadas.

Palavras-chave: formação analítica, candidatos, vínculos emocionais, ataque aos vínculos, Bion, Kernberg

O estudo de fatos com inúmeras variáveis, como ocorre com a formação analítica, esbarra na complexidade e na conseqüente relativização dos fatos observados.

Diante da complexidade da realidade a mente humana tenta discriminar, separar e isolar determinados aspectos, como fatos e fenômenos que, ao serem nomeados, são incluídos na rede simbólica do pensamento. Se, por um lado, a discriminação facilita o pensamento, essa mesma discriminação dificulta o contato com a complexidade.

Sendo o campo de observação produto da capacidade do observador, torna-se evidente que este, o observador (que faz parte do campo), influencia os fatos observados. Por outro lado, aquilo que é observado, enquanto é observado, já se transformou, tanto por estar em constante movimento como porque o próprio processo de observação já transformou o observado.

As ideias acima, que foram aplicadas inicialmente à descrição do que ocorre no campo analítico (Cassorla, 2016), podem ser ampliadas,

1 Membro efetivo e didata da SBPSP e do GEPCampinas.

com mais razão, para o que acontece dentro das complexas relações institucionais que ocorrem durante a formação de psicanalistas. Restrinjo-me a minha experiência em entidades filiadas à IPA. Outros colegas terão experiências diferentes. Meu objetivo, portanto, é participar de um debate em que as variadas observações e hipóteses possam fertilizar-se entre si.

Um candidato, eufórico, me conta que um dos avaliadores de seu trabalho final de formação lhe disse: “teu trabalho está perfeito. Não tenho nada para acrescentar ou perguntar”. O candidato mostra-se orgulhoso, e sei que está dividindo sua alegria comigo.

No entanto, senti-me constrangido e não pude, na ocasião, dizer-lhe o que me passava pela mente. Que um trabalho psicanalítico “perfeito”, que não estimula questionamentos e problematizações, não pode ser um bom trabalho psicanalítico. Não existem sessões analíticas ou trabalhos analíticos impecáveis. Por vezes nos defrontamos com apresentações em que se pode suspeitar que o apresentador maquiou o material clínico. Principalmente suas próprias intervenções. Até emoções podem ser “teatralizadas” visando enganar a plateia, ainda que isso nem sempre seja consciente. O ouvinte psicanaliticamente treinado duvida que essa sessão tenha ocorrido dessa forma, ou mesmo que tenha ocorrido.

Como conheço o candidato, sei que ele deve ter-se apresentado em forma genuína. O mais provável é que o avaliador estivesse perturbado e, preguiçosamente, tivesse perdido a capacidade de “sonhar” o trabalho, não podendo ampliar seu significado.

As hipóteses efetuadas não podem ser validadas. Não sabemos o que realmente ocorreu. Os fatos estão sendo aproveitados para introduzir um aspecto da formação analítica – a destrutividade. Ela faz parte da vida, das instituições, e solicita sua identificação, o mais precocemente possível.

A situação exemplar mostra-nos algumas vicissitudes do campo da formação. Identificamos um candidato, seu trabalho, um avaliador e as relações emocionais entre eles. Existem outras variáveis: os demais candidatos, os professores, os membros, os didatas, os funcionários. Estes são os representantes visíveis do campo da formação. Interessa-nos o menos visível – aquilo que é sentido, mas não necessariamente pensado, ou seja, as

relações emocionais. As emoções com as quais os candidatos relacionam-se consigo mesmos, com seus analistas, seus professores e supervisores, com a cultura da instituição, com a cultura da sociedade em que vivem, com o resto do mundo. Essas relações estão em constante movimento e transformação. Por isso, diagnósticos que servem para um determinado momento não são mais válidos no momento seguinte.

Lembremos que seres humanos relacionam-se por meio de emoções. Mais ainda, eles se constituem graças ao encontro com o outro. Não existe bebê sem mãe (ou mãe sem bebê), analista sem paciente, professor sem aluno, instituição sem seus membros, instituição sem objetivos, ainda que esses objetivos possam ser confusos.

Utilizemos, como modelo auxiliar, a nomenclatura de Bion para os vínculos emocionais. Existem os positivos, aqueles que promovem desenvolvimento e estão do lado de Eros. E os negativos, que atacam esse desenvolvimento, de Tânatos. Lembrando que, para que a vida não se engesse (morte em vida), deve existir um ataque ao engessamento, e esse desligamento se faz graças à pulsão de morte que, nessa situação, está do lado da vida.

Lembremos como se constitui a capacidade de pensar, a capacidade de dar significado, de sentir-se vivo num mundo em que os significados buscam constante ampliação. O pensamento propriamente dito é criado quando existe frustração – quando da ausência de satisfação. A mãe suficientemente boa tem que ser também a mãe suficientemente má, aquela que frustra. Para que haja vida tem de ocorrer desligamento, que leve a novas ligações. Mas, quando o desligamento é tal, que impede novas ligações – por exemplo, quando há excesso de frustração –, o não significado, o pavor de não existir, a morte, torna-se preponderante. Lembrando que pulsões de vida e de morte estão fusionadas. Dessa forma, quando as primeiras predominam ocorre ligação, e amplia-se a capacidade de dar significado ao mundo (interno e externo). Quando predomina a pulsão de morte, o desligamento ocorre. Mas, como vimos, ele também pode ser necessário.

Na situação relatada (o trabalho do candidato) não houve frustração, e o candidato pode acreditar que sabe tudo, que ele é perfeito, que não

tem mais nada para aprender. A pulsão de morte predomina, e não se pode aprender da experiência.

Os vínculos que ligam são descritos com L (*love* – amor), H (*hate* – ódio) e K (*knowledge* – conhecimento). Suponhamos um afeto amoroso com a psicanálise, um vínculo L. Ao mesmo tempo, um afeto de ódio (H) contra tudo o que ataca meu vínculo amoroso. Odeio que minha formação seja burocratizada, seja mentirosa, seja rígida, seja fraca, que mate meu desejo de sonhar e conhecer (K). A função da instituição é fazer com que esses vínculos positivos se transformem e estimulem K. Mais que conhecer, desejo que a instituição me ajude a tornar-me alguém-com-a-psicanálise, introjetada e tornada *minha*. Nessa área, eu-sou-psicanálise. Mas ciente de que *eu-psicanálise* está em constante movimento e transformação, aberto para fertilizar e ser fertilizado pelos *outros-psicanálise*. Se receio o outro, se o deprecio, se não me deixo fertilizar (nem fertilizo), é sinal que os vínculos negativos tornaram-se predominantes.

Portanto, quando as relações entre as diferentes partes da instituição são o resultado de vínculos predominantemente positivos ocorre desenvolvimento. Da psicanálise, da instituição, de seus membros. Desenvolvem-se criatividade, Ser, vida. Quando os vínculos negativos (*minus*) superam os positivos, nos encontramos em áreas de desvitalização, de psicose, de perversão, de morte – da psicanálise, da instituição, do Ser.

Um exemplo de vínculo –L (*minus* L) é o amor deturpado que ataca a vida. Como ocorre na situação do trabalho e do candidato. O suposto amor (“trabalho perfeito”) é perverso. Mães superprotetoras infantilizam e promovem psicose perversa. Uma instituição que facilita, seduz, idealiza faz o mesmo com o candidato. A idealização da instituição pelo candidato é a outra face da moeda. Todos vivem no melhor dos mundos. A única coisa a fazer é usufruir dessa fantástica instituição, em que existe tudo de melhor. Os candidatos também se acham os melhores. A capacidade crítica se perde.

Nessas situações observa-se que ocorreu uma cisão. Uma parte idealiza. A outra parte da cisão, a persecutoriedade, é projetada em outras instituições ou formações. Elas são as ruínas. Outras vezes partes cindidas são

projetadas em aspectos da própria instituição: uma parte é idealizada (meu grupo, meu analista, meus professores, minha teoria) e a outra se torna depreciada e, por consequência, persecutória (os outros).

É evidente que a cisão pode ser sadia quando uma parte da instituição é realmente perversa. Por vezes novas instituições se formam por esses motivos. No entanto, não é fácil saber se a perversão é real ou é fruto de projeções. Não raro novas instituições repetem a trajetória anterior, mostrando a força da compulsão à repetição.

O leitor pode inverter o raciocínio. Quando nos defrontamos com uma instituição que se deprecia, se ataca, vemos que ela não se desenvolve e sente-se inferiorizada. As outras são vivenciadas como “muito melhores”. Sem capacidade para pensar sobre sua realidade ou sua autodepreciação, a instituição não se pode desenvolver. Por vezes, a “culpa” é projetada nos candidatos, nos professores, na sociedade, nos “outros”. A instituição corre o risco de esterilizar-se quando se ataca a capacidade de pensar sobre o que está ocorrendo.

Oponhamos a cisão destrutiva a uma barreira criativa, em que ambos os lados se comunicam e se fertilizam. Toma-se consciência das diferenças e se dialoga, busca-se enriquecimento mútuo. Ou, caso os obstáculos teóricos ou emocionais sejam muitos, continua-se respeitando o outro em sua alteridade.

O vínculo –H (*minus* ódio) revela-se, por exemplo, na hipocrisia, a mentira que serve para manter unido o inconciliável, como sedução perversa. A simbiose mortífera ataca o desligamento, a separação, a triangularidade. –L e –H se unem e atacam a capacidade de Ser. Instituições podem dificultar que seus membros sejam livres para ser eles-mesmos. Para que questionem, criem, se desenvolvam. Obstáculos são postos, evita-se o contato com pessoas que pensem diferente, estimula-se a repetição das mesmas ideias, sem questionamentos. A discussão científica é desestimulada ou, quando ocorre, os trabalhos são atacados de forma tal, que o pensamento é paralisado.

O vínculo –K (*minus* conhecimento) deturpa o saber, perverte as ideias, que são transformadas em instrumentos destrutivos da capacidade

de pensar. Excesso de normas ou regras perversas serve para destruir a criatividade. A onisciência psicótica predomina. Não se podem questionar as ideias de fulano ou beltrano, porque ele é “autoridade”. Lembremos que esses fatos nem sempre são conscientes.

Todos os vínculos, positivos e negativos, interagem permanentemente. A predominância dos negativos, como vimos, resulta em ataques ao pensamento, perversão e, por vezes, perversidade. A verdade é corrompida. Aceitam-se as regras, mas elas não são cumpridas. A esperteza é valorizada, e quem cumpre o combinado é considerado otário. A instituição, a psicanálise e Ser não mais existem como tais. Pode ocorrer que grande parte da instituição não se dê conta do que está ocorrendo. Por isso a convivência com outras pessoas e outras instituições pode fazer-nos perceber o que está ocorrendo na nossa. A descoberta do escondido ou reprimido acontece na relação intersubjetiva.

No Congresso Internacional de Psicanálise em Praga conversei com um analista tcheco que nos contava como trabalhava durante o regime comunista. Para nossa surpresa, disse-nos que na Faculdade de Medicina, onde ele trabalhava, o professor titular de Psiquiatria era um entusiasta da psicanálise. Ele dizia que a psicanálise era ótima. Apenas havia que jogar fora todas as ideias de Freud... Estamos diante de -H, -L e -K.

O mesmo colega contou que, quando os russos saíram e as fronteiras com a Alemanha foram abertas, os tchecos pegavam a estrada e, ao chegarem à fronteira, não sabiam o que fazer. Antes havia soldados armados que examinavam cuidadosamente os difíceis documentos de autorização. Ao verem a fronteira livre ficavam paralisados como animais condicionados que não conseguiam seguir adiante.

Instituições devem estimular coragem, desafio, amor à verdade, vida, desenvolvimento. Senão o candidato, futuro analista, não seguirá além das fronteiras, que muitas vezes já faziam parte dele mesmo.

Termino este trabalho aproveitando as ideias de Kernberg (1996), que publicou um corajoso trabalho intitulado “Trinta maneiras de destruir a criatividade dos candidatos à psicanálise”. (O texto pode ser encontrado

na Internet.) Kernberg foi presidente da IPA, e esse texto abriu as portas para iluminar fatos que estavam escondidos.

Escolhi sete de suas trinta ironias:

1. “Os supervisores poderão desenvolver uma função crucial na inibição da confiança dos candidatos em seu próprio trabalho e na possibilidade de aprender com a própria experiência. É importante que os supervisores falem o menos possível. De fato, pode ser útil o candidato sentir uma continuidade natural entre sua condição de paciente de análise e sua posição de supervisando. A escuta cuidadosa e silenciosa do supervisor à apresentação do trabalho do candidato com seus pacientes, com um ocasional comentário ilustrando o que o candidato fez de errado, pode manter o candidato numa saudável incerteza e humildade em relação a seu próprio trabalho. Seu esforço para construir, para si mesmo, a moldura mental que determina as opiniões de seu supervisor ocupará sua mente, a ponto de influenciar significativamente o trabalho com seus pacientes. O candidato deve sentir que é absolvido dos graves erros de seu trabalho caso siga os conselhos de seu supervisor sem questioná-los e demonstre ao supervisor que fez o tipo de interpretação que ele entendeu que o supervisor teria feito naquelas circunstâncias. Este desenvolvimento prevenirá o perigoso processo pelo qual o candidato poderia integrar para si mesmo uma teoria ou um enfoque pessoal da técnica por ele mesmo desenvolvido e modificado criativamente ao testá-lo na situação do tratamento, tendo em conta o desenvolvimento autônomo de seu paciente. Se os supervisores nunca se reúnem para discutir seus enfoques pedagógicos e educacionais quanto à supervisão, e se uma cisão completa é mantida entre a instituição que ensina técnica psicanalítica e os supervisores dos casos de controle, um caos e uma confusão produtivos podem fazer o candidato concluir que demorará muitos anos antes que ele possa dominar suficientemente bem as técnicas analíticas para ousar contribuir criativamente com elas.”

Interrompo Kernberg e, como contraponto a sua ironia, trago uma frase de Bion (2016): “Quando eu tentei supervisionar pessoas que me procuraram para supervisão como parte da formação, eu sugeri que elas não

deveriam preocupar-se muito com aquilo que eu ou qualquer outra pessoa pudesse pensar sobre suas contribuições, mas deveriam sustentar as próprias interpretações sobre o material que me apresentavam. Percebi que, em geral, elas ficam muito desconfiadas e ansiosas para produzir uma interpretação que tenha a bênção de alguma autoridade psicanalítica, ou que pensavam que eu as pudesse aprovar, caso eu fosse essa autoridade psicanalítica possuidora de uma aura de importância e influência ... “Fique à vontade para dizer o que quiser; por favor, não deixe de expressar aquilo que você pensa ou imagina ser o significado do que me relatou” (pp. 55-56).

Retornemos a Kernberg e suas ironias.

2. “Um certo grau de medo paranoide, que é a contraparte dos processos de idealização desencadeados pela análise didática, permeia a maioria das instituições psicanalíticas, mas é importante lembrar que, de fato, toda organização social luta com tais desenvolvimentos. Esse medo paranoide pode contribuir para desencorajar os candidatos no que diz respeito a qualquer trabalho independente, a iniciativas corajosas ou pesquisas desafiadoras. Felizmente, não é difícil estimular os medos paranoides com variadas medidas. A mais eficaz tem sido o depoimento do analista didata sobre o desenvolvimento dos candidatos em análise com ele. A tradição dos analistas didatas relatores, ou seja, de que analistas didatas informem o comitê educacional sobre a habilitação de seus analisandos para começar os cursos teóricos ou assumir seu primeiro caso de supervisão etc., tem sido o instrumento inventado dentro da formação psicanalítica que mais gera paranoia. É lamentável que esse instrumento tenha sido eliminado e até mesmo considerado antiético pela maioria dos institutos psicanalíticos. Afortunadamente, a incontrolável tendência de alguns analistas didatas de indicar com sutis gestos e sem dizer uma palavra o que efetivamente sentem sobre seus candidatos ainda continua viva. Essa atitude pode ser alimentada pela utilização do sistema do ‘telefone sem fio’, ou seja, a utilização do que os candidatos dizem para seus analistas didatas sobre o que outros candidatos dizem a respeito deles, como um modelo para

movimentos de retaliação por parte desses analistas didatas. Pelo menos, o medo das consequências de um comentário descuidado é um saudável suporte para desenvolvimentos paranoides.”

Meus comentários (Cassorla): felizmente hoje, na maioria das instituições, o didata deve manter sigilo sobre o trabalho com seu paciente. Noto, entretanto, que candidatos que estão passando por uma fase de transferência negativa ou competitiva podem comentar sobre as “deficiências” de seu analista, na Instituição. Essa conduta perversa, permeada de “fofocas”, atrapalha o funcionamento institucional, porque suas “informações” podem ser utilizadas em forma maléfica. A relação analítica deve ser mantida sigilosa por ambos os membros da dupla. Se o candidato tiver dúvidas sobre a realidade de suas percepções deve aconselhar-se, sigilosamente, com membros postos à disposição pela Instituição. O mesmo deveria ocorrer em relação a avaliações de professores e supervisores. Se as conversas diretas não derem resultado, a Instituição deverá ser utilizada, em forma eticamente discreta.

3. “Reforce os rituais da formação por quaisquer meios inteligentes que lhe possam ocorrer: este é um campo com grandes potencialidades. Por exemplo: você pode pedir ao candidato para escrever um caso visando a apresentação final e então submeter este manuscrito a numerosas revisões e correções. Com isso, o candidato adquire um saudável respeito pelas enormes dificuldades inerentes à escrita de um trabalho aceitável para publicação. Ou, ainda, peça ao candidato para apresentar um trabalho à Sociedade Analítica. Os debatedores desse trabalho deverão ser os membros mais antigos e graduados daquela Sociedade, que não terão, eles mesmos, escrito qualquer coisa há muito tempo. As exigentes expectativas quanto ao que deveria ser incluído num trabalho científico devem ser comunicadas por meio de uma crítica exaustiva da apresentação do candidato. Uma variante disso é fazer com que um comitê constituído por aqueles analistas mais velhos transmita ao candidato essa mesma avaliação. Em alguns países, efeito semelhante tem sido alcançado por meio de voto secreto

por parte de todos os membros da Sociedade, decidindo se o trabalho do candidato é aceitável e preenche os critérios para a admissão na própria Sociedade. Quando divisões políticas significativas dentro desta fazem com que os jovens candidatos automaticamente se inclinem para o grupo de poder do seu próprio analista didata, o trabalho científico com o qual pleiteia admissão pode transformar-se numa excelente fonte de ansiedade sobre os perigos ligados ao trabalho científico.”

Meus comentários (Cassorla): felizmente os candidatos têm sido estimulados a escrever. Preocupa-me, porém, o fato de que a seleção de trabalhos para os Congressos da Febrapsi, até mesmo os de Candidatos e da FEPAL, leve em consideração aspectos financeiros. Isto é, os comitês avaliadores tendem a aceitar a maior parte dos trabalhos, mesmo aqueles que deixam a desejar, visando aumentar o número de participantes (e o \$) dos Congressos. Esse fato faz com que muitos candidatos e analistas acreditem que seus trabalhos, por terem sido aceitos, são bons. Quando mandam o mesmo texto para uma revista séria, descobrem que serão rejeitados ou se lhe fazem críticas numerosas. O candidato, antes orgulhoso, ao sentir-se frustrado, passa a atacar a revista ou cria teorias conspiratórias. O ideal é que a seleção de trabalhos seja fruto também de uma avaliação suficientemente boa/má.

4. “Enfatize a ideia de que são necessários muitos anos de experiência clínica para que o entendimento da teoria e da técnica psicanalíticas, sem falar nas aplicações da psicanálise em outros campos, esteja profundo e sólido o bastante para justificar a tentativa de alguém querer contribuir com a ciência da psicanálise. Levante delicadamente, mas sem delongas, a questão de até que ponto as tentativas do candidato de não só apresentar trabalhos, como de desejar publicá-los, podem refletir uma competitividade edipiana ou conflitos narcísicos mal resolvidos. Se jovens analistas publicam raramente e se precisam que os analistas mais velhos aproveem seus manuscritos antes de enviá-los para publicação, este costume pode vir a ser um consenso estabelecido entre os candidatos e pode reforçar seu medo de publicar. Naturalmente, evite estimular os candidatos a expor alguma ideia própria

nova ou original em seu próprio trabalho; a escrita deve ser uma obrigação desagradável, nunca um prazer ou uma fonte primária de orgulho em contribuir para a ciência da psicanálise enquanto ainda estudante.”

Meus comentários: escrevam, enviem a revistas sérias, aceitem as contribuições dos avaliadores, pensem sobre elas, melhorem os trabalhos. Esse aprender com a experiência é muito útil. Lembrem-se, por outro lado, de que muitas reuniões científicas ou apresentações em Congressos não passam de “pequenas festas” em que os amigos do apresentador fazem elogios e elogios. Raramente, em nosso meio, vemos críticas bem fundamentadas que contribuam para desenvolver o pensamento e tornem os trabalhos melhores. Temos que denunciar a cultura do “elogio fácil”, que, por vezes, se contrapõe a ataques violentos e invejosos.

5. “Tente manter a corporação de estudantes relativamente uniforme em termos de suas aspirações profissionais. O verdadeiro analista deveria desejar praticar exclusivamente a psicanálise, usufruir da liberdade de trabalhar em seu consultório com pacientes em análise e deveria ter aversão a diluir o verdadeiro trabalho analítico aplicando-o em outros ramos de suas atividades profissionais, tais como o desenvolvimento de trabalho psicoterapêutico com pacientes gravemente regredidos, crianças, psicóticos ou participantes de estudos acadêmicos fora do enquadre analítico, bem como desenvolver pesquisas, assumir liderança institucional ou participar das artes. Os maiores desafios à teoria e à técnica psicanalíticas ocorrem nas fronteiras de nosso campo profissional, e a evitação de investimento em tais lugares fronteiraços protege não apenas a pureza do trabalho psicanalítico, mas também o aparecimento de questões desafiadoras e potencialmente subversivas ligadas aos limites e às aplicações da psicanálise. Evite aceitar e treinar o dissidente que deseja aprender psicanálise para aplicá-la em outros campos profissionais, o filósofo interessado nas fronteiras entre a compreensão filosófica e a psicanalítica, o pesquisador empírico desejoso de complementar seu background neuropsicológico. Se a seleção cuidadosa de candidatos for levada a cabo adequadamente, você pode então tolerar uns poucos alunos “especiais” interessados nos aspectos

intelectuais da psicanálise. Mas você deve mantê-los claramente separados do grupo dos “verdadeiros” estudantes, deve limitar suas presenças nos seminários clínicos e, para resumir, deixe-lhes claro que existe um fosso entre a “verdadeira” formação analítica e os empreendimentos “secundários”. Não dê “treinamento clínico parcial” para acadêmicos de outros campos, que deverão sempre sentir sua desaprovação ao trabalho clínico não autorizado e compreender a impossibilidade de, em algum momento, ter pleno conhecimento da psicanálise sem participar do programa de treinamento clínico integral.”

Meus comentários (Cassorla): interessem-se pela psicanálise que pode ser aplicada para além dos consultórios. Penso que as Sociedades devem aceitar outros profissionais que não médicos e psicólogos, se tiverem experiências válidas com análises pessoais. Motivos legais devem ser levados em conta, mas eles costumam servir para evitar a diversidade. Lembremos que Melanie Klein, Betty Joseph, e tantos outros psicanalistas criativos não foram médicos nem psicólogos, incluindo nossas pioneiras Virginia Bicudo e Lygia Amaral.

Penso que a ideia de que os analistas em formação devem atender apenas “neuróticos” precisa ser discutida. Nossa clínica é de pacientes borderline e psicóticos. Mesmo o número de sessões aplicáveis a esses pacientes deve ser questionado. Essas propostas implicam mudanças profundas na estrutura da formação aceita pela IPA. Evidentemente, estas são minhas opiniões, que serão questionadas por outros.

6. “Remeta ‘para o divã’ todos os problemas envolvendo professores e estudantes, seminários e supervisões, conflitos entre os candidatos e a instituição. Não esqueça que as atuações da/na transferência são a maior complicação na formação analítica e que há sempre elementos transferenciais em todas as insatisfações dos estudantes. A inarticulada pressão do candidato no que diz respeito a questões desafiadoras, a pensamento imaginativo ou a desenvolvimento de formulações alternativas usualmente tem profundas raízes transferenciais, que deveriam ser resolvidas

na situação analítica pessoal. Isso significa também que a instituição deve manter-se coesa; os professores devem permanecer unidos ao serem confrontados com desafios individuais ou grupais de estudantes. Um corpo unido de professores proporciona uma estrutura firme e estável contra a qual as regressões transferenciais do grupo de estudantes podem ser diagnosticadas e enviadas de volta à sua experiência psicanalítica individual.”

7. “Todos os princípios e recomendações mencionados não serão suficientes se o corpo de professores estiver, ele mesmo, imbuído do espírito de criatividade. É uma tarefa difícil, mas não impossível, a de inibir a criatividade dos professores. Professores cuja criatividade esteja inibida serão a melhor garantia de reproduzir tal processo inconscientemente na relação com os alunos. Este é seu maior desafio: o que você pode fazer na Sociedade de Psicanálise para inibir a criatividade de seus membros? Por sorte, uma longa experiência nos tem ensinado que a hierarquia presente no processo de formação pode ser facilmente estendida para a estrutura social da Instituição psicanalítica e pode ser muito eficaz. Aqui, o que é particularmente útil é o desenvolvimento de poderosas barreiras em cada passo da evolução do candidato – de aluno do instituto a membro associado, membro efetivo, analista didata, participação no comitê de ensino e coordenação dos seminários regulares. Deixe claro que é evidente que a lealdade aos poderosos grupos políticos é mais importante para conseguir tais desenvolvimentos do que as reais conquistas profissionais e científicas. Deixe patente que as maneiras de progredir de um estágio para outro são incertas e indefinidas o suficiente para manter um constante clima de insegurança e paranoia na sociedade. Tenha frequentes votações secretas para determinar o progresso dos candidatos em todos os níveis, deixando evidente para todos que tais votos são influenciados pelos processos políticos em seu grupo” (pp. 152-155).

As ironias descritas nos alertam para a necessidade de identificá-las, pensá-las e transformá-las. Imagino que o colega que leu essas

“recomendações” deve estar aliviado ao perceber que essas formas de destruir a criatividade dos candidatos não fazem parte de sua instituição, ou, pelo menos, ela está consciente desses riscos. No entanto, o trabalho de Kernberg aplica-se a muitas instituições que existem em outros países (e a partes de nossas instituições).

Candidatos e membros devemos ficar alertas. Participar dos colegiados, discutir criativamente entre nós, unir-nos em atividades e congressos fora da Instituição, participar de associações, como a de Candidatos. Enfim, estar disponíveis e curiosos para conhecer, unindo L, H e K. O respeito à alteridade é a condição para a fertilização mútua e o desenvolvimento.

Referências

- Bion, W. R. (2016). *Domesticando pensamentos selvagens*. São Paulo: Blucher-Karnac.
- Cassorla, R. M. S. (2016). The dreaming field. In S. M. Katz, R. M. S. Cassorla, e G. Civitarese (Eds.), *Advances in Contemporary Psychoanalytic Field Theory: Concept and Future Development* (pp. 91-112). Londres: Karnac.
- Kernberg, O. (1996). Trinta maneiras de destruir a criatividade dos candidatos à psicanálise. *Livro Anual de Psicanálise*, 12, 151-160. Também em *Percurso*, 23, 13-24.

Roosevelt Cassorla
roocassorla@gmail.com

Morte e vida: fronteiras da formação no Brasil



Morte e vida: severinos em formação psicanalítica

Raquel Lopes Rios,¹ Belo Horizonte

Resumo: Inspirada no poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, a autora reflete sobre as semelhanças entre sua trajetória e de seus colegas, com a do retirante pernambucano Severino. Busca pensar sobre os movimentos pulsionais de morte e vida dentro do consultório, da instituição psicanalítica e análise didática, endossando a ideia de que esses movimentos de construção e desconstrução possibilitam a formação de uma identidade analítica de forma única e criativa.

Palavras-chave: psicanálise, formação psicanalítica, morte, vida, poema

Ao ler o tema proposto pela Associação Brasileira de Candidatos (ABC): “Morte e vida: fronteiras da formação no Brasil”, imediatamente me remeteu a *Morte e Vida Severina*. A princípio me pareceu apenas uma associação semântica com o título do poema de João Cabral de Melo Neto, mas, como o inconsciente não é tão simples e direto assim, busquei compreender melhor qual a possível semelhança entre minha (possivelmente nossa) trajetória na formação psicanalítica e a trajetória de Severino, personagem principal da obra, que deixa o sertão da Paraíba rumo a Recife em busca de melhores condições de vida.

Ocorreu-me aí que eu também, ainda menina-moça, cedo saí do sul de Minas e rumo à capital me despedi do interior, sonhando alto com futuro promissor. Sei também de casos parecidos, colegas meus saem de longe, deixando em casa maridos, mulheres e filhos. E logo no começo do texto noto que contaminam minha escrita um ritmo e rima, talvez como

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (provisória). Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre em Literatura de Língua Portuguesa também pela PUC Minas.

tentativa de adoçar e cadenciar essa tarefa às vezes amarga de falar e escrever da vida como Severina. Desse lado, dela sabemos todos, isso também nos aproxima e de alguma maneira vimos na Psicanálise um caminho para trilhar nossa sina. Nas palavras de Severino:

Somos muitos severinos
iguais em tudo na vida e na sina: a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
(Melo Neto, 2016, p. 20)

No poema de João Cabral, o retirante afirma que o que o motivou a caminhar rumo ao litoral não foi a grande cobiça, mas que apenas buscou defender sua vida de “tal velhice que chega antes de se inteirar trinta.” (p. 42). Penso que também nós não buscamos no ofício psicanalítico apenas uma profissão, ou meio para ganhar nosso pão de cada dia, há também o desejo de defender nossa própria vida, do que o personagem nomeia como “chama mortíça”.

Para isso, em nossas análises, adentramos territórios tão diferentes, alguns férteis, de terra branda e macia, outros desérticos e vazios de nossa própria mente. No poema, alertam alguns personagens que

Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.
(Melo Neto, 2016, p. 39)

A travessia é longa e, para não se perder do seu destino, o paraibano conta com o que aprendeu com as ladainhas:

Antes de sair de casa
aprendi a ladainha
das vilas que vou passar
na minha longa descida.
(Melo Neto, 2016, p. 26)

Lembro-me também de que, ao longo dos seminários, aprendemos inúmeras teorias, alguns as têm na ponta da língua, com a esperança de que assim não se perderão no caminho. Mas, na caminhada prática, surge o inesperado e desconhecido, e sendo assim nos alerta Severino:

Vejo agora: não é fácil
seguir essa ladainha;
entre uma conta e outra conta,
entre uma e outra ave-maria,
há certas paragens brancas,
de planta e bicho vazias,
vazias até de donos,
e onde o pé se descaminha.
(Melo Neto, 2016, p. 26)

É porque o encontro conosco, e com nossos pacientes, carrega algo novo e sempre surpreendente, para o qual não há ladainha, teoria, nem mesmo um único teórico que nos dê a certeza de ser o melhor guia.

O que surpreendeu mais o retirante foi que, em seu caminho por busca de vida, deparou-se com muitas privações, miséria, injustiça. Em suas palavras:

Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só a morte tem encontrado

quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).
(Melo Neto, 2016, p. 29)

Conosco não é diferente, nos deparamos com a morte em suas múltiplas faces, não somente no dualismo pulsional. As injustiças sociais e políticas dão as caras, e a fome de contato humano denuncia a miséria emocional.

Percorremos com nossos pacientes trechos tortuosos, áridos, por vezes mangues de libido lamacenta. Somos por eles inundados de emoções, e me pergunto: até quanta pressão de água uma barragem – mente continente² – aguenta?

Sobre nós, candidatos, ecoa enorme pressão: dos inúmeros conteúdos projetados pelos pacientes, mas também pelas exigências da própria formação – relatórios, apresentação de seminários clínicos, transcrição de sessão e as contadas horas de supervisão... Se o paciente oficial interrompe tratamento, haja coração! Haja mente e força para suportar dores e frustração.

Mas, durante seu percurso, Severino aprende que é justamente ela, a morte, maior empregadora do sertão. É a ela que devem empregos, do médico ao coveiro, da rezadeira ao farmacêutico. Em busca de trabalho, ele encontra com uma mulher que se não é rica, parece remediada ou dona de sua vida, que lhe avisa:

- 2 Bion (1991) desenvolve o modelo continente-conteúdo para compreender e expressar os acontecimentos intrapsíquicos e intersubjetivos, referindo ser a relação de continente (♀) – conteúdo (♂) que possibilita o bebê investigar os seus próprios sentimentos numa personalidade forte e suficiente para os conter, considerando como continente o lugar onde o objeto é projetado e conteúdo o objeto projetado. Refere ser por meio da identificação projetiva que um conteúdo (elementos β) é projetado para dentro de um continente, que acolhe, contém temporariamente, transforma pela função de *rêverie* e o devolve sob a forma de elementos α, passível de ser nomeado, pensado e sonhado.

Como aqui a morte é tanta,
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.
(Melo Neto, 2016, p. 35)

Penso que a dor psíquica também é matéria-prima do nosso ofício analítico. Não podemos desconsiderá-la, ou apenas remediá-la, e sim nos aventurarmos a atravessá-la. Seu José, mestre carpina, em uma conversa com Severino, diz:

sei que a miséria é mar largo,
não é como qualquer poço:
mas sei que para cruzá-la
vale bem qualquer esforço
(Melo Neto, 2016, p. 53)

Lembrei-me especialmente de um momento com um paciente em grave depressão: ele me questionava por que tanto trabalho se a morte tornava tudo em vão. Fui tomada por um profundo desânimo; no fundo do poço, peguei impulso e disse a ele que sentia como valiosa aquela vivência nossa, ainda que dolorosa e com a previsão de que também chegaria o final da sessão. Foi uma experiência intensa, vi que realmente mar largo e bravo teríamos que atravessar, mas pensei como José:

muita diferença faz
entre lutar com as mãos
e abandoná-las para trás,
porque ao menos esse mar
não pode adiantar-se mais
(Melo Neto, 2016, p. 54)

Essa vivência me possibilitou ver também uma beleza oculta naquela dor que nos envolvia e, se eu tivesse a sabedoria de José Carpina, esse momento nas palavras dele eu descreveria:

Belo porque é uma porta
abrindo-se em mais saídas.
Belo como a última onda
que o fim do mar sempre adia.
...
E belo porque com o novo
todo o velho contagia.
Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.
Com oásis, o deserto,
com ventos, a calmaria
(Melo Neto, 2016, pp. 63-64)

Esses versos me permitiram pensar que talvez a beleza oculta que percebia consistia no fato de que algo novo entre nós dois acontecia, gestando a possibilidade de vida nova e sadia. Ou se abriam portas e surgiam palavras para aquela sensação que nos amordaçava.

Portas se abrem, caminhos novos se apresentam e nos dão a escolha de percorrê-los; mas ao longo deles, como Severino, percebemos que também nós iremos perecer. Diante dessa triste constatação, julgando seus atos impotentes e incapazes de mudar o destino já traçado, ele questiona o mestre carpina (assim como fui questionada pelo paciente), mostrando-se desiludido e angustiado:

Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar

tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?
(Melo Neto, 2016, p. 55)

Nesse momento, no poema, ocorre uma anunciação:

Estais aí conversando
em vossa prosa entretida:
não sabeis que vosso filho
saltou pra dentro da vida? (Melo Neto, 2016, p. 56)

Então, após muitos encontros com a morte, o retirante se depara com a vida num verdadeiro esbarrão. Nasce o filho de José, o mestre carpina, que deixa a própria vida responder à pergunta de Severino, com sua presença viva. Em suas palavras:

Severino, retirante,
Deixe agora que lhe diga:
Eu não sei bem a resposta
Da pergunta que fazia,
Se não vale mais saltar
Fora da ponte e da vida;
Nem conheço essa resposta,
Se quer mesmo que lhe diga;
É difícil defender,
Só com palavras, a vida,
Ainda mais quando ela é
Esta que se vê, severina;
Mas se responder não pude
À pergunta que fazia,
Ela, a vida, a respondeu
Com sua presença viva.

E não há melhor reposta
Que o espetáculo da vida:
Vê-la desfiar seu fio,
Que também se chama vida,
Ver a fábrica que ela mesma,
Teimosamente, se fabrica,
Vê-la brotar como há pouco
Em nova vida explodida;
(Melo Neto, 2016, p. 65)

O nascimento de uma criança muda o tom do poema e parece renovar a chama da esperança. Aproximam-se amigos e vizinhos para a nova vida saldar, evidenciando a necessidade da colaboração de muitos para que uma vida possa vingar. Cada um à sua maneira e com suas limitações encontram o que ofertar. O que seria de todos nós se não pudéssemos também com muitos outros contar? Analistas, professores, supervisores e colegas, “todos irmãos, de leite, de lama, de ar” (Melo Neto, 2016, p. 58). A família cresce, ganha espaço na instituição, que, como cenário público do que acontece no privado, vivencia conflitos e também contradição. Entre as vicissitudes das relações, fenômenos de idealização e desidealização, inclusão e exclusão, e, se pertencer à IPA nos confere marco de pertencimento e características universais de formação, devemos também lutar por emancipação e não apenas por adaptação.

Participar dos congressos, eventos e associações são maneiras de nos responsabilizar pelo processo de produção de conhecimentos, em instituições com seus parâmetros e ideais, mas que para cada um ocorre de maneira singular. E por meio desses movimentos de construção e desconstrução na formação científica, junto com o amadurecimento pessoal de forma única e criativa, que vemos algo se formando: nossa identidade analítica. Ela vai se manifestando em nossos consultórios, na interação com colegas, mas também através de nossa escrita. Assim como Severino, que inicia seu percurso igual a muitos outros severinos e se torna único por meio de sua

narrativa, entramos na formação como muitos outros candidatos e vamos nos tornando únicos como analistas.

Rerer a saga desse retirante pernambucano me ajudou a perceber maior proximidade do que fronteiras entre todos nós, e refletir sobre nossos caminhos, fortalecida pelo fato de que neles não estamos sozinhos. Acima de tudo, pensar no espetáculo interno de mudança e transformação que a cada passo dado, seja para trás, frente ou lado, conquistamos nessa formação.

A travessia é singular, mas sempre importante compartilhar nossas angústias, vivências e apostas, estimando que se mantenha vivo nosso desejo de sermos analistas, e que haja sempre explosão de novas vidas.

Referências

Melo Neto, João Cabral (2016). *Morte e Vida Severina: auto de Natal pernambucano*. Rio de Janeiro: Alfaguara.

Bion, W. R. (1991). *Learning from Experience*. Londres: Karnac.

Raquel Lopes Rios

raquel.lopesrios@gmail.com

A busca da vida através da morte

Marystella Carvalho Esborgeo,¹ Ribeirão Preto

Resumo: Neste trabalho a autora discorre sobre a experiência clínica do seu segundo relatório oficial em que analista e paciente vivem a morte e o processo de luto por meio de diferentes aspectos. Em um primeiro momento é retratada a morte dos direitos civis do paciente, em um processo de interdição judicial, depois a morte da mãe e a possibilidade de entender as restrições e dificuldades dessa relação, e então o falecimento do próprio paciente. Assim, o tema da morte é abordado de diferentes formas, entretanto, salientando que para isso muita vida foi mobilizada e buscada. Palavras-chave: luto, morte, vida, relação analítica

Se queres suportar a vida,
prepare-se para a morte.
(Freud, 1915/1974, p. 339)

Introdução

O presente trabalho se desenvolveu a partir da experiência com a segunda supervisão oficial, em que a morte se apresenta de diferentes formas. O trabalho analítico, e depois teórico, representou uma busca de entendimento e de compreensão desse importante tema.

O analisando é apresentado com o pseudônimo de Dr. Frank, do personagem Frankenstein.² A obra retrata um personagem solitário que busca uma esposa, uma inserção social, o contato com outras pessoas. Está à procura de sua condição humana, o que remete ao observado da experiência emocional dentro da relação analítica (Andrade, 1996).

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, SBPRP.

2 Romance de terror gótico escrito por Mary Shelley e publicado em 1818.

Dr. Frank tinha 50 anos quando iniciamos a análise. Coursou Medicina, depois iniciou residência médica e, apesar de estudioso, não conseguiu concluir sua residência e nem permanecer em um trabalho formal. Sua vida foi intercalada com momentos de instabilidade, utilização de drogas, surtos psicóticos e internações em hospitais psiquiátricos.

Tinha características de uma pessoa inteligente, observadora e perspicaz, mas que não sabia o que fazer com as coisas que observava em si mesmo, assim como do mundo a sua volta. Estava sempre descrente e desconfiado de sua mente, e com isso facilmente desprezava e atacava suas percepções. A barreira de contato (Bion, 1966) permitia um fluxo frouxo entre o externo e o interno, consciente e inconsciente, tendo a função alfa constantemente atacada, o que dificultava o aproveitamento de suas experiências emocionais. Assim, com a falha da barreira de contato havia a predominância de elementos beta, elementos destituídos da capacidade de se vincular entre si, denominado de Tela Beta.

Acolher esses pensamentos dando um sentido, um significado de propriedade, era uma preocupação constante em nosso percurso juntos. Ao valorizar suas percepções, busco o reconhecimento do seu direito e de sua capacidade para nomear seus pensamentos, preservando, assim, sua frágil sensação de *self* sempre em processo de erosão (Ogden, 1996).

A morte dos direitos civis

No início da análise, Dr. Frank estava passando por um momento muito delicado, pois vivia o medo da morte de sua mãe devido a um câncer e a idade avançada, como também o processo de interdição judicial, que sentia como a morte de seus sonhos profissionais.

A sua sexualidade era motivo de grande preocupação, fazendo várias vezes correlatos da potência sexual como uma busca de contato e desenvolvimento. Mantinha uma rotina de masturbações compulsivas para verificar sua virilidade e o tamanho de seu pênis. Isto estaria associado a uma função auto-tranquilizadora que proporcionava sentimentos de existência,

pois o medo da morte psíquica o atrelava a uma sexualização compulsiva (Green, 1988).

Outra atividade muitas vezes compulsiva era realizar várias consultas médicas, contando mentiras e induzindo diagnósticos. Buscava desesperadamente por contato, mas de forma protegida, pois não conseguia buscar namoradas ou se relacionar com mulheres fora desse contexto médico/assistencial.

A adição sempre fez parte da sua vida: cigarro, bebidas alcoólicas, drogas, sexo, masturbação, refrigerante e água. Cada adição foi em uma fase da sua vida uma forma de aliviar a intensa angústia que o consumia. A voracidade destrói a capacidade de pensar e, deste modo, ficava sempre com a falta, com o que não tinha, consumido pelo imenso vazio que persistia dentro dele. Para McDougall (1992), a adição remete etimologicamente ao estado de escravidão, à luta do indivíduo com uma parte de si mesmo, podendo ser uma tentativa psicossomática de superar a dor mental por meio da utilização de substâncias externas que possam trazer tranquilidade e amenizar a dor do conflito psíquico (McDougall, 2013). Entretanto, isso trazia um alívio imediato; quando o efeito anestésico passava, ele tinha que se haver com o enorme vazio dentro dele.

Em alguns momentos o percebia diferente, seu andar e olhar pareciam estar em câmara lenta, acompanhados de uma fala pastosa e de difícil compreensão. Sonolento, bocejava bastante, não conseguia interligar os pensamentos. Algo inesperado invadia o *setting*, e gradativamente ficava longe dali, com sono e pensamentos sem nexos. Parecia que ambos tínhamos entrado em um buraco negro, de sensações sem palavras. E por mais que me esforçasse não conseguíamos sair dessa letargia.

A letargia seria uma sonolência mórbida, estado de sono profundo. Na mitologia Grega, no Hades (mundo dos Mortos), há o rio Letes. Diz o mito que aqueles que tocassem ou bebessem de suas águas experimentaríamos completo esquecimento. A palavra letargia vem do grego *Lethargia*, *Lethes*. *Lete* significa esquecimento e seu sentido caminharia no sentido oposto à palavra verdade. Penso ser esse o sentido desses momentos vividos

em várias sessões, a letargia que remete à morte, à incapacidade para pensar/sonhar e ir de encontro à verdade, tal como é descrita por Bion:

para Bion, verdade significava verdade emocional sobre a própria pessoa e sobre seus relacionamentos com seus objetivos. Ele parece pensar na verdade como alguma coisa que vai além da integridade moral, alguma coisa que é científica, um respeito pelo inegável. (Grotstein, 2010, p. 149)

Essas eram as formas de Dr. Frank enfrentar a dor e angústias profundas. A sua precariedade se contrastava de forma brilhante com uma certa consciência de si mesmo, de poder visualizar sua dor por meio de filmes, letras de música, livros. Dessa forma, Frank ia reconhecendo o estranho dentro si, dando sentido para aquilo que oscilava entre o familiar e o desconhecido como algo assustador e evitado, algo que permanecia oculto mas que insistia em vir à luz de diferentes formas. Quando a diferenciação entre imaginação e realidade fica extinta, há o fortalecimento da crença na onipotência dos pensamentos (Freud, 1919/1976), algo que frequentemente o deixava confuso e tenso em suas relações.

Reclamava sempre de uma angústia insuportável e persistente, e por várias vezes colocava no suicídio uma forma de resolver seus problemas. À medida em que recorre ao suicídio vai também matando algo nele, se sentindo desvitalizado, desinteressante e desinteressado pela vida.

Ao finalizar uma etapa do processo de Interdito, resolveu marcar os exames de coração que o médico havia solicitado. No dia que realizou o cateterismo, Dr. Frank chegou para a sessão deprimido, falando em voz baixa e arrastada, com olhos vermelhos e muito sono. No exame ficou clara a necessidade de fazer uma cirurgia cardíaca para troca de válvula e a desobstrução de uma veia. Falou da sua raiva e do medo da morte.

O clima ficou tenso, intenso, pareceu que sentimos na pele seu desespero, o terror daquele momento catastrófico em que prevaleceu a destrutividade, a violência voltada para ele, em que era preciso procurar por um pouco de vida.

Fisiologicamente, é essencial que nossa pele esteja continuamente produzindo uma camada de tecido morto que sirva de proteção vital para as outras camadas do corpo. Dessa forma, a vida humana é fisiologicamente encapsulada pela morte... proporcionada pela experiência de não existir no “mundo dos vivos”. (Ogden, 1996, p. 176)

A morte da mãe

Desde o estabelecimento das primeiras relações edípicas,³ Dr. Frank tinha um relacionamento simbiótico com sua mãe. Conta que desde muito pequeno sentia a necessidade de ficar agarrado à mãe, maravilhado com sua imagem. Essa relação se manteve por toda a vida. E mesmo tendo com o seu pai uma relação amorosa, essa relação não exerceu um modelo, uma castração ou mesmo a interdição ao seu acesso desenfreado à mãe. Para Bleger “a simbiose é uma relação que permite a imobilização e controle do objeto” (1977, p. 51).

À medida que a saúde de sua mãe piorou, Dr. Frank foi se sentindo sozinho, entrando em contato com seus sentimentos destrutivos, negativos, gerando ansiedade e angústia, ficando perdido, sem saber o que fazer, recorrendo ao uso da cocaína. Isso trouxe um alívio muito grande de sua tensão, no que ele percebe inúmeras vantagens. Por outro lado, trabalhamos as desvantagens de sua conduta destrutiva de não poder conter dentro dele a mãe boa que cuida. Passamos por um período em que utilizando cocaína quase que diariamente o percebi mais silente, com o pensamento desconectado e fragmentado.

No dia do falecimento da mãe ele veio à sessão muito triste, estava difícil de permitir a emoção fluir, para poder identificar ou conectar com a sua dor. Sentia fisicamente uma forte dor no peito e certa impaciência. Parecia que sentia dentro de mim a sua impotência, a dor física me parecia como se algo não estivesse sendo simbolizado, mas vivido concretamente

3 Relações edípicas como definido por Klein (1996).

através do corpo. Um luto impossível de ser representado emocionalmente. Assim, a ausência de uma figura materna interiorizada o havia impedido de assegurar-se de uma integralidade corporal e de uma segurança psíquica (McDougall, 1992).

O infarto da emoção

Viver o luto da mãe e suportar o cheiro de morte o assombrava constantemente, agravado pelo medo da cirurgia cardíaca e do medo de que pudesse não sobreviver a esse momento.

Para McDougall, existe um modo de pensar do tipo operatório, pragmático, desprovido de emoção ou sentido afetivo. Era como se Dr. Frank não tivesse acesso à representação de palavras que pudessem exprimir seus sentimentos em relação ao seu sofrimento emocional, que era então expresso pelo corpo. O conceito de alexitimia (a = sem, lexis = palavra, thymos = coração ou afetividade), “designa o fato de que o indivíduo não tem palavras para dar nome a seus estados afetivos, ou, caso consiga dar nomes a eles, o fato de que não consegue distinguir um estado do outro” (McDougall, 2013, p. 26). Sem dúvida, esse estado mental tinha uma função defensiva, era uma forma de se defender das dores mentais e da angústia. Percebia que era essa representação, esse significado que ele buscava na análise.

O estado de saúde de Dr. Frank se agravou, sendo necessário o agendamento da cirurgia cardíaca. Após uma breve internação hospitalar ele chegou à sessão caminhando lentamente, parecia pálido, cansado e com um olhar assustado. Toda a sua dor começou a vazar através de um corpo que parecia ser sentido como doente e sem vida. Assim, através do corpo era possível falar ao invés de sentir as dores e elaborar psicologicamente sentimentos de despeito, medo, angústia e cólera (McDougall, 2013).

Ele parecia estar transbordando em todos os sentidos, e a qualquer afastamento da análise no final de semana ele se sentia só e abandonado. Dr. Frank não conseguia manter dentro de si o objeto bom, encarava

qualquer afastamento como se ambos fossemos desaparecer, não conseguindo manter o vínculo de ligação. Entrava em um processo destrutivo em que recorria às drogas novamente, aumentava sua angústia e medo de morte. Hitler, seu ídolo, ficava mais presente e poderoso dentro de si. Tinha dificuldade de usufruir da sua família, do convívio afetuoso dos irmãos, parecia zombar internamente de todos. Certo dia falou: “Eu só quero voltar para casa e cheirar pó!” Percebe a dificuldade em administrar sua vida e essa constatação lhe traz sentimentos de raiva e desespero.

Segundo Joan Riviere, um exemplo da projeção seria a atitude do homem perante a morte:

Meu argumento é o de que tememos acima de tudo a ação de forças destrutivas que operam dentro de nós e contra nós. A morte representa o extremo mais avançado de destrutividade que somos capazes de conceber, e a nossa própria morte representa evidentemente o ponto culminante da atuação das forças inerentes de destruição que operam dentro de nós. (Klein e Riviere, 1975, p. 26)

Despedida da vida

Na última sessão no consultório, antes da cirurgia, Dr. Frank estava com muito medo, não só da morte mas de como enfrentaria as mudanças necessárias à sua rotina. Ao final da sessão, já saindo, em pé à porta, ele me olhou nos olhos e perguntou: “Eu vou morrer?”, a que eu respondi como uma mãe onipotente e onisciente: “Não, você não vai morrer!”.

Essa resposta do analista remete à condição básica de uma relação humana, das dificuldades de se lidar com o desconhecido, como a morte. A vivência do luto, da destrutividade dentro de nós, mas também a busca pelos aspectos de vida. Nesse sentido, Dr. Frank travou poderoso entrave, a eterna luta entre forças destrutivas e o amor. O que é o ser humano? O que temos e preservamos de humano dentro de nós?

Referências

- Andrade, S. (1996). Da intersubjetividade ao desenvolvimento ético. Trabalho apresentado na SBPRP em 9 de outubro.
- Bion, W.R. (1966). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bleger, J. (1977). Simbiose e ambiguidade. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Freud, S. (1974). Nossa atitude para com a morte. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 327-339). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1976). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 273-314). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- Grotstein, J. S. (2010). *Um facho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.
- Klein, M. (1996). *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos de 1921- 1945*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. e Riviere, J. (1975). *Amor, ódio e reparação*. São Paulo: Imago.
- McDougall, J. (1992). *Teatros do eu*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- McDougall, J. (2013). *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ogden, T. (1996). *Os sujeitos de psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Marystella Carvalho Esbrogéo
marystellaesbrogéo@gmail.com

O jogo do cabo de guerra

Leitura de um caso clínico relacionado com “Além do princípio de prazer”

Carolina El Mann,¹ Rio de Janeiro

Resumo: Este trabalho visa proporcionar uma reflexão sobre os conceitos desenvolvidos em “Além do princípio de prazer” (Freud, 1920/2006a), tão atuais nos dias complexos que vivemos. A nova dualidade instinto de vida e de morte será aprofundada teoricamente, assim como a discussão sobre a compulsão a repetição. Apoiando-se na teoria, será apresentado material clínico para elucidar o funcionamento além do princípio de prazer.

Palavras-chave: vida, morte, instinto, compulsão a repetição, prazer

Introdução

O texto “Além do princípio de prazer” constitui uma importante transformação no pensamento psicanalítico. Até então Freud havia postulado que o funcionamento psíquico era regido pelo princípio de prazer, como havia observado na sua clínica de neuróticos. A partir da observação de sonhos traumáticos, brincadeiras infantis e repetições compulsivas de experiências infantis traumáticas, Freud imaginou a existência de algo que iria além da simples regulação prazer-desprazer. Algo deveria estar impedindo o triunfo do princípio de prazer.

Nesse trabalho, ele começa a desenvolver também o que vai ser chamado de “a segunda tópica” e se interessa pela visão dinâmica do psiquismo. Esse pensamento será desenvolvido em “O ego e o id”, de 1923, no qual formulará a existência de uma parte inconsciente do ego e organizará

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, SPRJ.

brevemente quais são as funções atribuídas a cada sistema. Outra alteração apresentada nesse artigo foi a apresentação da nova dupla de instinto, de vida e de morte, no lugar da antiga instinto do ego e instintos sexuais. Freud até tenta correlacionar as duas, mas logo desiste, pois não sustentaria as ideias da compulsão à repetição e da sexualidade.

Pretende-se abordar o jogo que Freud utiliza para explicar a nova dualidade de instintos. Estes estão constantemente buscando um equilíbrio, no qual o instinto de vida deverá predominar. Com vinhetas clínicas de uma paciente, é almejado esclarecer esse jogo entre os instintos, a tendência de retorno ao estado inicial de coisas e o funcionamento da compulsão à repetição como um instinto proveniente do inconsciente reprimido.

Questionando o princípio de prazer

Um dos princípios que regem o funcionamento do aparelho mental, junto com o de constância e o de realidade, tem como objetivo evitar o desprazer e buscar o prazer. Desprazer significa aumento das excitações, enquanto o prazer é a diminuição delas. Isso faz do princípio de prazer um princípio econômico de regulação automática, segundo Laplanche e Pontalis. Tais excitações não se encontram vinculadas: elas estão no inconsciente e funcionam no processo primário. Freud relata esse princípio como uma forte tendência da mente a manter baixa a quantidade de excitação ou, pelo menos, a mantê-la constante, evitando o desprazer.

No texto “Além do princípio de prazer” (1920), Freud sugere que o princípio de prazer não é o único presente no psiquismo, uma vez que nem sempre o resultado de forças psíquicas é o prazer. O princípio de realidade e ego são as duas forças que se opõem à satisfação imediata dos instintos. O primeiro aumenta a tolerância ao desprazer, adiando a satisfação imediata; e o ego pode produzir desprazer quando exposto a certos instintos inconscientes: isto seria o desprazer neurótico.

Mas Freud notou algo além dessas forças descritas. São os sonhos traumáticos, que levam o indivíduo a repetir a situação traumática, na qual

levam susto, e sentem o desprazer de reviver a situação passada. Pensando também nas atividades “normais”, Freud conta a experiência com seu neto de um ano e meio que criou o jogo do Fort-Da, Ir e Partir; em que por meio do desaparecimento e retorno de um objeto, a criança tinha a ilusão de dominar a mãe. Essa transferência da passividade para a atividade certamente gerava uma produção de prazer.

O processo de transferência também é um exemplo de funcionamento que, em alguns casos, despreza o princípio de prazer. Nesse processo, o paciente repete situações infantis reprimidas com o analista, atuando-as. O que é repetido deve ser elaborado, como descrito em “Recordar, repetir e elaborar” (1914/2006b). Porém, em certos casos o paciente não percebe aquilo como o é, e a elaboração não se dá, gerando um ciclo vicioso repetitivo, chamado de *compulsão à repetição*. Esse mecanismo instintual inconsciente não implica de forma alguma um prazer. Pelo contrário, ele traz o desprazer de reviver repetidamente situações dolorosas.

O que não se dá

Ao pensar sobre as neuroses traumáticas, Freud verifica que há outros estímulos parecidos com traumas, no entanto, não são oriundos do mundo externo, e sim do interior do psiquismo. São instintos inconscientes que pressionam constantemente pela descarga, pelo alívio no consciente. Funcionam no processo primário (deslocamento, condensação e transferência) e possuem uma quantidade de energia livre, não catexizada, sem representação. O objetivo do aparelho psíquico é sujeitar e controlar esses impulsos instintuais ao processo secundário, ligando-os a representações e vinculando energia a eles.

Tal tarefa deveria ocorrer antes de o princípio de prazer entrar em cena. E é através da compulsão à repetição que ela se dará. Em alguns casos, como vemos em nossas clínicas, esse processo não se estrutura, e a ligação do impulso instintual com a representação não se conclui. Em consequência, as experiências infantis reprimidas não se submetem ao princípio de prazer e

ficam impossibilitadas de elaboração. Elas só poderiam funcionar de acordo com esse princípio se tivessem sido sujeitadas ao processo secundário.

Nova dualidade

Freud absorveu a ideia biológica de que “todo ser vivo morre necessariamente por causas internas”. Ao abordar a ideia da compulsão à repetição, que impossibilita o instinto de ser satisfeito ou elaborado, ele observa o caráter “demoníaco” desses instintos, que são independentes e opostos ao princípio de prazer (Laplanche e Pontalis, 1982). Uma vez que já havia notado o caráter agressivo e destrutivo desse grupo de instintos, os nomeou de instintos de morte.

As forças instintuais que procuram conduzir a vida para a morte podem também achar-se em funcionamento nos protozoários desde o início; no entanto, seus esforços podem ser tão completamente ocultos pelas forças preservadoras da vida, que talvez seja muito difícil encontrar qualquer prova direta de sua presença. (Freud, 1920, p. 60)

Apesar desse parágrafo se referir à vida dos protozoários, o autor vai usar essa teoria como base para explicar a vida instintual dos seres humanos por meio de dois grupos de instintos: um que tem como objetivo a morte e outro que busca a preservação da vida. Também aqui, o autor caracteriza o instinto de morte como silencioso: ele aparece por vias tortuosas, por meio da agressividade, muitas vezes voltada para o próprio ego.

Com isso, Freud pôde abandonar o antigo dualismo instintual (instintos de ego X instintos sexuais) e presumir o novo: Instinto de vida (Eros) X Instinto de morte (Tânato). Por um breve momento, ele equiparou os instintos do ego aos de morte e os sexuais aos de vida, portanto, logo em seguida, retirou essa equiparação. Um dos motivos de sua desistência é o fato de a compulsão à repetição não se localizar em nenhum dos dois lados da antiga antítese. Outro motivo se encontra nos instintos sádicos e

masoquistas, tais instintos são sexuais, mas também pertencem ao grupo dos instintos de morte, uma vez que o “intuito deles é prejudicar o objeto” (ou o eu), não podendo pertencer a Eros.

Uma vez desfeita essa relação, entramos na nova dualidade entre vida e morte, tão importante para a psicanálise, na qual o psiquismo normalmente permanece no constante jogo, no equilíbrio entre as duas. Em uma nota de rodapé, Freud explica essa oposição, considerando que “com a hipótese da libido narcisista e com a extensão do conceito de libido às células individuais, o instinto sexual foi por nós transformado em Eros, que procura reunir e manter juntas as partes da substância viva” (p. 71). Eros está presente desde o início da vida e seu objetivo é fazer oposição a Tântato.

Voltando à ideia de instinto de morte, podemos pensar que o objetivo deste instinto é a abolição total das excitações, retornando assim para um “estado inicial das coisas”, quando não havia tensões. Essa tendência, nomeada por Barbara Low (1920) de “Princípio de Nirvana”, seria a supressão de toda a tensão interna e é similar ao conceito de “Princípio de constância” de Freud. O autor opta, portanto, por utilizar o conceito de Nirvana por se referir à anulação total das excitações. Utiliza, também, o conceito do filósofo Schopenhauer de que a morte é o “verdadeiro resultado e, até certo ponto, o propósito da vida” (1851).

O que é o além?

O que pode acontecer quando um instinto permanece com energia livre? Fora da regulação prazer-desprazer? Ele continuará pressionando para sair do inconsciente e encontrar caminhos para a consciência. A compulsão à repetição definitivamente está fora do princípio de prazer. Não busca, como este, a diminuição da tensão; pelo contrário, ela aumenta a tensão, pressionando cada vez mais a barreira protetora entre o inconsciente e o consciente.

A ligação dos impulsos instintuais às representações é uma das funções mais antigas do aparelho mental e é substancial para a dominação do

princípio de prazer, segundo Jean Michel Quinodoz, no livro *Ler Freud* (2007). Ou seja, o princípio de prazer está presente somente nos processos secundários do consciente, deixando o processo primário inconsciente à mercê do “além”, neste jogo entre instinto de vida e instinto de morte, e do domínio da compulsão à repetição.

Vinheta clínica

Maria é uma jovem de vinte e poucos anos, que se encontrava em muita angústia pois via muita dificuldade em estabelecer e manter vínculos saudáveis com as pessoas que a rodeavam, família, amigos e também consigo mesma. Assim, não via um futuro bom para sua vida, fechando-se cada vez mais em seu quarto e, portanto, em seu mundo interno.

Constantemente trazia a afirmação “eu nunca vou ser ninguém, não consigo mudar, nunca vou ser feliz”, apresentando seu desejo de fugir, desistir de si mesma, da vida, e querendo se suicidar. Em outros momentos mostrava a ânsia de se desvencilhar da situação conflituosa familiar, e buscar sua própria fonte de renda. Em seu primeiro movimento de buscar tratamento sugeriu que viesse algumas vezes por semana.

Constantemente repetia situações que não a proporcionavam prazer, como romper vínculos afetivos, o que se apresentou na análise. Por meio da transferência pudemos notar e analisar seu comportamento repetitivo de, por exemplo, se colocar no papel de uma criança birrenta, que implorava por limites. Possuía uma agressividade poderosa contra si mesma, que a machucava, física e psicologicamente.

Juntas, foi possível, aos poucos, trabalhar esses impulsos, que chamava de “coisas que eu nem penso, só faço” e observar como eles eram destrutivos. Maria fazia a distinção entre dois lados, um que a fazia vir à análise, ter interesse pelo trabalho e outro que a fazia dormir horas seguidas e chegar atrasada com certa frequência nas sessões. Este último não a permite crescer e se desenvolver e a deixa como comentamos em uma

sessão “um bebê dentro do útero da mãe”, que só dorme, recebe o alimento e não tem esforço algum.

Estar dentro do útero da mãe se aproxima muito do “voltar ao estado inicial das coisas” de Freud, um estado em que quase não há tensão, excitação ou o desprazer da realidade. Maria busca minimizar as tensões e, por isso, tem muita dificuldade em se imaginar vivendo uma vida de realizações. Em alguns momentos, essa procura é exagerada e surgem pensamentos suicidas e vontade de desistir da vida. Nesses momentos, podemos dizer que ela busca a volta ao estado de Nirvana. O estado em que ela se encontra diversas vezes é uma preparação para o zero, para o aniquilamento total das excitações. Buscamos em análise entender como ela foi, há bastante tempo, sendo tomada pelo instinto de morte e procuramos resgatar algum sinal vital do instinto de vida. Pudemos fazer isso por meio do que a fez acordar cedo, falar, trazer material e pensar comigo.

Pudemos nomear o funcionamento destes “lados” como “o jogo de cabo de guerra”, no qual ambos puxam para si, e quando o lado da destrutividade, do instinto de morte prevalece, ela se encontra sem esperança, sem poder reconhecer sua capacidade, e tomada pela agressividade e pensamentos suicidas.

Também podemos pensar em como a transferência positiva se mostrou presente neste caso. Por meio do forte vínculo que construímos, Maria se mostrou disposta a repensar e a ouvir as minhas interpretações. Ela as recebia, pensava e frequentemente trazia na sessão seguinte algo que foi trabalhado anteriormente. Isto é, de alguma forma, ela tentava incorporar o que fora trabalhado e retornava com certa elaboração. Sem dúvida, essa aliança terapêutica que se deu entre nós foi um fator que a motivou a fortalecer seu instinto de vida, e que ele pudesse se fazer presente.

Conclusão

Após fazer um apanhado teórico com as ideias inovadoras de Sigmund Freud de instinto de vida, instinto de morte, compulsão à

repetição e princípio de Nirvana, é possível analisar o novo rumo que a Psicanálise tomou. Os novos conceitos foram fundamentais para trabalhos publicados após 1920, que não apagaram as conceituações anteriores, apenas as desenvolveram.

Quando pensamos nessa teoria, ela nos parece atual como nunca, pois é possível encontrar em nossa clínica pacientes com este funcionamento. Aliás, se olharmos com atenção, podemos encontrá-lo em todos nós. É o funcionamento *além do princípio do prazer*, em que a regulação *vida x morte* conduz nossos pensamentos, ações e comportamento. O caso de Maria serviu para ilustrar o que é este “além”, o que está aquém da regulação do prazer. Enquanto ainda tivermos impulsos que não foram submetidos ao processo secundário, eles permanecerão no inconsciente, impossibilitados de elaboração. Se encontram no modo da compulsão à repetição, voltando, empurrando a barreira, buscando chegar à consciência.

Por meio deste estudo pode-se pensar na oposição entre os instintos, um que leva ao movimento, outro que busca a inércia, e como vivemos constantemente nesse paralelo. Evidente que para estarmos vivos é necessário que o instinto de vida predomine, e para buscarmos o desenvolvimento ele tem que estar fortalecido.

A partir dessas vinhetas clínicas, é possível reconhecer a força do instinto de morte inconsciente, que leva o paciente a “agir sem pensar”, portanto o processo analítico coopera para que o paciente também o reconheça e, a partir da capacidade de pensar sobre ele, busque elaborar de uma nova maneira. Esse instinto, que aparece tão vivo no caso descrito, pode paralisar por completo a pessoa, a ponto de pensar em “voltar ao útero materno”, ao zero, ao estado sem vida, sem esforço.

O que a aliança terapêutica ajudou a promover com essa paciente foi a possibilidade de criar e sustentar novos vínculos, inclusive consigo mesma, capaz de levá-la ao crescimento pessoal.

Referências

- Freud, S. (2006a). Além do princípio de prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp.13-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2006b) Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 161-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B (2001). *Vocabulário de psicanálise*. (P. Tamen, trad., 4a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982)
- Quinodoz, J. M. (2007). *Ler Freud; Guia de leitura da obra de S. Freud*. Porto Alegre: Artmed.

Carolina El Mann

carol.elmann@globo.com

A morte do analista...

O impacto na vida psíquica do paciente e na formação do analista

Indira Siqueira Stevanato,¹ Rio de Janeiro

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo pensar sobre uma vivência clínica que muito me mobilizou por se tratar de uma paciente cuja terapeuta anterior se suicidou. Enquanto jovens analistas, lidamos diariamente com a dor, a loucura, a morte. Estaremos preparados para isso? Até que ponto podemos confiar em nossa análise pessoal e no respaldo teórico de nossa formação analítica? Vida e morte se misturam em constante interlocução, em movimentos de ligamento e desligamento dos investimentos pulsionais. A construção do *ser* analista é uma tarefa contínua e interminável.

Palavras-chave: vida e morte, morte do analista, formação analítica, construção do analista, caso clínico

Quando atendo o telefone, uma voz transtornada me comunica: “Minha terapeuta se matou. Preciso de ajuda, não posso parar meu tratamento. Você pode me atender?!”

Imediatamente, sou invadida por um sentimento intenso, um desejo de receber essa pessoa desamparada por ter perdido de modo tão repentino e trágico sua terapeuta anterior, por ter seu tratamento interrompido dessa forma brusca e inesperada. Senti como se a morte estivesse batendo à minha porta, mas era a vida que pedia passagem.

A notícia do suicídio de um colega é algo que nos faz questionar nosso ofício e nossa prática cotidiana. Independentemente de estar ou não em formação, de que abordagem ou escola seguia, era alguém que se dispunha a receber pacientes e que de repente se matou, deixando uma marca

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, SBPRJ.

naqueles que se dispunha a ajudar. Acho que foi a primeira vez que me defrontei com a insalubridade a que estamos expostos e com os perigos e limites da análise.

Todo encontro humano é gerador de turbulência emocional, a ponto de ser considerado “um mau negócio”, pois implica no confronto entre duas alteridades e é exatamente nesse ponto de encontro/confronto que exercemos nosso ofício (Bion, 1979). Ser psicanalista é uma profissão arriscada que requer preparação, pois “um psicanalista ‘oferece’ sua mente e também o seu corpo para serem “usados” pelos seus pacientes” (Ungar, 2014, p. 160).

Silvia me telefonou alguns dias depois do suicídio de sua analista; a imagem-sonho que me vinha à mente enquanto a ouvia era de alguém sendo levado por uma forte correnteza, tentando se agarrar ao primeiro galho de árvore que surgia em seu caminho, com uma pulsão de vida imensa lutando para se separar da morte que a assombrava. Ela buscava desesperadamente se ligar a alguém diante da ruptura abrupta da relação anterior.

Freud (1920/1996a) colocou que a pulsão de vida e a pulsão de morte não podem ser dissociadas. Em cada movimento do ser humano as duas pulsões estão atuando e se mesclando em menores ou maiores proporções, mas sempre unidas. No pedido de socorro de Silvia havia a busca de uma ligação comigo, fruto de sua pulsão de vida, mas concomitantemente havia o receio de se vincular e de que o abandono se repetisse mais uma vez em sua análise, identificando-se com a terapeuta morta.

Na entrevista encontro Silvia muito centrada, contando-me sobre sua história de vida desde seu nascimento, sua relação com os pais, a infância, certamente não querendo falar sobre o que a havia trazido até ali. Falava sem parar, com detalhes ricos e repetia a frase: “Com o tempo você vai me conhecendo melhor, é muita coisa para falar agora”. Sentia que ela estava cansada, contando para mais uma pessoa sobre sua história e fazia questão de ser acompanhada em cada detalhe que julgava ser importante para meu conhecimento dela. Era tolerante comigo, “com o tempo você vai me conhecendo melhor”, enfatizava seu desejo de que nossa relação fosse duradoura e contínua.

Por fim, começou a me contar das diversas experiências de tratamento anterior até chegar na última. Chorou muito dizendo que não aguentava mais, que não acreditava que poderia melhorar, que estava cansada. Fazia tratamento desde os quinze anos e estava com mais de trinta na época. Silvia me comunicava sua profunda decepção com seus tratamentos anteriores sobretudo pelo modo como findara o último. Estava descrente de que pudéssemos ter uma relação viva, fértil. Tinha medo que eu também não aguentasse trabalhar com ela. É inevitável reconhecer que ela tinha motivos para isso.

Talvez fosse inadequado intervir tanto na primeira entrevista, mas o fiz, por sentir que se todos esses fantasmas não fossem ali nomeados, inviabilizariam a construção de um vínculo favorável para o processo analítico. Ela se acalmou e aceitou iniciar uma análise. Disse enfaticamente que não poderia pagar, dizendo o valor e a frequência de seu tratamento anterior. Aceitei o valor semanal que ela podia arcar, mas na frequência que considerava adequada recebê-la naquele momento, que era o dobro de seu tratamento anterior, marcando assim a diferença. Silvia aceitou vir as quatro sessões que lhe propus e assim pudemos iniciar nosso trabalho juntas. A análise sempre esteve por um fio, à beira do fim com ameaças de interrupções frequentes.

Ao longo dos primeiros meses de atendimento, Silvia continuou me contando sobre sua história. Era fruto de uma gravidez não desejada pela mãe que gostaria de ter abortado, mas foi impedida pelo pai. A experiência do tratamento anterior reeditou a fantasia de ser um aborto, uma vez que teve seu tratamento interrompido pela terapeuta. A mãe adolescente era impaciente com a filha, agressões físicas eram frequentes, castigos intermináveis e privações. Silvia me contou uma história de múltiplos abusos, violências e abandonos.

A morte de sua terapeuta anterior repetia os abusos e violências sofridas na infância e adolescência. A figura que cuidava era também a que agredia e abandonava. Silvia pôde falar do quanto sentiu a morte como abandono e da raiva deflagrada por isso. Havia o medo de que eu também morresse e a abandonasse. A raiva por eu não ser como sua ex-terapeuta e

o alívio por eu não ser como ela. Era um jogo tênue em que eu me deixava habitar pelo que ela projetava em mim e sutilmente me posicionava, diferenciando-me dela. Esse é um exercício cotidiano para nós, candidatos que ainda estamos construindo nossa identidade enquanto analistas. É preciso deixar-se morrer na fantasia, abrir mão de nossa identidade para ser o que a transferência nos convoca.

O medo do vínculo era intenso e precisava ser trabalhado incessantemente. Silvia trazia em sua história vínculos rompidos e ambivalentes que foram reeditados com o episódio da morte de sua terapeuta. Contava-me que durante seus tratamentos anteriores, costumava faltar, interromper os atendimentos por longos períodos e depois retomava. Comparecer ao consultório quatro vezes por semana era algo inédito para ela que me dizia: “Não acredito que estou vindo aqui tantas vezes”. Pensei que a frequência colocada por mim proporcionava o cuidado e o *holding* que ela necessitava nesse momento, além da segurança de que eu estava ali, viva junto dela.

As separações aos finais de semana eram sempre dolorosas ou negadas. Era muito comum ela faltar na última sessão da semana e depois me pedir reposição sabendo da minha impossibilidade em atendê-la. Deste modo, ela me colocava na posição da analista que a abandonava. Não era ela quem havia faltado, era eu quem recusava repor sua sessão. Ela brigava comigo, me denegria e me matava para poder se separar. Desse modo, fazia ativamente no *setting* o que ela havia sofrido passivamente em sua história e que havia se repetido em seu tratamento anterior. Silvia precisava ter o controle da situação, precisava se reassegurar de que era ela quem não queria mais me ver, que a análise “não adiantava de nada”, por medo de não me reencontrar na segunda-feira e ter uma relação fértil em sua análise. Os ataques eram seguidos de uma culpa avassaladora e de um pavor que evocavam uma fantasia de que eu não sobrevivía como ela imaginava que tinha se passado em sua terapia anterior. Nesses momentos, o essencial era sobreviver e continuar ali, sessão após sessão, como bem nos ensinou Winnicott (1975).

É nesse ponto que considero trágico o que se passou com Silvia. As fantasias destrutivas de morte, ataques, comuns a todo psiquismo, encontraram “respaldo” na realidade. Não permaneceram apenas na fantasia; ao serem vividos na realidade, deixaram Silvia em um estado de apavoramento e angústia, instaurando uma confusão entre fantasia e realidade, impedindo sua capacidade de pensar. Quando falávamos sobre o que ela vivenciara com a morte da terapeuta, Silvia repetia incessantemente: “Sei que não foi minha culpa! Eu sei! Ela já estava doente, tinha os problemas dela. Mas por que não se cuidou?!”, no entanto, o saber era racional e não aplacava suas fantasias inconscientes. Silvia era extremamente sensível aos meus estados emocionais, se minha voz se alterava ela arregalava os olhos em pânico. Era nesses momentos que podíamos falar sobre seu medo de que eu não suportasse estar com ela, de que seus sentimentos me matassem, sobre suas fantasias de destruição e de morte.

Vida e morte se mesclavam continuamente nos atendimentos. Na atuação de sua pulsão de morte, ela ameaçava interromper a análise, queria se desligar de mim e de si mesma. Ela me abandonava com medo de ser abandonada. O desejo de morte apareceu, identificada com sua ex-terapeuta, Silvia dizia que “não tinha mais jeito, era melhor morrer mesmo!”. Identificada com a mãe e com ex-terapeuta fazia o abortamento da análise e me atacava, duvidando de minha capacidade de gestá-la. Mas ao trazer seu desejo de morte na análise, buscava um vínculo, um significado para o que estava sentindo. E então, era possível lhe falar sobre sua identificação, sobre a falta que sentia da ex-terapeuta, sobre o quanto eu era diferente dela, mas também podia cuidar de Silvia, ser uma outra analista. Eu sentia seus ataques à análise como uma tentativa de se apropriar dela de um modo diferente, novo em um movimento contínuo de construção e desconstrução. Foi nessa fronteira entre vida e morte que sua análise foi conduzida.

Fronteira em que vida e morte habitavam em constante interlocução. O contato com essa paciente me remeteu ao que Winnicott (1975) denominou área transicional, em que o paradoxo é proposto e sustentado, vida e morte não são vividos como opostos. Afinal, no inconsciente não

há opostos. Não há contradições e não existe a representação da morte, ela está sempre vinculada à vida (Freud, 1920/1996a).

O contato com Silvia me mobilizou de modo intenso. Enquanto jovens analistas, sabemos que lidamos com a loucura, com a dor, com a morte, mas a notícia da morte de um colega sai do plano racional e nos remete ao visceral, pulsional de nós mesmos. Até que ponto estamos preparados para isso? Podemos confiar em nossa análise pessoal e no respaldo teórico de nossa formação psicanalítica? Será tão simples a transição do divã para ocupar a poltrona de analista?

Essas perguntas me inquietaram e tento buscar um diálogo por meio da escrita. Psicanalisar é uma profissão de riscos! Podemos nos preparar para enfrentá-los, mas o tripé clássico não é suficiente. Ungar, parafraseando Simone de Beauvoir afirma: “Não se nasce analista, torna-se analista” (2014, p. 160). A construção do ser analista é um longo processo que não se esgota com o término da formação clássica. “A construção do *ser analista* é uma tarefa contínua e interminável, e que costuma ocupar a vida inteira de um psicanalista” (Ungar, 2014, p. 161).

O risco do contato com o outro é o encontro com “O estranho” que habita em nós. Como Freud (1919/1996b, p. 258) definiu “estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão”. O risco da análise para o paciente é entrar em contato com o que lhe há de mais íntimo, com seu inconsciente. Para o analista, o risco está em seus pontos cegos, pois cada paciente tocará em algum aspecto seu que por mais que tenha sido analisado, haverá sempre algo de incognoscível. O risco da análise é o encontro desses dois inconscientes que podem formar conluios por vezes perigosos.

O trabalho do analista consiste em deixar-se habitar pelo estrangeiro do analisando, sem perder-se de si mesmo. O analista reencontra em cada paciente si próprio, mas todo o trabalho consiste em colocar as diferenças e especificidades que marcam sua subjetividade. A cada encontro analítico prosseguimos com nossa autoanálise nos encontrando e nos diferenciando de nossos pacientes. É preciso saber entrar e sair desse lugar, deixar-se

adoecer, habitar pelos aspectos de nossos pacientes, mas não nos misturarmos com eles. A culpa que Silvia exprimia pela morte de sua analista me deixava evidente o quanto uma análise pode ser devastadora para um paciente.

Penso que em nosso trabalho precisamos desenvolver essa capacidade de permanecer na fronteira, de transitar por diferentes estados mentais, passear pelos diferentes lugares e papéis que a transferência nos impõe. Na realidade estamos sempre transitando por esse terreno, em que realidade e fantasia, vida e morte se misturam. Não existe um limite, uma fronteira clara e demarcada, estamos sempre nessa área de transição e transformação. Nos construímos à medida que vamos sendo...

Referências

- Bion, W. R. (1979). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 13 (4), 467-478.
- Freud, S. (1996a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 17-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996b). O estranho. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 17 pp. 235-274). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ungar, V. (2014). Quem pode ser analista? Notas sobre uma construção interminável. *Revista Latino-Americana de Psicanálise. Caliban*, 12 (2), 160-162.

Índira Siqueira Stevanato

istevanato@yahoo.com

Formação e identidade psicanalítica



Ser analista: reflexões sobre formação e trans-formação

Claudia Evangelista Ruiz Martins Morais¹

Elisa Bianchini Lanzarini¹

Maristela Bittencourt Nogueira¹

Thalita Gabínio e Souza¹

Resumo: Apresenta-se aqui um trabalho, construído por quatro candidatas do IP/SPMS, que tem a intenção de refletir sobre o processo de formação Psicanalítica, suas configurações e particularidades, bem como sua relação com a Instituição. A formação Psicanalítica transcende a base epistemológica de sua ciência e coloca a experiência individual de análise como epicentro do processo de internalização do seu método. Como se dá essa formação? Quais os vieses e as consequentes dificuldades nesse processo do vir a ser um analista? Sabe-se que toda formação não se faz, inevitavelmente, sem transformações e transmissões dos lados envolvidos. Nesse sentido, propõe-se pensar em tal complexidade: transmissão de conhecimentos e tradições e favorecimento para a criação de uma mente própria, potencializadora de subjetividade e alteridade. Usou-se uma vinheta de atendimento de uma criança e a trama relacional entre pai/filho como ilustrativo dos dramas no percurso do processo de formação do candidato em formação.

Palavras-chave: análise, formação psicanalítica, fronteiras, psicanálise, transmissão

O convite para refletirmos e escrevermos sobre formação psicanalítica nos traz às clássicas questões sobre a particularidade da formação e as novas configurações do campo analítico – transformações significativas no âmbito técnico, social e cultural que demandam obstinada reflexão sobre seu impacto e sobre a formação das novas gerações de psicanalistas.

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul, SPMS.

Pensando na evolução das tecnologias, especialmente as de comunicação, pode a formação psicanalítica ampliar seus horizontes sem perder sua especificidade?

Na formação psicanalítica, o processo de análise continua a ter primazia, o jogo transferencial traz ao cenário analítico conflitos internos, tornando-se possível a resignificação da subjetividade. Para Freud “a missão da análise é garantir as melhores condições psicológicas possíveis para as funções do ego; com isso, ela se desincumbiu de sua tarefa” (1937/2006a, p. 267).

Nas instituições coexistem, às vezes, várias maneiras de transmissão do conhecimento psicanalítico, fazendo-se necessário reconhecer a importância das tradições, sem incidir em submissão a mecanismos repetitivos ou reprodutivos, embora respeitando-se as fronteiras dos processos de formação. Fronteiras são terrenos sem traçados estáveis, e negar-lhes este caráter envolve risco de invasão, inclusive a de formatar com demasiada rigidez o aspirante, “de-formando-o” como cópia de seus antecessores. A formação é espaço destinado a instrumentalizar o conhecimento à altura dos desafios que teremos de enfrentar, cuja complexidade requer dedicação, entrega e verdade. Como aponta Freud, “não devemos esquecer que o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade” (1937/2006a, p. 265).

A formação psicanalítica se diferencia essencialmente daquela de outras especialidades na forma da transmissão de seu saber, ao transcender a base epistemológica de sua ciência enquanto disciplina e colocar a experiência individual de análise como o epicentro do processo de internalização de seu método – uma trajetória vivencial de valor didático que se alia ao acompanhamento supervisorio da prática clínica em análise e aos seminários teóricos.

Para preservar seus princípios, a psicanálise inicialmente rompeu com a tradição da transmissão de saberes, vigente nas ciências psicológicas e médicas de então, desprendendo-se do domínio intelectual da teorização do objeto do saber, quando propôs uma verdadeira encarnação (encarnação) desse ofício como trajetória para a formação de seus seguidores.

Para Mezan (1985), Freud tinha uma dupla missão: a de tornar a psicanálise uma ciência e ao mesmo tempo empregar um método pautado na razão e na objetividade que desse a suas pesquisas a força da veracidade comprobatória, mas que primasse sobretudo por uma formação de trans-formação pessoal de seus adeptos. Esse processo de transformação viabilizou e fundamentou as descobertas psicanalíticas, uma vez que Freud só pôde compreender certas referências no discurso de seus pacientes quando sua própria autoanálise o conduziu à descoberta de recordações semelhantes. Em suma, é do encontro consigo mesmo na análise, por memórias afetivas e recordações, que se pode originar um processo de elaboração secundária, que pode ser teorizada *a posteriori* na produção de um conceito. Mezan acrescenta que,

longe de ser uma teoria passível de aplicações ... o encontro entre um paciente e um analista, nas condições precisas da situação analítica, permite a um como a outro a elucidação do sentido dos processos psíquicos, elucidação relançada a cada associação e a cada interpretação, num momento banhado de parte a parte pelos dois parceiros. (1985, p. 143)

Na transição das tópicas, o método psicanalítico evolui da métrica de tornar consciente o inconsciente para a centralidade dos fenômenos transferenciais como principais vias condutoras do processo analítico. Se o objeto da psicanálise se centra na transferência, como poderia esta ser apreendida de forma intelectualiva? Ou melhor, como um candidato a psicanalista poderia prescindir de sua análise pessoal, ou tê-la limitada por condições de tempo, até que seu processo de vir-a-ser analista tenha atingido sua primeira meta: o final da formação?

É só por meio de uma longa, profunda e verdadeira análise que transcenda o caráter didático formal de requisito, mas que constitua uma experiência basilar, vital e indispensável, capaz de levar o sujeito a mergulhar no fundo de si mesmo e atingir estados regressivos, que este poderá sentir-se habilitado a acompanhar a mesma odisseia com alguém que o procura.

Segundo Araújo, quando o tema é a formação psicanalítica, é inevitável um constante questionamento sobre como se dá essa construção de uma criatura (os já psicanalistas) que já vemos em espelho:

Assim é útil que o jovem postulante possa trazer consigo um idealismo inquebrantável, uma submissão elegante e respeitosa aos seus ancestrais que fixaram costumes societários, uma sede de leitura que tangencie a obsessão e uma disposição a lidar com estados mentais regressivos sem prejuízo de seu pensamento criativo e curiosidade, sem jamais perder a ternura. (2012, p. 4)

Ainda que a análise tenha caráter didático, o cuidado institucional na preservação desse espaço se faz necessário, uma vez que o processo analítico é um processo de vida, pessoal, e não de-formação. A subjetividade do analista é instrumento-chave na constituição de sua identidade analítica.

Ao contrário do que gostaríamos de pensar, a condição psicológica do analista não é elemento tão inócuo no processo analítico do analisando. Seu inconsciente é agente tanto de vida como de morte, dependendo para tanto – condição esta determinante – do rompimento e transformação principalmente das identificações primárias, narcísicas alienantes do analista, despertadas pelo deslocamento transferencial do filho/analisando. O êxito talvez se dê à medida que o analisando não tenha que se manter identificado, abandonado transferencialmente na repetição do equívoco parental, em que a independência e a alteridade do filho foram esmagadas, condenando-o a uma morte em vida. Esse aspecto é ilustrado na vinheta de atendimento de uma criança.

Caio, que vai completar oito anos, está em tratamento há um ano. A queixa que mobilizou a procura por uma psicóloga é a de que a criança não dormia à noite e, quando sozinha, tinha “pensamentos ruins” e medos, não suportando ficar sem a presença de um adulto. A mãe, possivelmente mobilizada pela própria análise, foi quem buscou tratamento para Caio, e já no primeiro contato falou da resistência do marido à psicoterapia (resistência do casal, projetada na figura paterna), expressa como

duvidosa concordância. Após quase um ano de tratamento, com significativa melhora dos sintomas e o retorno de Caio das férias de fim de ano, a mãe informou à analista que estava muito difícil convencer o marido sobre o retorno do filho ao tratamento. Orientou-se o casal a conversar, escutando a criança sobre o que pensava e desejava quanto à continuidade de sua análise.

Parecia ameaçador que Caio possuísse um espaço potencializador da criação de uma mente própria, de alteridade e separação dos pais. Seus sintomas ecoavam o conflito: estar só e sonhar representavam trazer à tona seu desejo pela vida, sendo para isso necessário o assassinato dos pais. Borges e Paim Filho (2009) apontam que é pela via simbólica do deus-pai morto que se dá a possibilidade da instalação de uma ética do desejo, em que o permitido e o não permitido serão produtos da reflexão do sujeito e de sua cultura. Nesse cenário, encena-se o drama universal das relações entre pais e filhos. Diante da ameaça iminente do parricídio, a Caio é oferecido um pacto perverso para vender sua alma: se parar sua análise (leia-se: se-parar de si mesmo), receberá em troca um aumento na mesada. Pactos de tal tipo são não raramente percebidos pelo analista de crianças e adolescentes.

Cabe aqui o que apontam Borges e Paim Filho (2009) sobre o caráter generalista do filicídio: em todos, em maior ou menor grau, ativa ou passivamente, de modo ostensivo ou velado, está o dramático e sinistro desejo de matança dos filhos pelos próprios pais. Nosso jovem paciente fez sua escolha, na intimidade de seu espaço analítico, movido por seus aspectos pró-vida, simbolizando no jogo seu drama, conflitos e busca de elaboração: em dada sessão, ao abrir sua caixa, diz à analista que precisará de muita cola, e pergunta se, ao acabar aquele tubo, seria possível conseguir mais – um pedido de ligação/vínculo analítico suficiente para suportar a luta que estava travando? Ou queria saber se havia cola suficiente para reparar o que pretendia romper? –, e então, instrumentalizado de tesoura, diz que vai cortar a cabeça do boneco-pai, hesita e diz achar que não consegue, pergunta se a analista pode ajudá-lo e, uma vez iniciado o assassinato, continua e finaliza o corte da cabeça paterna. Sua escolha foi feita: ou aceitava

a própria morte (sua cabeça seria cortada ao perder seu espaço psíquico) ou matava o pai.

O drama de Caio com seus pais, na busca de alteridade, não difere da batalha travada com as profundezas do inconsciente de um *setting* analítico, sendo que na relação analista–analisando – e interessa-nos especialmente o processo do candidato em formação – parece peremptório que as ideias sobre o filicídio e sua antítese complementar, o parricídio, possam vir à tona, na possibilidade do vir-a-ser de um psicanalista em formação.

Em “Análise terminável e interminável”, Freud (1937/2006a) nos deixou um grande ensinamento; o de que não devemos tomar a clareza de nossa própria compreensão interna como medida de convicção e desejo reproduzir essa “verdade” absoluta com o paciente. Quando passamos a vivenciar nosso desejo de completude, fazendo de nossos analisandos apenas veículos para nos mantermos intrínsecos a uma relação narcísica em que o principal objetivo é a permanência dessa “paixão” dual, corremos o grande risco de que a análise não progrida, de que nada possa ser construído na mente do paciente. Essa condição narcísica não favorece a evolução do tratamento e, sem essa progressão, ficamos estacionados perante o impasse. Há algo mais tanático que isso? Equivaleria a destruir a capacidade analítica e a possibilidade da aquisição de independência da mente própria.

As fronteiras da formação

Podemos pensar que o objetivo maior da psicanálise não é limitar-se a conceitos pré-definidos que conduzam o analista a uma atitude endogâmica com seu meio social, pois essa atitude poderia provocar a morte do grupo em que está inserido. No entanto, há conceitos a preservar para que a psicanálise não caia em lugar-comum e consiga preservar suas especificidades ao longo do tempo. Como analistas em formação, precisamos do novo, do criativo, mas precisamos também estar atentos a essas “fronteiras”, pois em toda fronteira existe um ponto, um limiar seguro que precisa ser respeitado.

Torna-se fundamental que as análises pessoais, as supervisões e os encontros entre pares proporcionem novos espaços internos e externos para interrogações, interlocuções e investigações. A autonomia do candidato vai sendo adquirida à medida que este desidealiza a instituição a que pertence. Segundo Didier Anzieu, citado por Minerbo e Buschinelli:

Ao iniciar a sua formação, o candidato abandona ou coloca em suspensão suas referências anteriores, mas ainda não adquiriu as novas. Do ponto de vista psíquico, está numa situação de desamparo. Nessas condições, o vínculo que estabelece com a instituição traz necessariamente a marca de situações emocionais primitivas como: idealização, dependência, desejo de fusão amorosa, mas também angústias persecutórias e de aniquilamento. À medida que vai caminhando, seu desamparo diminui e sua relação com a instituição se modifica. (2000, p. 205)

O percurso da formação se faz acompanhar de muitos limites que denunciam “fronteiras relacionais” entre os colegas mais novos, os mais antigos e os analistas já membros dos Institutos. Essas fronteiras são organizadoras, pois fortalecem a identidade do candidato e sua sensação de pertencimento. Vivenciar esse constante vir-a-ser do psicanalista não é tarefa simples, pois nessa travessia somos convidados a ocupar espaços pouco conhecidos e, em alguns momentos, nos vemos pisando sobre a linha da fronteira, espaço este que pode ser considerado como um limbo, um terreno indefinido. Nesse processo, precisamos também estar atentos às nossas próprias fronteiras, que estão relacionadas com o consciente e o inconsciente de cada um de nós.

A apreensão da verdade pode variar de acordo com a cultura de cada Sociedade Psicanalítica e está relacionada com o mundo interno de cada um de seus integrantes, em que está inscrita uma história que deve ser respeitada. Ao ampliarmos essa concepção e imaginarmos que cada Instituto de Psicanálise apresenta uma base, que é sua ligação com a IPA e com a Sociedade que contribuiu com a sua criação, observamos que a história vai sendo escrita, interpretada, introjetada e reescrita por cada membro e por

cada geração de psicanalistas. Precisamos ser cuidadosos com as fronteiras da formação: não podemos ser o “estrangeiro sem visto” em terras alheias, mas tampouco podemos ter medo de sair do lugar. Nesse sentido, manter lado a lado a tradição e a invenção pode constituir um bom “plano de voo” para que a transmissão da psicanálise se realize de forma eficaz de geração a geração.

Freud recomenda que busquemos a autonomia do analista, que é composta da singularidade de cada um e que tem a verdade como sua maior meta. O vir-a-ser do analista nos remete a uma evocação de Freud da seguinte ideia presente no *Fausto*, de Goethe: “Aquilo que herdades de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (1913/2006b, p. 160) – ou, como expressa Paim Filho: “Conquistar o herdado, fazer do estrangeiro que nos habita um nativo, capaz de ser um criativo tecelão: tecendo, destecendo e re-tecendo sua história” (2012, p. 118).

Referências

- Araújo, L. N. O. (2012). Para além da formação analítica: a ética das relações na instituição psicanalítica. *Febrapsi Notícias*, 14 (47), pp. 4-6. Rio de Janeiro.
- Borges, G. & Paim Filho, I. A. (2009). A “Via Sacra” do filicídio no processo analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43 (3), 127-132.
- Freud, S. (2006a). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 231-270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2006b). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 21-163). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Mezan, R. (1985). *Freud, o pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Minerbo, M. & Buschinelli, C. (2000). Seminários-ombudsman: um “terceiro” entre candidato e instituição. *Jornal de Psicanálise*, 33 (60-61), 197-215.

Paim Filho, I. A. (2012). Recomendações aos que exercem a psicanálise e os desafios da contemporaneidade. In I. A. Paim Filho, e L. C. Leite, *Novos tempos, velhas recomendações: sobre a função analítica (1912-2012): Freud: 100 anos depois* (Cap. 7, pp. 93-118). Porto Alegre: Sulina.

Claudia Evangelista Ruiz Martins Morais
claudiaruiz_psico@yahoo.com.br

Elisa Bianchini Lanzarini
elisalanzarini@hotmail.com

Maristela Bittencourt Nogueira
mbittencourtnogueira@gmail.com

Thalita Gabínio e Souza
thalitagabinio@gmail.com

Formação terminável e interminável

Erbon Elbsocaierbe de Araújo,¹ Fortaleza

Resumo: O objetivo deste artigo, longe de querer esgotar o tema, é realizar algumas reflexões sobre a natureza terminável e interminável da formação psicanalítica a partir de compreensões sobre o psiquismo explorados por Freud, Bion e Benno Rosember.

Palavras-chave: formação, terminável, interminável, masoquismo mortífero

Freud, ao supor a existência de processos mentais inconscientes, conceito fundamental para a teoria psicanalítica (Freud, 1915/1974b, p. 185), não revelava ao mundo a possibilidade da existência de algo que seria facilmente aceito e compreendido.

Um longo e difícil percurso haveria de ser percorrido; o que quer que é fora do alcance dos órgãos dos sentidos naturalmente exigia dele um método investigativo que permitisse a compreensão dos referidos processos ditos inconscientes, bem como a variedade dos fenômenos envolvidos.

Nesse rumo, o andamento das coisas o guiou na direção do desenvolvimento de um peculiar procedimento de investigação científica (Zimmerman, 1999, p. 31) que levava em conta hipóteses e resultados de observações acabando na elaboração de uma teoria da personalidade (Etchegoyen, 2004, p. 23); A psicanálise, por tais procedimentos, passava a deter um caráter de disciplina científica (Zimmerman, 1999, p. 31). Aliado a esses dois aspectos, destacou-se um terceiro inerente ao método investigativo utilizado: o método desenvolvido por Freud não dispensava a participação do portador do objeto de estudo que viria a tornar-se, ao mesmo tempo, partícipe e beneficiário na aquisição do conhecimento; a psicanálise constituiu-se num método de psicoterapia (Zimmerman, 1999, p. 31).

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza, SPFOR.

Ao longo do desenvolvimento da teoria psicanalítica, em vários momentos, Freud se deparou com dificuldades, impasses e paradoxos. Todavia, não se deixando abater, deu prosseguimento à sua tarefa investigativa e, em alguns momentos, delegou aos seus sucessores e outras disciplinas a missão de encontrar explicações para o que, na época, não estava ao alcance da sua Compreensão.

O legado de Freud não compreende somente a obra escrita, porém, dotado de igual importância, o espaço humildemente deixado a quem quer que veio depois dele para dar continuidade ao desenvolvimento da teoria psicanalítica, bem como à sua ampliação.

A extensão e a complexidade da teoria e de suas vertentes é naturalmente compatível com a extensão e complexidade do aparelho mental a despeito da singularidade de cada um, como mais tarde viria a ser cuidadosamente abordado por Bion (Dias e Vivian, 2011). Tão complexa quanto a mente dos pacientes que procuram tratamento arrastados pelo sentimento de que estão cansados de sofrer, é também a mente do analista; de igual modo, a mente do analista em formação.

Freud, em seu artigo sobre análise terminável e interminável (Freud, 1937/1974a), parece não esconder um certo pessimismo com relação à eficácia terapêutica da psicanálise. Esse pessimismo, não obstante, não redundava em completa desilusão, a mesma desilusão que em alguns momentos toma conta de nós, estudantes de psicanálise, e que parece nos levar a um estágio no qual resta a cada um de nós, tão somente, a resignação: a de curvar-nos ante o inconsciente e abdicarmos por completo do nosso objetivo.

Não obstante as limitações inerentes à condição humana e ao fato de já termos deixado para trás quase toda fantasia de onipotência, nada impede que os nossos esforços nos levem a uma razoável compreensão deste enigmático senhor das trevas.

Do mesmo modo em que numa situação de análise a capacidade de passividade masoquista está no cerne da força de ligação (intricação pulsional) e é mantenedora do funcionamento do analista em sessão (Savvopoulos, 2010), oxalá nossa limitada capacidade de compreender o

inconsciente, suficientemente investida, seja ao mesmo tempo proveitosa no sentido de suportarmos a experiência do desamparo e o sofrimento psíquico frente o desconhecido e o inesperado ao longo de toda a nossa formação psicanalítica.

A psicanálise é um campo fértil para o desenvolvimento de teorias sobre o psiquismo; apesar de todo conhecimento construído pelos renomados teóricos da psicanálise, cada um de nós tem as próprias teorias para dar conta das nossas dores da alma. Ainda que tenhamos mais de uma,² não podemos fugir da realidade de que brotaram de um sistema complexo de funcionamento mental. É nesse contexto que se dá a nossa formação psicanalítica: num vasto campo de relações entre muitos personagens que se cruzam e se entrecruzam figurados por cada um de nós em formação, nossos pares, analistas, supervisores, teorias e seus respectivos teóricos, a rede de instituições, a cultura e a civilização.

Haja aparelho de pensar dotado de função continente (Zimmerman, 2004) capaz de dar conta de tudo isso: da conflitiva individual nesse mundo real/fantasmático de relações que de algum modo ou maneira confere os tons do paradoxo que é a natureza terminável e interminável da formação.

Freud, em suas últimas linhas da carta a Wilhelm Fliess a 16 de abril de 1900, em que tratava das suas expectativas sobre o efeito terapêutico da análise de um paciente, diz:

A conclusão assintótica do tratamento é substancialmente indiferente para mim; é mais para os estranhos que ela constitui um desapontamento. De qualquer modo, mantereí um olho no homem...

(Masson, 1986, pp. 409-410)

2 Fernando Pessoa, em seu poema “Tenho mais alma que uma”, de forma poética, transmite ao leitor a dimensão da conflitiva de cada um no contexto da multiplicidade de objetos internos, que funcionam como partes independentes de um mesmo todo, mas com tal força capaz de nos lançar num paradoxal estado de desamparo e solidão, mesmo quando bem acompanhados.

A despeito do nosso olhar cuidadoso e realista diante de um estado de coisas aparentemente adequadas no percurso da formação, levando-se em conta os quatro eixos, à moda de Freud, é de bom alvitre que mantemos um olho em nós mesmos para que não ocorram deturpações da compreensão destes dois aspectos da formação: terminável e interminável.

Em atendimento às exigências normativas contidas num modelo de formação adotado pela instituição, a formação se constitui em processos e etapas a serem cumpridas: um enquadre necessário dentro de um enquadre institucional.

Por outro lado, não podemos negar a sucessão interminável de etapas no contínuo processo de transformações que cada analista terá que realizar durante a sua formação, e que nessa instância transcende os limites protocolares do enquadre da formação. O processo e seus fenômenos intrapsíquicos concorrentes à formação é interminável no sentido anteriormente mencionado – da transformação.

Sobram motivos, deste modo, para mantermos um olho em nós mesmos a fim de não nos deixar cair aprisionados em armadilhas do inconsciente, constituindo-se a natureza terminável e interminável da formação em mero o que quer que é sintoma, alguma vez denunciando a supremacia do masoquismo mortífero sobre o masoquismo guardião da vida (Rosemberg, 2003), este último tão necessário para a continuidade da vida psíquica, da vida fantasmática, para o estabelecimento das ligações e o exercício da criatividade.

O meu propósito não foi de esgotar o tema enunciando todas as questões envolvidas, mas de propor, a partir de umas poucas colocações, um espaço em nossas mentes e nos encontros para reflexões, troca de ideias e experiências em torno do tema que imagino ser de grande importância para nós, analistas em formação.

Referências

- Dias, V. L. L. e Vivian, A. G. (2011). Bion e uma mudança de paradigma na psicanálise. *Aletheia*, 35-36, 206-210. Recuperado em 12 de abril de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942011000200017&lng=pt&tlng=pt.
- Etchegoyen, R. H. (2004). A técnica psicanalítica In R. H. Etchegoyen, *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1974a). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 239-288). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1974b). O inconsciente (Nota do editor inglês). In S. Freud, *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, p. 185). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- Rosemberg, B. (2003). *Masochismo mortífero e masochismo guardião da vida* (pp. 108-118). São Paulo: Escuta.
- Savvopoulos, S. (2010). De l'antihystérie à l'hystérie à travers des figures du masochisme. *Revue française de psychanalyse*, 5 (74), p.1393-1421.
URL: <http://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse-2010-5-page-1393.htm>.DOI; 10.3917/rfp. 745.1393
- Zimerman, D. (1999). Psicoterapias e psicanálise: semelhanças e diferenças. In D. Zimerman, *Fundamentos Psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. (2004). Modelo continente-conteúdo. In D. Zimerman, *Bion: da teoria à prática – uma leitura didática* (pp. 52-53). Porto Alegre: Artmed.

Erbon Elbsocaierbe de Araújo

elbso@bol.com.br

Experiências clínicas



Um *splitting* na clínica

Alexandre da Costa Pantoja,¹ Brasília

Resumo: Neste trabalho o autor busca um diálogo entre o conceito de “*splitting* forçado” de Bion e uma situação clínica, para melhor compreender as complicações encontradas no atendimento de pacientes com dificuldades no contato com seu mundo emocional e com os vínculos, tornando o trabalho clínico árido e penoso.

Palavras-chave: *splitting*, cesura, alimento, vínculo, voracidade, inanimado

***Splitting* forçado**

Bion (1962), em seu texto sobre “*splitting* forçado”, supõe uma situação inicial de tensão primitiva excessiva, em que o temor a agressão inibe a busca pelos alimentos por parte do lactente.

Afinal que fantasia de terror é essa que se constrói?

O quadro que se desenha é o de um bebê que busca alimento e espera encontrar também amor, atenção, carinho, mas se depara com dor, incompreensão, indiferença. Sem ainda uma capacidade mental para elaborar tal situação, é gerado um cenário de confusão mental, sem uma diferenciação dos tipos de sentimentos, sendo percebidas somente suas intensidades, como no caso do amor, ódio, inveja.

O medo da agressão a que esse quadro remete inibe a busca, entretanto a necessidade de sobrevivência é premente, a fome não para. Isso só se resolverá por meio do alimento, porém em seu aspecto material, já que sente a intensidade emocional como ameaça.

Esse alimento concreto apresenta uma conexão forte com a pulsão de vida, o que pode guardar alguma verdade, pois é possível a partir de

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Brasília, SPBSB.

seu consumo sobreviver, a despeito de estar desvinculado de emoções, demanda essa também existente. Dinâmica que tende a se repetir ao longo da vida: a busca da sobrevivência a partir de satisfações materiais. Estas, entretanto, jamais serão alcançadas, pois estão desprovidas de “amor”.

Surge a ideia: “Estar vivo, para quê?”

Nesse contexto ocorre então no psiquismo do bebê uma separação (*splitting*) entre o mundo emocional e o mundo material como uma “defesa” contra o clima de terror estabelecido (a suposição inicial de Bion); e isso funciona parcialmente, não tendo um desfecho a contento, pois esse processo nunca acaba; e pior, se intensifica, sendo necessário cada vez mais compensações materiais. Encontra-se mergulhado em um mundo de elementos-beta, ou seja, primitivas impressões sensoriais e experiências emocionais que não alcançam a qualidade de pensamento, devido à falta de condições psíquicas de processá-las; isso significa entrar em contato somente com as suas intensidades. Se desenvolve então um aparato psíquico que afasta toda possibilidade de comunicação com a vida emocional, e também com tudo aquilo que o faça se aproximar dela. Há uma forte clivagem entre corpo e mente. A pulsão de vida parece ficar mais próxima ao somático, ao prazer imediato, ao alívio: catarse. Algo semelhante ocorrerá na análise, como veremos na vinheta clínica adiante.

Esse tipo de personalidade terá uma vida voltada para tudo aquilo que é inanimado; é como se ocorresse uma identificação do bebê com o alimento que o mantém vivo, com seu aspecto concreto. É assim que pensa a vida, sendo assegurada pelo inanimado do alimento; ele próprio é inanimado e afasta a sensação de vida, tem que estar sozinho no mundo. A emoção tem que estar afastada para que ele viva, não seja agredido, e nem morto.

Assim, o caminho está aberto para que daqui para frente ele esteja sempre em busca pelas comodidades materiais; e a necessidade de que tudo com que se relacione tenha essa característica de inanimado. O indivíduo passa a manipular as pessoas com quem se relaciona, não somente para obtenção dos bens materiais que o alimenta, nessa ideia de sobrevivência, mas também para evitar entrar em contato com as suas emoções. As relações são baseadas em conveniências, nenhuma aproximação real e afetiva

é possível; não há realmente espaço para sentimento de culpa, necessidade de reparação, gratidão.

Em termos da clínica há realmente um conflito muito grande na situação analítica. Como conseguir aproximação emocional para trabalhar as questões mais profundas com esse tipo de paciente, sendo a própria dificuldade de vinculação uma delas? E talvez a maior? Quando ele tende a destruir a função alfa do analista, para se manter afastado das emoções, que entende como possibilidade de agressão a si? Em busca constante por quantidades concretas de qualquer natureza, não se permite qualificar como boas as interpretações, as construções, cheias de emoção. Nesse aspecto o próprio Bion propõe:

Investigar a cesura; não o analista; não o analisando; não o inconsciente; não o consciente; não a sanidade; não a insanidade. Mas a cesura, o vínculo, a sinapse, a contratransferência, o humor transitivo-intransitivo.

(1981, p. 136)

Esse funcionamento descrito leva a pensar na possibilidade de que essa luta da quantidade contra a qualidade de alguma maneira contrapõe a “pulsão de vida” com a “pulsão de morte”, sendo que as duas estão intrinsecamente unidas.

O “*splitting* forçado”, explica David Zimmerman:

refere-se ao fato de que o paciente pode relacionar-se bem com o analista enquanto este fornece segurança e alimento (de forma análoga à como foi na infância, com sua mãe). Porém, ao mesmo tempo ele bloqueia toda a aproximação afetiva com o analista (como foi com os pais). (2001, p. 395)

Vinheta clínica

Fernando chega ao consultório com uma queixa de problemas no casamento e no trabalho. Pensa em se separar, pois a esposa não gosta das mesmas coisas que ele; mas tampouco se sente preparado para tomar essa

decisão. No trabalho não consegue reconhecimento dos superiores, que parecem sempre estar deixando-o de fora da melhor parte, quais sejam: viagens, cargos, salários, apresentações importantes etc. Se sente tanto no trabalho quanto no casamento sem “visibilidade”; o que o analista entende como a concretude do reconhecimento.

No primeiro ano e meio de análise o paciente se porta de maneira muito formal, cumprindo os horários pontualmente, buscando reposição de todas as sessões que falta, pagando impreterivelmente na data combinada. Tudo num rigor espartano.

Exige do analista a recíproca, e esse se percebe bem ajustado, pois mantém, de certa maneira, uma organização no atendimento, quanto às questões práticas. O que se encaixa bem em seu jeito de ser.

Na relação analítica o paciente mantém uma atitude educada, respeitosa, disciplinada, correta. Quanto às interpretações, não costuma valorizá-las muito, usa a análise como uma descarga, via fala. Nas sessões traz sempre o relato de uma situação, e sua conseqüente queixa. Em algumas sessões o analista é levado ao limite do sono e do tédio, o que para o paciente é indiferente. A dupla fica nesse processo durante um ano e meio.

O analista identifica algo novo no vínculo a partir do momento em que o paciente começa a questionar o *setting*: *por que tem que pagar por sessões que não vem? Por que não pode repor as sessões das férias? Parei um processo terapêutico anterior, porque estava ficando apertado de dinheiro!* Enfim, uma rajada de ataques às combinações feitas, que parecem ter sido “aceitas” no início do processo analítico num clima ainda de muito medo de encontrar emoções, então preferia ficar com as regras.

O par analítico pôde a partir disso verificar que ele estava conseguindo questionar a “lei”, sem destruir e sem ser destruído. O analista sente um espaço surgindo. O ego corporal ganhando forma.

Inicia uma nova fase onde o paciente pode chegar atrasado nas sessões sem trazer justificativas; faltar às sessões sem ter, obrigatoriamente, que repor seus horários; esquecer o dia de pagamento, sem mostrar um sentimento exagerado de culpa, permitindo-se trazer o dinheiro na sessão

seguinte, ou mesmo mais adiante. Situações impensáveis para ele na primeira fase da análise.

São pequenos avanços que o analista não entende como ataque ao *setting*, mas testes ao vínculo formado, mais ligado à possibilidade de flexibilizar algo que em suas fantasias era o concreto, o material da relação analítica, o alimento em si, sem o qual sua sobrevivência corria risco. Era para ele um tabu: questionar o pai.

Só após esse período começa a trazer os pais como tema para as sessões. O analista estranhava o fato dele sequer citá-los antes; era como se não existissem, nem as irmãs. Depois de dois anos de análise ainda não sabia o nome da família; somente do pai que tem o mesmo nome dele. Uma família sem nomes, inomináveis, ou seja, objetos inanimados. Nada parecia ter vida para ele.

Os pais surgem como modelos a serem seguidos rigidamente. Logo depois eles se transformam em novos alvos contra os quais os ataques e reclamações procuram atingir. Sente como se o pai estivesse roubando seus espaços com os amigos. Segundo ele o pai se comporta como se fosse da sua turma de faculdade, participando de tudo: viagens, churrascos, aniversários, festas. E a mãe como alguém que tenta separá-lo de sua esposa e filha, roubando-lhes a atenção. Não registro nenhum resquício de afeto na fala sobre a família.

O paciente começava a se permitir falar do ódio que sentia de seus pais, de como discordava deles. Como aconteceu antes com o *setting* analítico, descobrindo que apesar de atacá-lo não o destruiu. Parece que o superego dá uma pequena folga, para esse ego esmagado pelas intensidades de emoções não elaboradas, inclusive nas situações edípicas.

Surgem também relatos dele sobre ouvir músicas ininterruptamente em sua mente, e de pensamentos fixos (conversas na mente com os outros para tomada de decisões) que o atrapalham em sua vida desde a adolescência. Para diminuir isso ele havia começado a escrever o que sentia em cadernos. E o fez durante anos até a esposa descobrir. Teve que parar e procurou análise. É possível ver nessas revelações um pedido de ajuda, um fio de confiança procurando se estabelecer. Um vínculo.

O paciente tenta desesperadamente resolver de maneira quantitativa seus problemas: na infância, por meio de conquistas no atletismo ganhando medalhas (só serviam as de ouro), apresenta um superego rigoroso, um medo de não ser reconhecido, não ser visto, de se tornar para sempre invisível; enfim, sumir. No trabalho, cumpre muitas tarefas e mostra uma disponibilidade infundável. Faz mestrado, pós-graduação, para ter mais títulos, mas sem apreender algo para si. Em casa oferece conforto material e disposição para tarefas do lar, para uma mulher preguiçosa, segundo seu relato, e quer sexo como recompensa. É como entende o carinho.

Na análise cobra uma resposta para seus problemas (mais conquistas), uma solução para esses incômodos, ou melhor, obstáculos.

Mas parece cansar de esperar, e diz:

– É, já vi que você não vai me dizer o que fazer, me dar a solução, prefere que eu pense sobre os problemas. Minha terapeuta anterior me dava umas dicas, opinava sobre o que eu devia fazer ou não. E foi quando ela me disse que eu devia me separar de minha esposa, que eu decidi sair.

Pode-se perceber a importância da assimetria na transferência, para o seu desenvolvimento; o cuidado necessário para não permitir que ele destrua a relação analítica. O que é feito com muito custo.

Reflexões

O analista sente que, com o tempo, a dupla tem conseguido criar uma linguagem própria, baseada no vínculo estabelecido, e de alguma maneira diferente daquela que observa em suas outras relações. Por meio do fenômeno transferencial podem retornar a suas experiências mais arcaicas, e revisitar algumas situações críticas em outro momento e elaborar sentimentos a elas ligadas. É possível reconhecer algum desenvolvimento, apesar da dificuldade do paciente de sentir as intensidades das emoções.

O analista se sente na maioria das vezes em uma relação analítica difícil, árida, desprovida de afeto.

Por enquanto o paciente se sente seguro e alimentado na análise, via seu processo de descarga, ainda é o que torna para ele suportável e possível a continuidade dela. Para o analista é um trabalho duro e cansativo.

O paciente disse recentemente, antes de viajar para o outro lado do mundo a trabalho (uma nova conquista): “Pelo menos fazendo a análise eu não preciso ter que escrever nos cadernos”. Penso comigo que nos mesmos cadernos em que se escrevem histórias de terror, poderão ser escritas poesia. E o escritor descobrir a sua poética.

Contam que João Cabral de Melo Neto não “acreditava” muito em inspiração, e sim numa depuração da técnica da poesia, mas o meio artístico tratou com reverência sua obra que jorra poética, inspiração e amor.

Talvez nossa experiência, para o paciente, seja seu meio artístico/análise que reconheça e identifique a poesia de seus cadernos, para uso próprio do analisando/poeta, em seu amor/poética.

Pode-se pensar o encontro da dupla psicanalítica, nessas situações difíceis, como o encontro com os rios na poesia de João Cabral de Melo Neto.

Os rios

Os rios que eu encontro vão seguindo comigo.

Rios são de água pouca, em que a água está sempre por um fio.

Cortados no verão que faz secar todos os rios.

Rios todos com nome e que abraço como a amigos.

Uns com nome de gente, outros com nome de bicho, uns com nome de santo, muitos só com apelido.

Mas todos como a gente que por aqui tenho visto: gente cuja vida se interrompe quando os rios.

(Melo Neto, 2012, p. 40)

Referências

- Bion, W. R. (1991). *Aprendendo com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago.
(Trabalho original publicado em 1962)

Bion, W. R. (1981). *Cesura*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15, 123-136.

(Trabalho original publicado em 1977)

Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação* (C. H. P. Affonso, trad.). Rio de

Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970)

Melo Neto, J. C. D. (2012). *O rio*. [A. C. Secchin, estabelecimento do texto e bibliografia, I. Cabral (Org.)]. Rio de Janeiro: Objetiva.

Zimerman, D. E. (2001). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise* (1ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Alexandre da Costa Pantoja

alexandrepantoja@yahoo.com.br

Falando com uma morta

Katia Silvana Piroli,¹ São Paulo

Resumo: A autora relata o atendimento institucional de uma paciente com diagnóstico psiquiátrico de Síndrome de Cotard. Conta como tal Síndrome foi desencadeada pela morte do filho e produziu o delírio de estar morta. Discorre como a escuta analítica precisou inicialmente adaptar-se a uma situação de emergência – à possibilidade da morte real da paciente. Por fim, diz como as vivências contratransferenciais foram utilizadas na decisão de trabalhar as relações com pessoas vivas e não na abordagem da melancolia e da escolha narcísica de objeto.

Palavras-chave: Síndrome de Cotard, escuta em emergência, melancolia, escolha narcísica de objeto

Sou recebida no início de minha jornada de trabalho em uma enfermaria psiquiátrica, com um pedido angustiado da auxiliar de enfermagem: “por favor, tem uma paciente que chegou hoje e não quer comer, vamos ter que passar sonda, veja se você a convence a comer”. A residente responsável pela paciente escuta essa conversa e me diz assustada: “ela tem Síndrome de Cotard, nunca tinha visto, fala com ela, eu tentei e não consegui”. Penso, tomada pela angústia de uma e o medo da outra, que não faço a menor ideia do que seja Síndrome de Cotard. Enquanto guardo a bolsa, vou tentando me acalmar. Saio em busca da residente para perguntar o que é a tal síndrome. Ela me diz que são pacientes que se sentem mortos ou que dizem não ter mais órgãos. Relata que a paciente (vou chamá-la de Estela) não respondeu a nenhum tratamento e que corre risco de morte. A família informou que ela parou de comer, e afirma estar morta. Perdeu recentemente um filho de quinze anos, assassinado.

1 Do Instituto de Psicanálise “Durval Marcondes” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.

Vou em direção ao leito de Estela pensando: “como se faz um morto comer?”. Quando a vejo, fico profundamente chocada. Ela está em posição fetal, a camisola do hospital está aberta nas costas e posso ver todos os ossos de sua coluna, tem o tamanho de uma criança de quatro anos, vou aos poucos me aproximando dela e a visão só piora, parece que ela só tem pele e ossos, está *des(en)carnada*, os olhos extremamente abertos, olham para o nada: *é o vazio olhando para o vazio*. Fico parada observando e tentando me refazer. A impressão era que ela estava morta. Percebo que ela me percebe. Sinto certo alívio, afinal, para me perceber teria que estar viva.

Após apresentar-me e confirmar seu nome, pergunto se sabe por que está ali. Com enorme dificuldade me diz, “não sei”, e fica em silêncio. Faz um grande esforço para engolir a saliva e percebo que vai falar algo. Olha para mim e me mostra seu braço; puxa levemente a pele e diz: “estou morta, não sinto nada”. Acredito que não estava preparada para o que ouvi e muito menos para o profundo impacto afetivo que provocou em mim. Era um misto de horror, medo e incredulidade: senti que falava com uma morta. Tomada por isso, acredito que perdi temporariamente a minha capacidade de pensar, pois, por mais que soubesse que um delírio é inquestionável, desenvolvemos a seguinte conversa:

Eu – Se você estivesse morta não conseguiria falar comigo.

Estela – Você não está entendendo, olha (mostra a parte interna do braço), minhas veias secaram, não tenho mais sangue.

Eu (Coloco a minha mão onde ela apontou e digo) – Você está quente, tem sangue circulando pelas suas veias.

Estela – Você não entende, não tem mais nada dentro de mim, secou tudo.

Após a terceira vez em que ela me diz que não estou entendendo, parece que retomo minha capacidade de pensar.

Eu (Digo, no tom de voz mais acolhedor que consigo) – Desculpa, Estela, você tem razão, acho que não estou mesmo entendendo, me conta então desde quando você está morta.

Estela (Fica muito pensativa, sai lentamente da posição fetal, olha-me diretamente nos olhos. Percebo uma fúria, que desaparece muito rapidamente, sinto que ela me fulmina com o olhar, o impacto é tão grande que chego a me afastar um pouco dela, como se ela fosse me atacar. São frações de segundo, parece que a vida a tinha brevemente possuído. Ela desvia seu olhar do meu, fica um longo tempo em silêncio, e volta lentamente para a posição fetal) – Desde que meu filho morreu.

Novo turbilhão de sentimentos me invadem ao vê-la lentamente deixar a vida novamente, foi como se eu a visse morrer aos poucos na minha frente. Parecia que ao voltar para a posição fetal o mundo se movia em câmera lenta e eu não podia fazer nada. Senti medo e fui tomada por uma urgência em que pensei: “ela precisa comer”. Digo a ela que caso não coma seria obrigada a alimentar-se por uma sonda; falo de forma muito firme e sem deixar o menor espaço para questionamento. Chamo a auxiliar e peço para trazer algo que Estela pudesse ingerir. Ela me traz um pequeno pote de gelatina. Encho uma colher de gelatina e coloco na frente da boca dela e digo: “ou você come ou já sabe!” Para surpresa minha e da auxiliar ela abre a boca. A sensação de vê-la comer era muito ruim, ela não esboçava nenhum sentimento, não dava para saber se gostava ou não do que comia, ou o que estava pensando da violência a que eu a estava submetendo, *era o nada*, não existia reação nenhuma. Lembro-me como se fosse hoje de dar três colheres da gelatina para ela. Fiquei calada, concentrada, muito enérgica; a sensação foi que cada colherada durou muito. Peço para a auxiliar terminar alimentá-la. Saio do quarto exausta. Sentia dores pelo corpo todo e num movimento muito espontâneo olho para a parte interna do meu braço, olho as minhas veias, passo a mão pela pele, sinto o calor, e, aos poucos, a imagem assustadora do braço da paciente vai se dissolvendo na minha mente.

Relembrar do texto freudiano “Luto e melancolia” seria inevitável. Na parte em que diz: “mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe *quem* ele perdeu, mas *o que* perdeu nesse alguém”. (1917 [1915] /1980, p. 277),

refletia o que estava diante de mim, porém eu não tinha como trabalhar *o que ela perdeu nesse filho que se foi*. Por mais que eu soubesse que na melancolia a escolha de objeto é narcísica, também não tinha como abordar a *escolha narcísica que esse filho representava*.

A minha escuta tinha que se adaptar a uma situação de emergência: Estela estava morrendo fisicamente. Pensar no morrer psíquico denunciado pelo delírio teria que ser deixado para um segundo momento.

Antes do segundo atendimento conheço a filha de Estela e aí também se passou algo interessante.

Vejo uma senhora abraçada com Estela. Era uma cena muito afetuosa. Imaginei que fosse *a mãe vindo visitar a filha*. Quando me aproximo fico surpresa, pois tratava-se de uma jovem. Era *a filha vindo visitar a mãe*. Estela me apresenta. Era uma moça doce e carinhosa. Falou sobre a dor de perder o irmão. Contou da relação da mãe com o irmão que era “um grude só”, fala abertamente sobre o ciúme que sentia e que preferiria voltar a sentir isso do que a dor pela morte dele. Ela me diz, em meio a um choro profundamente doloroso: “não posso perder minha mãe também”. Olha para Estela e a abraça novamente.

Na segunda vez que a atendi falou sobre seu delírio: sobre a ausência de seus órgãos, um fígado que tinha secado, um coração que tinha parado de bater e desaparecido de dentro dela, as veias secas, a ausência de sangue. Decido não falar o que penso ser o seu delírio: morrer e ficar no mesmo estado do seu filho, e então, ao estar vazia, não sentir mais nada, estando morta, poderia ser igual a ele, fazer o grude (a que a filha se referiu), *os dois estando mortos continuariam a ser um só*. Decido então falar da *filha viva* e contar da impressão que tive. Digo: “quando vi vocês juntas pensei que a sua filha fosse sua mãe”. Conversamos durante muito tempo e o delírio não nos interrompeu mais.

No terceiro atendimento sou avisada pela enfermagem que Estela tinha se alimentado no refeitório, tomado banho sozinha e pela primeira vez estava fora do leito. Encontrei-a sentada na varanda. Foi lá nosso último encontro. Achei Estela estranha, apesar da aparente melhora me pareceu não estar ali. Ficava passando a mão no local que dizia que as veias

secaram, porém não falava sobre o delírio. Com muita dificuldade me contou como viu seu filho ser assassinado na frente dela, o medo, o quanto chorou e gritou, e o desespero que sentiu ao vê-lo morrer. Lembro muito nitidamente dela falando de como ele foi aos poucos se esvaindo em sangue e como morreu em seus braços. E eu fui percebendo como foi, naquele momento, que se iniciou o morrer de Estela, foi morrendo aos poucos, junto com ele, e continuou morrendo. Lembrei-me de minha reação no primeiro encontro: o mundo em câmera lenta, eu sentir que não poderia fazer nada e presenciar ela morrendo lentamente na minha frente. O filho se esvaía em sangue, ela já estava esvaída, não tinha mais sangue. O que me faz acreditar que a urgência que senti, a forma firme e inquestionável com que a obriguei a comer tenha sido o único jeito que encontrei de ela não ter o mesmo destino dele. A angústia da auxiliar e o medo da residente tinham muito fundamento: Estela estava morrendo fisicamente e o seu delírio denunciava que estava morrendo também psiquicamente. Rosenberg (2003) tem uma colocação que reflete perfeitamente o que ocorria com Estela: “desinvestir o objeto quer dizer, de fato, desinvestir-se a si mesmo; aceitar que o objeto está perdido é perder-se a si mesmo.” (p. 129). *O desinvestir de si mesma estava chegando às últimas consequências.*

Para minha surpresa, sou avisada pela enfermagem que ela não quer mais que eu fale com ela, a auxiliar me diz que Estela expressou-se da seguinte maneira: “não quero mais ver aquela psicóloga na minha frente”.

Respeitei seu pedido e cerca de uma semana depois ela teve alta para iniciar tratamento ambulatorial. Mandou-me um recado: “Fala para a Katia que eu agradeço o que ela fez por mim”.

Deixarei para outro momento três questões: o olhar de fúria que me dirigiu no primeiro atendimento, o pedido de não ser mais atendida e o agradecimento.

Estela me faz pensar hoje numa frase de Nietzsche: Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você. Senti que olhei para Estela *dentro do abismo*. Em vários momentos durante os atendimentos, eu sentia que esse abismo também me olhava. Acredito que Estela sabia disso. Ela sabia que eu tinha olhado para ela: olhado para sua pele,

seus ossos, suas veias secas, para a ausência de órgãos, para a cena interna do assassinato do filho, para sua dor e desespero, e, por fim, para a sua morte lenta e interminável, para o seu *morrer sem fim*. Hoje, escrevendo sobre as vivências que esse atendimento promoveu em mim, lembro-me de Cérbero, personagem da mitologia grega, um cão de três cabeças que guarda a porta que dá acesso ao mundo dos mortos. Penso que esse cão monstruoso seduzia, lambia, abanava o rabo, fazia festa e ia aos poucos convidando-a a adentrar nesse mundo, também chamado de mundo inferior; talvez seja o mundo do abismo, abismo sem fim, *o inominável*.

Quando eu era pequena, uma pessoa que gostava de astronomia me falou que muitas vezes as estrelas que vemos no céu já morreram, não existem mais, o que vemos é somente um brilho de quando existiram. Estela, minha paciente estrela, me faz pensar que se quando ela saiu da internação ainda estava viva, ou, se o que víamos era somente um vislumbre, uma luz, de quem já não existia.

Referências

- Freud, S. (1980). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 15, pp. 268-291). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Rosenberg, B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*. (C. Gambini, trad.). São Paulo: Escuta.

Katia Silvana Piroli

kpiroli@uol.com.br

Psicanálise e psiquiatria: confronto com uma situação de risco de morte

Maria Amelia Dias Pereira,¹ Goiânia

Resumo: O texto apresenta material clínico de uma paciente severamente deprimida que está sendo acompanhada em abordagem psicanalítica por uma profissional que também é psiquiatra. Discute o papel do analista em situações onde a ideação suicida está presente e colocando em risco a vida do analisando.

Palavras-chave: depressão, suicídio, psiquiatria, psicanálise

Cora é uma paciente que me procurou como psiquiatra para acompanhá-la em um quadro depressivo. Prescrevi medicamentos e encaminhei-a para psicanálise. Fez algumas tentativas com psicoterapeutas, chegou a fazer entrevistas com psicanalistas, mas não deu continuidade. A psicofarmacoterapia teve inicialmente uma boa resposta, mas depois de quase um ano teve outra recaída e a medicação, nesse momento, não estava mais sendo satisfatória. Após um ano e meio de acompanhamento psiquiátrico lhe propus que iniciássemos o processo analítico quatro vezes por semana e a encaminhei para outro psiquiatra. Tínhamos um bom vínculo e eu acreditava que poderíamos caminhar juntas de uma forma mais produtiva em outro cenário.

No material clínico que apresentarei fica clara a dificuldade de me desvencilhar da função de psiquiatra.

A depressão endógena, doença grave e incapacitante, traz importantes consequências na vida de quem a tem. A perda da motivação, a falta de energia, a diminuição ou ausência do prazer, o sentimento de menos valia e baixa autoestima, a tristeza imotivada, o distanciamento afetivo das

1 Do Instituto de Psicanálise do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia, GEPPG.

peçoas, mesmo das mais queridas, são alguns dos sintomas mais frequentes nesses quadros. Talvez o pior de todos seja a desesperança. Quem está no quadro depressivo intenso sofre muito e se vê sem perspectivas de melhora, sente-se só, mesmo tendo uma boa rede de apoio e suporte. Muitas vezes o próprio acompanhamento terapêutico não consegue se tornar uma ajuda viável, como se o paciente não pudesse desfrutar da ajuda que ele quer e precisa, mas pela culpa, sente que não merece.

Pergunto-me se é possível a um psiquiatra, no papel de analista, manter-se sempre nessa posição em um quadro em que a patologia mental impõe risco de vida e a ideia de suicídio ronda a mente do paciente de uma forma extremamente insistente. Reconheço a nossa limitação como profissionais, mas às vezes o suicídio não é uma morte evitável? Estudos de autópsia psicológica² das pessoas que se mataram mostram que uma boa parte dessas pessoas se matou no momento de impulsos, que se tivessem tido tempo de refletir poderiam não ter consumado o ato. Então, atender os telefonemas sempre que formos chamados, disponibilizar horários extras conversar com familiares etc., são recursos que quebram as regras da análise, mas protegem a vida do paciente. Entendo, em parte, que minha atitude no episódio aqui descrito reflete essa situação.

Essa sessão mostra o momento em que, como em vários outros durante a análise de Cora, pude identificar que funcionei como pessoa na relação transferencial. Para compreender melhor esse conceito, utilizei o texto de Marucco “Entre a recordação e o destino: a repetição” (2007).

Alguns conceitos devem ser compreendidos para tratar esse tema. Marucco (2007) descreveu diferentes zonas psíquicas que ocorrem durante o processo de análise e que determinam configurações particulares na dinâmica da relação pulsão-objeto e da posição do analista como objeto na situação analítica. Essas zonas inconscientes coexistem e variam conforme

2 Autopsia psicológica é uma estratégia utilizada para delinear as características psicológicas de vítimas de morte violenta e por meio de exames retrospectivos, torna-se possível alcançar importantes elementos referentes à compreensão do suicídio (Werlang, 2012).

a psicopatologia. A Zona do sonhar, do inconsciente reprimido, sexual e significativo convive com outras, que são: Zona do narcisismo – relação do ego com o ideal; Zona do inconsciente vinculado ao sentimento de culpa, à problemática da autoestima e do sentimento de si; Zona do inconsciente das identificações em que o objeto é identificado no ego e no superego (nesse caso o trabalho de análise será de desidentificação, para devolver ao sujeito sua pulsionalidade apagada) e Zona de repetição e de pulsão de morte.

No trabalho analítico com Cora podemos identificar o aparecimento das diferentes zonas psíquicas descritas por Marucco (2007), por exemplo na zona da identificação, quando ela não consegue perceber em si mesma seus desejos, ou a direcionalidade de suas pulsões; ela está excessivamente identificada com a mãe. Em vários momentos Cora me dizia que somente via vazio em si mesma. Sua vida foi motivada por pequenas metas, sempre ligadas às questões profissionais mais imediatas: estudar, passar no vestibular para odontologia, se formar, arrumar emprego. E como tudo isso não a preenche, pois não identifica em si mesma qual é a sua verdade, vem o vazio e a visão da morte como uma forma de alívio.

A questão narcísica, expressa nas exigências do ideal de ego, também foi uma constante nesse trajeto analítico. Cora está constantemente sentindo-se incapaz e tendo a necessidade de estudar mais, precisando provar a si mesma a sua competência, apesar desta não ter sido questionada no meio em que trabalhava.

Em alguns momentos eu sentia que tinha um papel na não desistência de Cora, em que eu percebia que o nosso vínculo era fundamental para manter a vida. Estes momentos são descritos por Marucco (2007): “A presença do analista como função e como pessoa (entendida esta como singularidade real) permite que a transferência seja mais que uma mera repetição, para se transformar em uma reedição corrigida e aumentada”.

Cora, após seis meses de análise se mostrava cada vez mais triste, com ideação suicida persistente, angustiada e monossilábica. Tivemos uma interrupção de quinze dias nas férias e, na primeira sessão no retorno, Cora entrou no consultório e disse: “Se você quiser podemos voltar para o divã” (devido à grande angústia vivida por Cora, no final do primeiro semestre

ela havia saído do divã). Percebi que esse era um passo importante que ela estava dando, pois ela sabia que com o divã havia possibilidades diferenciadas para lidar com sua dor. Eu ainda não sabia como Cora estava depois da interrupção das férias e não tinha certeza se ela suportaria ficar no divã, mas eu queria acompanhar o ritmo que ela estava propondo.

O quadro depressivo foi se agravando e percebi que Cora estava cada vez mais triste e só. Passou a chegar cada vez mais cedo no consultório, às vezes até uma hora antes de sua sessão. Dizia que estava tudo muito difícil e começou a falar em meios de se matar. Determinado dia, ao terminar uma sessão, perguntei se ela queria ter quatro sessões por semana (nessa época tinha três) e, se houvesse um horário no dia seguinte, se ela queria vir. Ela disse que sim.

No dia seguinte, chegou e falou que tinha pesquisado na internet a morte por asfixia, contando-me detalhes de tudo que tinha pensado a respeito. Conversamos sobre o significado de sua vida, sobre seu desejo de morte de uma forma aberta, sincera e profunda. Percebi que ela não conseguiria se afastar da ideia de suicídio e esse era um risco iminente. Cora já tinha se decidido, iria acontecer no seu carro (pois pensou que não seria justo com seu companheiro se matar dentro do apartamento dele), ela puncionaria algumas veias, se possível tentaria puncionar até uma artéria, deixaria o sangue se esvair e quando estivesse mais torporosa colocaria o saco plástico na cabeça para morrer asfixiada. Disse que escreveria um bilhete de despedida que seria assim: “me desculpem, foi o máximo que consegui suportar; não é culpa de ninguém e isso não significa que eu não os amo.” Depois, disse que pensou em um acréscimo: “não falem para minha vó o que ocorreu”.

Pensei muito na minha posição de analista pois sabia do risco real, mas acreditei que nessa hora o melhor a fazer era ter uma atitude de proteção. A prioridade ali era a vida de Cora. Então, antes do término da sessão perguntei se ela aceitaria uma internação. Imediatamente ela disse que sim, “o que você falar eu aceito”, ela disse.

Levantei-me, pedi o telefone de seu companheiro para chamá-lo, falei que ligaríamos para seu psiquiatra fazendo a proposta, enfim, assumi o

lugar mais ativo de um profissional frente o paciente em situação de risco. Após isso, Cora me mostrou os materiais que ela tinha no bolso, agulhas para puncionar veias, o saco plástico e o caderno que havia trazido para escrever o bilhete de despedida. Tive a impressão de que ela ficou muito aliviada nesse momento. Deixou sobre o sofá seus “instrumentos” como se deixasse ali o que a levaria a morte.

Decidimos junto com o seu companheiro e o psiquiatra por uma internação em uma clínica particular, para contê-la naquele momento. Na sequência, ela foi submetida a sessões de eletroconvulsoterapia.

O processo analítico continuou, com momentos de melhora, intercalados por agravamentos. Teve fases hipomaníacas, períodos de eutimia e outros, a maioria, de rebaixamento do humor. Trocou de psiquiatra três vezes em três anos e fez uso de incontáveis esquemas medicamentosos diferentes.

A parceria da psicanálise com a psicofarmacoterapia

Há momentos em que um paciente que tem uma patologia mental muito grave não consegue se manter em condições de pensar, pois uma angústia de dimensões insuportáveis impede o trabalho de pensar e de manter suas funções (Zimmerman, 2004). O indivíduo é inundado por elementos beta que são as impressões sensoriais e as experiências emocionais que não conseguiram ser transformadas e devem ser expulsas e evacuadas pra fora como nos *actings*.

Nessas situações, o analista, mesmo tentando fazer uso de sua função alfa para ajudar o paciente na formação de símbolos e para possibilitar o pensamento e o raciocínio, não consegue colaborar com o paciente, pois este fica momentaneamente blindado, inacessível a qualquer intervenção. Podemos considerar que esse seria um momento psicótico do paciente e nessa hora a medicação se torna uma ferramenta muito útil, inclusive para permitir o processo analítico. O que estou chamando aqui de psicótico não é na abordagem psiquiátrica, mas considerando a visão de Bion (2004) que descreve a parte psicótica da personalidade como sendo composta

principalmente de fortes pulsões agressivas, baixo limiar de tolerância às frustrações, uso excessivo de defesas primitivas, falha na comunicação, predominância de onipotência, onisciência, arrogância e confusão entre o verdadeiro e o falso.

Ana Irene Camongina (2006), discutindo a interface do medicamento antidepressivo com a psicanálise e o papel do psiquiatra, considera que a prescrição do antidepressivo baseado apenas na evidência sintomatológica destituída da visão subjetiva da singularidade do paciente e do contexto em que ele está vivendo, pode levar a uma atitude de adição e até de iatrogenia. Porém, no encontro clínico a doença pode ser narrada, compreendida e contextualizada para ser corretamente diagnosticada e aí, sim, a medicação quando necessária e adequadamente prescrita, pode trazer um grande benefício ao paciente, fazendo com que ele se confronte com a verdade de seus sintomas. Respeitando-se a subjetividade do paciente, o psiquiatra que está fora do trabalho da dupla analítica tem condições de trazer um novo olhar ao caso, identifica o papel da medicação naquele contexto específico, e pode contribuir, tanto na melhora dos sintomas, como para que o trabalho com analista prossiga na direção correta.

Considero que a análise de Cora ainda tem muito a caminhar. Lidar com um quadro depressivo grave como o dela, que constantemente está no limite entre a vida e a morte, e que responde tão mal aos recursos terapêuticos usados (inclusive medicamentos), traz uma grande angústia para o profissional que a acompanha. Da minha parte percebo uma vontade imensa de estar com Cora. Já sentia isso no início do tratamento, agora sinto de uma forma diferente. Não é o desejo de curar a depressão, é o desejo de acompanhá-la no processo de autoconhecimento que a psicanálise permite. É de reviver na sessão de análise as dores e angústias de suas relações primitivas, numa tentativa de elaborá-las. É uma vontade de aperfeiçoar minha escuta, de aumentar a sensibilidade para perceber a dor do outro. É um desejo de estudar mais, de aprender sempre. Cora me ajudou a ver de muito perto a dor do deprimido e a psicanálise me ajudou a suportar a minha impotência.

Impotência que temos perante a vida e a morte. Perante a doença e o suicídio. Mas é somente reconhecendo nossos limites que podemos estar ao lado de nossos pacientes, fazendo o que é possível e não desistindo nunca.

Referências

- Bion, W. R. (2004). *Transformações*. (P. C. Sandler, trad., 2ªed). Rio de Janeiro: Imago.
- Canongia, A. I. (2006). O pharmakon na interface do dispositivo analítico: o phatos na busca de sua verdade. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 9 (3), 410-422.
- Marucco, N. C. (2007). Entre a recordação e o destino: a repetição. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41 (1), 121-136.
- Zimmerman, D. E. (2004). *Bion: da teoria à prática – uma leitura didática* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Werlang, B. S. G. (2012). Psychological Autopsy: an important strategy for retrospective evaluation. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17 (8), 1955-1862.

Maria Amelia Dias Pereira
pereiramamelia@gmail.com

Temas livres



Do lado nobre do psicanalista¹

Cláudia Cristina Antonelli,² Campinas

Resumo: Com base em uma experiência própria de desconforto vivida durante um simpósio de Psicanálise, a autora articula um conceito bastante difundido a respeito da formação psicanalítica, primeiramente veiculado por Anna Freud. Exemplifica sua reflexão com uma segunda experiência, esta em um atendimento que se daria junto ao leito de um paciente hospitalar. Por fim, propõe aos colegas em formação a expansão do que neste artigo é tratado – o enriquecimento da formação do psicanalista –, incluindo não somente as formas culturais, como também o alcance de seu olhar e de sua escuta.

Palavras-chave: formação psicanalítica, cultura

Havia alguns meses que eu trabalhava em um artigo para (ousadamente) enviar ao Congresso da IPA/2015 a respeito de minha pesquisa acadêmica com Psicanálise, quando me assaltou o desejo de dá-lo por terminado e iniciar este aqui. Senti um impulso em fazê-lo. Um daqueles momentos que nos assalta com uma ideia e uma força desejosa ao mesmo tempo. (Eu estava em realidade na academia quando isso aconteceu. Busquei o computador mais próximo disponível aos alunos e escrevi-o quase por inteiro). Num primeiro instante simplesmente chamei-o de “Texto 2” (já que o era). Num segundo pensamento, o título acima tomou lugar. O primeiro texto (acadêmico) não foi aceito. Este, livre, sim.

Alguns dias antes eu havia estado num simpósio na SBPSP para assistir à vinda de alguns analistas dos EUA, assim como a do filho de Thomas Ogden, Benjamin, que estava lá para falar de seu trabalho literário.

1 Artigo originalmente escrito em inglês, aceito no Congresso IPA de Boston/2015.

2 Do Instituto de Psicanálise do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas, GEP-Campinas.

Próximo ao final desse evento que foi muito interessante, um analista didata presente à mesa de discussão – cuja identificação não nos importa ao mínimo – espontaneamente citou algumas frases (de memória) relacionadas à formação do psicanalista, as quais ele atribuiu terem sido originalmente de Anna Freud. Algo como – da maneira que eu as recorde – que um jovem rapaz teria escrito à Anna perguntando-lhe o que ele deveria fazer para tornar-se um bom psicanalista. E Anna teria respondido: “Leia livros, os grandes autores, vá a exposições de Arte...”, ele não concluiu, pois um imediato sussurro de concordância vindo da plateia seguiu-se e preencheu o auditório. (*O texto original de Anna Freud se encontra ao final deste artigo*).

Na realidade, como provavelmente muitos de vocês também, eu já havia escutado essa ideia algumas vezes: a ideia de cultivarmos nossa mente e espírito com arte, música, literatura, teatro, opera etc. Ainda que de forma um pouco diferente a cada vez, sempre pareceu carregar, assim como desta vez, o consenso de todos presentes (inclusive o meu).

É fácil presumir que Anna estava, com suas palavras, endereçando esse importante compromisso que assumimos quando decidimos nos tornar psicanalistas: ou seja, o de sempre e a todo alcance possível, afinarmos nosso instrumento, nossa mente. Consequentemente, de expandirmos nossa sensibilidade e cultura, também, à medida do possível.

Contudo, de alguma maneira, neste dia, ao escutar essa mesma e já conhecida ideia, algo me soou diferente, não na ideia, mas em mim. De início, não soube ao certo o quê, exceto por um sentimento que me assolou imediatamente após escutá-la: a ideia me pareceu, de alguma maneira ou em algum aspecto – talvez no tom propagado do murmúrio de concordância quase absoluta que se seguiu – algo elitista.

Essas palavras, pela primeira vez, fizeram-me sentir desconfortável. Alguém teria dito alguma vez: “Onde houver um fácil consenso, deveríamos mantermo-nos atentos”. Eu estive. Parei para pensar. E o primeiro pensamento que me atravessou a mente foi que, essa ideia de “como tornar-se um bom psicanalista” era, sem dúvida, bastante parcial. Sabemos disto, claro. Sabemos do restante da formação: a análise pessoal,

as supervisões, os estudos, seminários e o moinho cotidiano de nosso trabalho clínico.

A parcialidade à qual me refiro, suponho, vai além. Ou talvez, a quem: não estaria para ser encontrada no mundo fora – mas dentro de cada um. Explicarei.

Parto agora de mim. Sem saber que um dia faria uma formação para tornar-me psicanalista, me dou conta de que talvez estivesse forjando meu caminho para tal, desde muito cedo. Filha de uma mãe artista (pintora) tive o privilégio de testemunhar de perto muitos de seus processos criativos. Suas falas, seus livros repletos de pinturas espalhados por seu atelier; seus amigos pintores; as exposições.

Também tive a oportunidade de conhecer as galerias mais importantes que temos ao alcance: Itália, França, Grécia, Inglaterra, Espanha. Mas também as da China, México, e mais próximas a nós, as da Argentina e nossas próprias, no Brasil; o privilégio de aprender música clássica e piano desde pequena; a oportunidade de aprender e falar fluentemente algumas línguas estrangeiras. Mas mais importante que as próprias línguas, pude ver desvelar diante de mim, por meio delas, seus mundos e culturas: lendo Victor Hugo ou Marguerite Duras em francês, Shakespeare ou Woolf em inglês; Jorge Luis Borges ou Isabela Allende em espanhol; e, claro, Jorge Amado ou Machado de Assis, em nossa língua.

Em suma, pondero que tive oportunidades e as abracei. Fui exposta, e me expus, a diversas artes humanas. E ainda tento fazê-lo, à medida do possível, em tempos da dispendiosa análise didática! A questão é: tenho ciência de que essas experiências revelam e afiam nossa sensibilidade e mundo sensorial, entre outras funções que possam ocorrer em nossas camadas mais profundas da mente e dos processos mentais.

Contudo, refleti então já a caminho de volta para casa, após o término do encontro, é bastante fácil gostar dessa sugestão, de como tornar-se um bom psicanalista. Expor-se aos mais nobres e sublimes trabalhos humanos.

Perguntei-me: e o outro lado, *feio* das coisas: o pobre, o sujo, o não-elaborado, a face mundana dos sentimentos humanos? Certamente lidamos com isto todos os dias – quer seja nos consultórios (com nossos

pacientes e em nós mesmos), quer seja na vida. Poder-se-ia argumentar talvez que esse *lapidar de nossa sensibilidade* nos facilitaria lidar com esse outro lado da moeda. Mas pretendo pensar além.

Pois meu propósito com este artigo é trazer à tona um aspecto que geralmente não é mencionado na formação. De praxe o que vemos e escutamos são referências a “um analista deve estar em contato com o mundo da arte” e nutrir-se com o melhor da criação e criatividade humanas, conforme descrevi acima. Entretanto, curiosamente, encontrei recentemente no conhecido artigo de Freud de 1919, *Das Unheimlich* (O Estranho ou o Inquietante), a seguinte passagem:

Encontramos nada o que quer que seja deste assunto nos extensos ensaios de estética, os quais geralmente preferem se preocupar com o que é belo, atraente e sublime – ou seja, com sentimentos de uma natureza positiva – e com as circunstâncias e objetos que os aguçam, mais do que com os sentimentos opostos, de repulsa e pesar. (vol. XVII, p. 276, Edição Standard Brasileira, TDA)

Essa era uma crítica de Freud ao fato de que poucos se acercavam da estética feia, desagradável, dolorosa. De alguma maneira, nós, mais de um século depois, ainda fazemos o mesmo. Naturalmente, isto é uma provocação – primeiramente, a mim mesma.

Pois estou pensando, como disse antes, “no outro lado”. Estou pensando em nossos pacientes com “pouca cultura” (formal) e que não contam muito com capacidades simbólicas/simbolizadoras. Poder-se-ia novamente dizer, nossas mentes precisam ajudá-los a fazê-lo: simbolizar. Sem dúvida. Mas ainda assim, me pergunto: o quanto podemos realmente perceber ou apreender um universo interno pobremente simbolizado, a partir de nosso alto pedestal de mentes cultivadas? O quanto podemos lidar com o feio? E se o andaime que riscamos construir com toda nossa erudição nos colocar distantes demais de quem está ali, conosco. Correndo o risco de perdê-los de vista/de escuta. Ao menos, de partes menos “nobres”, deles e – necessariamente – nossas. Talvez este meu argumento parta

primeiramente de uma experiência própria, que tive. Uma vez, num estágio no último ano de graduação em Psicologia, não fui capaz de olhar um paciente em seu rosto. Era a ala de Oncologia de um hospital público municipal e ele estava sentado em seu leito, quando entrei seu quarto. Ele me foi designado após uma cirurgia à qual se submetera e a qual lhe havia retirado boa parte de seu rosto – deformando a outra parte. Era a primeira vez que eu o via e o primeiro vislumbre de seu rosto me bastou para continuar meus passos – passando por ele –, em direção à janela. Tudo o que pude fazer foi fingir buscar algo na vista de fora da janela – o que não era de tudo mentira. Devo ter ido buscar saída para o desconforto e agonia que me haviam subitamente assaltado.

Desse rápido olhar, no entanto, seu rosto permaneceu fixado em minha mente: era um rosto disforme e feio. Eu não podia – ou ao menos achei que não podia – claramente localizar seus olhos, sua boca, seu nariz. Uma parte estava inchada, talvez outra faltando. Mas ele sorria – ou assim parecia. Eu não podia pensar.

Todos os livros, quadros, óperas, esculturas e poemas que eu havia tido em minha vida, não me ajudaram naquele instante: eu não podia olhar meu paciente em seus olhos, em seu rosto. “Encarar a vida de frente”, teria dito a poetisa e escritora Virginia Woolf. Naquele momento, eu não pude. Para aquela estética eu não havia sido preparada. E talvez nunca somos, preparados para o feio – como poderíamos?

Podemos “preparar” nosso instrumento de pensar, nossa mente, tentar “digerir” estes conteúdos altamente difíceis de serem digeridos. Não somente “o rosto” que eu via – *mas o que eu sentia*.

Minha hipótese – e o ponto onde quero chegar – é a de que precisamos ver as belezas da vida, não somente porque elas enriquecem nossas mentes e espíritos, o que é absolutamente verdadeiro, mas também porque é mais fácil assim. Elas nos agradam. Especialmente quando nos tornamos mais e mais – com o passar do tempo – apreciadores do belo, do bom gosto, do elaborado. Com a especial sensibilidade que temos como psicanalistas e seres humanos; com o desejo especial que temos pelas formas emblemáticas e complexas, do fazer humano. Pois geralmente não

gostamos do inverso: pensamentos rasos ou superficiais, a não-cultura, o feio, o estúpido. Claro, temos tudo isto em nós também e, como todo ser humano, também sofreremos exclusão, dor, medo, angústia, perda, frio, solidão – até mesmo fome. Mas não gostamos de nada disso – naturalmente. O risco, porém, é de também não gostarmos de estar em contato com esse “outro lado”.

Grande parte de nosso mundo hoje é dor – pobreza, miséria, guerra e sofrimento. Grande parte é, infelizmente, tristeza. Esse é o outro lado da verdade parcial. Esse é o rosto humano: o completo rosto humano.

Eu não teria a pretensão de fazer-lhes, colegas em formação, nenhuma recomendação. Contudo, se eu devesse citar Anna Freud em seus dizeres – os mesmos do início deste texto – eu provavelmente adicionaria algo:

Leia bons livros, os grandes autores, vá a exposições de arte e a concertos de música. Mas não somente. Também olhe as pessoas, no rosto. Isso pode parecer contraditório com o paciente que se deita no divã, mas não é. Estejam eles sentados ou deitados – no divã, numa maca de hospital, em qualquer local que possam ser atendidos. Olhemo-os no rosto, internamente – qualquer que seja.

Acredito ser esse o desafio que nos aguarda adiante, a nós, futuros psicanalistas neste mundo cada vez mais complexo e multifacetado.

Encerro agora, com a completa citação de Anna Freud (citada por Kohut, 1968), para nossa própria referência:

Caro John,

Você me perguntou o que eu considero qualidades pessoais essenciais num futuro psicanalista. A resposta é comparativamente simples. Se você quiser ser um verdadeiro psicanalista, você tem que ter um grande amor pela verdade, verdade científica tanto quanto pessoal, e você tem que colocar esta apreciação pela verdade acima de qualquer desconforto ao deparar-se com fatos desagradáveis, quer eles pertençam ao mundo de fora quanto à sua própria pessoa interior.

Além disso, eu acho que um psicanalista deveria ter interesses para além dos limites do campo médico. Em fatos que pertençam à sociologia, à religião,

à literatura, à história – caso contrário, sua perspectiva sobre seu paciente restará rasa. Este ponto contém as necessárias preparações além dos requerimentos feitos aos candidatos a analistas nos institutos. Você deve se tornar um grande leitor e familiarizar-se com a literatura de várias culturas e países. Nas grandes figuras literárias você encontrará pessoas que sabem tanto quanto da natureza humana, quanto os psiquiatras e psicólogos tentam saber.

Isto responde à sua pergunta?

Anna Freud

Referências

- Freud, A. (1968). The evaluation of applicants for psychoanalytic training (Carta escrita por Anna Freud). In H. Kohut, *The International Journal of Psycho-Analysis and Bulletin of the International Psycho-Analytical Association*, 49, 548-554.
- Freud, S. (1976). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, p. 276). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Cláudia Cristina Antonelli
claudia.antonelli@gmail.com

Por que grupo?

Jeanete Suzana Negretto Sacchet,¹ Porto Alegre

Resumo: Trata-se de minha experiência como paciente de psicoterapia analítica de grupo e como psicanalista de grupo. Considero este trabalho tão eficiente como o tratamento individual.

Palavras chave: psicoterapia analítica de grupo, vínculo, personalidades heterogêneas, fenômenos inconscientes, melhoras efetivas

Introdução

A ideia de falar hoje sobre psicoterapia analítica de grupo, ou *análise compartilhada*, como nomeia Gerardo Stein (1990), decorre do fato de eu mesma ter elegido o trabalho de grupo como uma das formas mais significativas de tratamento psicanalítico. Por alguns anos, tratei-me em grupo com o professor David Zimmerman antes de iniciar análise individual com ele. Lembro-me de ouvi-lo dizer que não há diferença entre a técnica de grupo e a individual, eis que muda apenas a pessoa do analista. Há dezesseis anos trabalho com grupos de psicoterapia analítica em meu consultório e na Fundação Universitária Mario Martins, e em ambos percebo mudanças efetivas nos pacientes.

1 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, SBPdePA.

Desenvolvimento

A proposta de cura na psicanálise de grupo se apoia no emprego do método psicanalítico com várias pessoas reunidas, todas com a mesma finalidade: busca da saúde mental. Particularmente, considero recomendável a constituição de grupos de seis pacientes mais o analista, por ser de manejo mais adequado.

A comunicação inconsciente existe em qualquer vínculo humano, cabendo à escuta do analista, no tratamento em grupo, atentar para a dinâmica da conversação. Chamar a atenção ao que cada um expressa, muitas vezes sem se dar conta, desperta a curiosidade dos analisandos e o desejo investigativo de cada um sobre si e sobre os demais. Dessa forma, cria-se uma atividade compartilhada de reconhecimento das produções inconscientes que circulam no grupo. Os pacientes começam a se desinibir quando ouvem os problemas dos outros, pois percebem que isso é comum a todos. Assim, a função analítica será estimulada intensamente de forma espontânea.

A abstinência e a neutralidade são igualmente fundamentais, o psicanalista de grupo não fala sobre si mesmo, pois não pode renunciar à sua função e ao seu lugar. Segundo Zimmerman (1971), o falar espontâneo no grupo equivale à associação livre. A confiança no analista e nos irmãos de grupo, como são chamados os integrantes, é fundamental. Percebe-se nos grupos de psicoterapia analítica um intenso vínculo fraterno, acompanhado de vários sentimentos, tais como: ternura, preocupação com o outro, rivalidade, competição e muita solidariedade. Conforme Grimberg et al. (1971), qualquer pessoa que se beneficie com análise individual poderá se beneficiar com análise de grupo. A transferência positiva do paciente para com o analista, e vice-versa, define o vínculo entre ambos e entre os irmãos de grupo, tornando possível o duro trabalho empreendido por todos.

O grupo pode ser visto como uma unidade dinâmica, formada em torno do analista, que recebe projeções durante a sessão. Na análise individual, um só dos objetos passíveis de transferência está presente: o psicanalista. Na análise de grupo, várias pessoas poderão cumprir esse papel, isto é, ser o objeto da transferência. Como na análise individual, o psicanalista

de grupo exerce a atenção flutuante com cada um dos pacientes e, a qualquer momento, pode intervir para o entendimento e a compreensão grupal. Essa é a base fundamental que permite interpretar as associações como um todo (Kaës, 1995).

Na avaliação inicial, uma das primeiras objeções do paciente é não saber se conseguirá falar de si para pessoas estranhas, pois é fundamental que os integrantes não se conheçam antes de entrar no grupo. No momento em que o paciente percebe que os demais estão ali pelos seus problemas e dificuldades e, com o decorrer do tempo, dá-se conta de que seus irmãos de grupo o ajudarão a ver-se melhor por meio de suas transferências. Quando um novo membro entra no grupo, a princípio não compreende o que está ocorrendo, não sabe abstrair, não entende porque o grupo criou sua própria linguagem, alusões, símbolos, metáforas. O grupo, por sua vez, quase sempre rejeita a pessoa, tratando-a como se não existisse e reclamando ao analista por tê-la aceitado.

E o que faz uma pessoa começar um grupo depois das primeiras entrevistas com o analista? É o vínculo que se forma entre o par analítico desde o início. Do mesmo modo, o que faz com que o paciente permita que os outros membros do grupo o influenciem? Freud (1921) nos dá a resposta, afirmando que os laços emocionais constituem a essência da mente grupal, e que um grupo se mantém unido por um poder: o poder do amor. Isso não significa que haja intolerâncias, antipatias, aversões disfarçadas, preferências, aspectos que devem ser discutidos e tratados no grupo, assim como o silêncio, que deve ser respeitado até certo ponto e igualmente examinado.

Os irmãos de grupo tornam-se espelhos uns dos outros, livres de repressão, como um duplo, não sendo assim tão efetivos os mecanismos de depressão, desmentida etc. Enfrentar a própria história é o eixo da cura psicanalítica pois, conforme Freud (1911/1915), as interpretações nada mais são do que tentativas de transformar o inconsciente em consciente; e eu acrescentaria que, por meio do fortalecimento do ego, será possível ao paciente tomar conta de sua vida psíquica. A postura de respeito e confiabilidade do psicanalista é fundamental para que uma postura semelhante

se instale em cada um dos presentes. É uma regra fundamental para a psicoterapia analítica de grupo o sigilo e o *setting*, pois é comum o desejo, entre os irmãos de grupo, de manter encontros extra *setting*.

Recentemente, um paciente de grupo disse ter passado a observar melhor as roupas que veste depois que um de seus “irmãos” lhe falou, na sessão, que “suas roupas não pareciam de adulto”. Ao ganhar da mãe uma camiseta, lembrou o que havia escutado na sessão e percebeu, então, que as roupas que usa são mais apropriadas para um adolescente do que para um homem de 29 anos.

Na alta do tratamento do paciente de grupo ocorre a dissolução da transferência, parte natural de um processo bem-sucedido.

Os pacientes encontram, na análise, alívio para os sofrimentos que os impediam de desfrutar melhor a vida.

Características do grupo

Uma das características do grupo de psicoterapia analítica é a de que as pessoas que fazem parte dele, por mais diferentes que sejam, passam a adquirir uma mente coletiva. Pensam e reagem de forma muito diferente do que fariam se estivessem em análise individual. Percebe-se, também, quanto as pessoas identificam-se umas com as outras e com o analista. Um paciente pode começar a falar como o analista, ou usar palavras que o analista usa, ou só se dirigir ao analista. Isto é assinalado pelo profissional ou por alguém do grupo, e todos têm liberdade de opinar.

Sucedem-se trocas verbais e não verbais, tal qual em análise no divã, na qual cada associação estimula a seguinte. Pode-se dizer que atributos inconscientes comuns entre os analisandos e dificuldades individuais tendem a aparecer com maior clareza na análise de grupo, pois este induz cada integrante a revelar as suas. Existe um clima comum entre os irmãos de grupo em que cada conquista obtida é valorizada por todos, uma vez que o grupo se contagia; do mesmo modo, insucessos são igualmente compartilhados, vivenciados e sofridos.

Final

Uma vez integrado, o grupo psicanalítico adquire vida própria, rica em fantasias, com sua história e linguagem. O grupo tem uma finalidade inconsciente comum: a saúde mental, a sensação de bem-estar, a integração consigo mesmo. Possui um marco definido representado pelo lugar onde se reúne e se senta, pelo horário e dias fixos na semana, combinação de honorários, faltas e férias, tendo o analista como líder formal.

Melanie Klein (1930) comenta que as interpretações do analista são vividas por ele mesmo com toda a sua força criadora, e que o paciente o inveja por isso e por sua capacidade de dar e ajudar, como invejou o peito da mãe por sua capacidade de dar leite.

No grupo, a inveja se apresenta com intensidade. O ciúme e o fato de ter que dividir o analista com outros resultam em frustrações que reforçam a inveja. Às vezes, por não suportar esses sentimentos, o paciente abandona o grupo: isso é devido ao mal-estar que sente não só pela presença de outras pessoas que recebem atenção do analista, mas por observar a criatividade e a força interna deste.

Encerro este trabalho respondendo à pergunta do título: Por que trabalhar com grupos de psicoterapia analítica? A resposta pode ser encontrada a partir da constatação de que o grupo ocupa uma posição intermediária entre o grupo original (família) e o espaço de uma análise tradicional e individual. Nesse sentido, ajuda na adaptação do paciente, pois tende a repetir as estruturas sociais do meio em que vive. Sobre tratamento em grupo, entre outras colocações, Freud afirma que

num grupo, o indivíduo é colocado sob condições que lhe permitem arrojarse de si as repressões de seus impulsos instituais inconscientes. As características, aparentemente novas, que então apresenta, são na realidade as manifestações desse inconsciente, no qual tudo o que é mau na mente humana está contido como uma predisposição. (1921/1969, p. 85)

Além da repressão, citada aqui, outros mecanismos participam de forma expressiva na constituição psíquica de cada um, como os duplos, as denegações etc.

Resta dizer que o grupo age motivado, inconscientemente, pelas fantasias básicas primordiais da vida intrauterina, tais como sedução, castração que são reeditados e presentificados na vivência grupal.

Referências

- Freud, S. (1969). Psicologia de grupo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 81-145). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Kaës, R. (1995). *El grupo e el sujeto del grupo*. Buenos Aires: Amorrurtu.
- Klein, M. (1970). *Contribuições à Psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou.
- Grimberg, L; Langer, M.; Rodrigue, E. (1971). *Psicoterapia del grupo*. Buenos Aires: Paidós.
- Stein, G. (1990). *Psicoanálisis compartido*. Buenos Aires: Punto Tres.
- Zimerman, D. (1971). *Estudios sobre psicoterapia de grupo*. São Paulo: Mestre Jou.

Jeanete Suzana Negretto Sacchet

jeanete.sacchet@yahoo.com.br

História da formação em psicanálise



A formação no início e ao fim do século: inércia e criatividade – uma reflexão¹

Fernanda Marinho, Jane Kezen e Ney Marinho,² Rio de Janeiro

Resumo: Os autores desenvolvem seu trabalho a partir do ponto de vista de que há uma grave crise na formação analítica e que esta seria uma dimensão da crise da psicanálise, a qual, por sua vez, será estudada dentro do contexto da crise da modernidade que caracterizaria o final do século. Consideram crise como uma noção inerente aos processos evolutivos, comportando elementos de inércia e criatividade, próprios dos momentos de transição.

Palavras-chave: transmissão da psicanálise, crise da modernidade, *establishment*

O convite dos organizadores do Congresso foi uma reflexão sobre a experiência acumulada em quase um século de tentativas de transmissão da psicanálise visando formar novos psicanalistas. Entendemos também que não se trata de uma reflexão ociosa, comemorativa ou lamuriosa. Estamos, certamente, interessados em pensar a formação analítica no contexto deste final de século, quando a psicanálise passa por uma de suas mais sérias crises. Crise em que não está solitária, acompanhada por todas as demais ciências humanas e, segundo alguns, pelo próprio projeto civilizatório proposto pela modernidade (Rouanet, 1993).

Consideramos a noção de crise como inerente aos processos evolutivos, marca de um conflito entre forças inerciais e criativas. Utilizaremos, na maior parte das vezes em nosso texto, crise em sua conotação coloquial:

1 Publicado na *Revista Latinoamericana Psicoanálise*, 2(1), 283-292, 1998. Imprensa Bogotá: FEPAL, 1998. Apresentado no Pré-Congresso Didático, Cartagena.

2 Da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, SBPRJ.

como uma ameaça de mudança iminente da ordem estabelecida. Nossa proposta de trabalho se baseia na hipótese de que há uma crise na formação psicanalítica (House of Delegates, 1996), e que esta se insere na crise da psicanálise, que por sua vez é uma dimensão da crise da modernidade. Um outro parâmetro de nossa reflexão consiste no uso da noção de longa duração; privilegiaremos o tempo lento para a compreensão do tema (Braudel 1958/1990). Assim, julgamos que a crise da psicanálise antecede o próprio surgimento da psicanálise. Esclarecemos: a psicanálise surge para dar conta, sob um determinado vértice, das três questões que a modernidade nos põe: a universalidade, a individualidade e a autonomia (Rouanet, 1993). Se formos fiéis a uma compreensão em termos de longa duração, poderíamos lembrar a religião como a tentativa mais antiga e duradoura de lidar com a questão que subjaz a todos esses projetos e formulações: o desamparo essencial do ser humano (Freud, 1927/1975c). Lançaremos mão do termo *establishment*, tal como Bion o define,³ para a investigação das vicissitudes da institucionalização da formação analítica, assim como para a compreensão das relações indivíduo/grupo. Não temos a pretensão de abarcar todos esses temas, mas não podemos deixar de citá-los, pois correríamos o grave risco de reduzir nossa reflexão a discussões de pro-saicas questões institucionais. *Standards*, regulamentos, requisitos podem, sem que percebamos, tornar-nos burocratas entorpecidos, encarregados de vigiar e regular a psicanálise, destituindo-a de sua vitalidade e força revolucionária, isto é, uma consistente possibilidade de pensar o fracasso da tradição. Não somos ingênuos de que como membros de uma instituição – Associação Internacional de Psicanálise – temos a responsabilidade de institucionalizar a psicanálise; propor normas e regras para o seu exercício. Contudo, estas só terão sentido como fruto de um amplo e profundo debate sobre seus fundamentos, com a participação de todos os interessados. Essa é a contrapartida de todo esse pano de fundo teórico que apresentamos.

3 “Proponho adotar esse termo para expressar tudo, desde a penumbra das associações evocadas geralmente até as características que redominam no indivíduo e o dirigem, e ainda, as características de uma casta dirigente em um grupo (tal como um instituto psicanalítico, ou uma nação, ou um grupo de nações.)” (Bion, 1970).

Tudo o que se segue tem também o aspecto prático de contribuir para a fundamentação de melhores condições para formarmos novos psicanalistas à altura dos desafios de nossos tempos. Qualquer proposta, a nosso entender, deve estar comprometida com a aventura da criatividade e não o destrutivo conservadorismo da inércia. Adiantamos nosso ponto de vista: a psicanálise não é neutra, é revolucionária, é questionadora; entre a inércia, o conservadorismo, a tradição e a criatividade, a revolução, a ruptura do futuro, a psicanálise não titubeia: ela está com a aventura do novo.

Estamos cientes de que corremos o risco de um discurso grandiloquente e inócuo, até mesmo utópico e, portanto, fora de moda, caso não fundamentemos nossas hipóteses. Desejamos mesmo ir até um pouco mais longe do que uma necessária fundamentação, ou seja, sugerir alguns dos elementos de crise que sempre se encontraram latentes na psicanálise. Caso sejamos exitosos, talvez possamos conjecturar futuros desdobramentos da atual crise.

2. A formação informal. Precursores/pioneiros. Aventureiros/militantes

Sugerimos a configuração do seguinte quadro: temos um pensamento ainda não formulado pairando no ar, um pensamento à procura de um pensador; a ideia nova à espera de um gênio que a acolha e formule. Esse gênio foi Freud, a ideia, a psicanálise. Esta convida, atrai e seduz o precursor, aquele que enfrentando os mais poderosos desafios se põe em ação para o estudo, a divulgação e a prática da ideia nova; mas não se detém em sua instituição, ao contrário, esta é sua maior ameaça. Caberá aos pioneiros, fundadores e analistas contemporâneos a institucionalização da psicanálise e sua manutenção. Inicialmente, e mesmo agora, a institucionalização se confunde com a transmissão da psicanálise. Se por um lado, é a instituição que permite aos comuns o acesso à ideia nova, por outro, ela é essencialmente conservadora, insurgindo-se sempre contra algo que ameaça os seus dogmas, as suas leis. Temos já aí delineado o campo de tensão entre inércia e criatividade. Pretendemos fazer um paralelo entre o perfil do precursor

e do aventureiro em contraste com o analista militante no período de pós-institucionalização. Situamos o precursor no período de formação informal, quando observamos a formação do humanista com vasto campo de interesses, com uma variedade enorme de temas em suas abordagens psicanalíticas, aquele que viajou pelas mais remotas e diversificadas regiões do espírito humano em sua aventura psicanalítica (Alexander, Eisenstein e Grotjahn, 1981).

Algumas vezes vamos recorrer a Michael Balint (1947), ele próprio um precursor-pioneiro, pois o que nos surpreende é a sua atualidade após 51 anos, o que nos remete de pronto ao terror da inércia. Balint inicia seu texto falando da resistência inicial à experiência traumática para a humanidade da descoberta por Freud de um novo mundo (o mundo do inconsciente), aos poucos substituída por um genuíno interesse, logo transformado numa demanda de informação e orientação pelos psicanalistas. Diz-nos então:

Talvez a mais relevante, embora não a única função de nossa atividade de orientar e ensinar, seja a formação de futuros analistas. Como nos desempenhamos nesta tarefa, que resultados alcancemos neste campo, influenciará profundamente não só o futuro de nossa profissão e de nossa ciência, mas todo o destino da humanidade. (1947, pp. 163-173)

A passagem desses 51 anos nos permite um seguimento dessa afirmação profética de Balint. Se menos otimistas que o autor quanto ao destino da humanidade, pensamos que efetivamente a transmissão da psicanálise, com os seus problemas inerentes à própria proposta da psicanálise e à institucionalização desta, em meio a todo um contexto cultural como veremos adiante, tem trazido sérias consequências para a profissão e a ciência psicanalíticas. Mas mais importante que isso, aumenta enormemente a nossa responsabilidade, já que o entusiasmo, o senso de verdade que a psicanálise nos desperta em nada diminuiu, expondo-nos a um grande desafio, um desafio de nossos tempos.

Bem, retornando ao modelo proposto: o que caracteriza o precursor? O que o faz diferente dos demais? Com certeza algo o distingue do gênio

– Freud –, mas também é distinto daqueles que pertencem a algo já instituído, ou mesmo que promovem de forma sistematizada essa instituição.

Poeta, romancista, político, jornalista, administrador, erudito trabalhador, tudo foi nesta terra e tudo desprezou, para viver dentro da liberdade do pensamento e nas expansões de sentimento, únicos princípios a que obedecia como o imperativo categórico de sua personalidade singular. (Marinho, 1986).

Pensamos encontrar nessa descrição de um dos precursores no Brasil, mais fielmente retratados os traços que melhor esboçam o perfil do precursor em seu espírito aventureiro. Solitário em sua singularidade, apaixonado pela ideia nova, revolucionária, aventureiro na paixão pela causa enquanto ação, pois é esta que o tira de seu isolamento. Armada de curiosidade perscrutadora, a ação logo encontra um novo fim para seu servo. O fim não a justifica, ela prescinde de justificação, justifica-se por si mesma, aquele – o fim – apenas lhe presta serviços, é seu escravo. Podemos aqui fazer uma analogia com a ação transformadora da experiência emocional na aventura psicanalítica. Desgarrada de um fim determinado, logo atém-se a novos objetos que se apresentam para o exercício da tarefa que ela própria se dá. Sartre, no prefácio do livro de Roger Stéphane, *Portrait de l'Aventurier*, nos diz: “Bem pequeno, Gide se atira aos braços de sua mãe, gritando: ‘Eu não sou como os outros’... Ser é primeiramente não ser como o vizinho, é ser um original” (Sartre, 1950). Nesse sentido, o aventureiro se contrapõe ao militante e não somente como duas ideias abstratas. Voltando a Sartre:

É necessário que a entrada no partido – sociedade psicanalítica – corresponda muito exatamente ao reino humano; o seu eu, bem longe de despojá-lo, ele – ela – lho dá. Eu o digo sem ironia: é doce, certamente, descobrir-se nos olhos fraternais dos outros... Antes de qualquer coisa será reconhecido como um semelhante, isto é, como um membro do partido: é uma consagração. (Sartre, 1950)

Todos nós, militantes, nos confortamos no reconhecimento alheio. No compartilhar de ideias e ideais comuns ganhamos personalidade, sabemos quem somos, pelo que lutamos e esta é a causa sã ou santa. Arrancados deste meio irmão onde encontramos o olhar acolhedor de aprovação, de pacto implícito, muitas vezes sentimo-nos lançados à arena, ameaçados de forma vital na crença comum, pois esta é também o nosso eu. O precursor-aventureiro, ao contrário do militante, prescinde e até mesmo evita a doação de seu eu pelo grupo; neste será olhado com desconfiança, resistência, alvo de hostilidade. “É diferente, não é como um de nós”, dirão.

Ouçamos mais uma vez Balint sobre o sistema de formação e observemos a semelhança com as ideias expostas:

Toda a atmosfera é fortemente remanescente das cerimônias primitivas de iniciação. Da parte dos iniciadores – o comitê e os analistas de formação – nós observamos o sigilo sobre nosso conhecimento esotérico, pronunciamentos dogmáticos de nossas exigências e o uso de técnicas autoritárias. Da parte dos candidatos, isto é, esses a serem iniciados, observamos a aceitação das fábulas exotéricas, submissão obsequiosa ao tratamento autoritário e dogmático sem muito protesto e comportamento por demais respeitoso. Nós sabemos que o objetivo geral de todos os ritos de iniciação é forçar o candidato a identificar-se com seu iniciador, introjetar o iniciador e seus ideais, e construir a partir dessas identificações um forte superego que o influenciará em toda a sua vida. (Balint, 1947)

Um pouco além encontramos:

qualquer contradição imediatamente põe em evidência o candidato, que a partir de então tem que enfrentar um *grupo conformista* como um *indivíduo não-conformista*,⁴ uma força a que só uns poucos podem e ousam resistir. (Balint, 1947)

4 O grifo é nosso.

Dissemos acima que a instituição é essencialmente conservadora, podemos dizer agora que todo grupo é essencialmente conformista, sempre conforme à sua sobrevivência. Nesse sentido é hostil ao indivíduo, é indiferente ao destino deste, atento apenas à ameaça que este representa à sua preservação. A tendência dominante é sufocar o indivíduo em sua originalidade, desvitalizar a capacidade criativa, o indivíduo não-conformista. Caberá ao *establishment* manter a vitalidade do grupo, ao mesmo tempo que zela por sua sobrevivência. Essencial para isto é o ambiente propício ao surgimento de gênios, uma das funções precípuas do grupo. Deverá, portanto, o *establishment*, regular a tensão permanente resultante do novo, da criação que se insurge contra o instituído, suportando o choque disruptivo e cuidando das consequências de modo a preservar o grupo, muitas vezes em detrimento da expansão criativa.

Essa configuração se dá igualmente no interior do indivíduo, ele próprio sede de uma associação grupal conformista, lutando contra a irrupção do gênio, “um *flash* de gênio” (Bion, 1975), que venha a subverter a ordem instituída, docemente familiar, de sua organização interna. É o paciente, o aluno, o analista, precursor-aventureiro, ousando sua curiosidade perscrutadora, voltando-se para o novo, o desconhecido, dando-lhe abrigo, livre no pensamento e nas expansões de sentimento.

Freud precisou isolar-se do grupo para desenvolver com liberdade as suas ideias revolucionárias. Mas também precisou reunir-se a seus pares, ter deles o reconhecimento, assegurar a transmissão de suas descobertas e a fidelidade aos princípios básicos da psicanálise por ele preconizados. São duas tendências opostas e inescapáveis do ser humano, a satisfação decorrente de seu vínculo emocional com o indivíduo, e a satisfação que advém de sua necessária inserção no grupo e do vínculo emocional com este. Recorramos às palavras de Sartre que, julgamos, bem expressam o aparente paradoxo e a nossa posição a respeito:

Aventureiro ou militante: eu não creio neste dilema. Sei bem que um ato tem duas faces: a negatividade que é aventureira e a construção que é disciplina. Nós só ganhamos se extraímos todas as consequências deste círculo

vicioso: o homem está por ser feito e é o homem sozinho quem pode fazer o homem. (Sartre, 1950)

3. A institucionalização da formação. A questão da análise leiga

No processo de institucionalização da psicanálise e de sua transmissão surge um momento que nos parece paradigmático da relação do *establishment* com o gênio. Referimo-nos à questão da análise leiga. Neste momento, o *establishment* determina os limites de movimentos e expansão da ideia psicanalítica, uma espécie de “nec plus ultra”. A limitação do exercício da psicanálise a médicos, adotada por vários institutos, crise deflagrada pelos norte-americanos, sinalizou um limite também ao pensamento psicanalítico. A aventura psicanalítica tinha seus riscos e o grupo decidia refreá-la, em nome de sua preservação (preservação do grupo). A argumentação científica era pobre, a legal irrecorrível.

A acusação de charlatanismo dirigida a Theodor Reik propiciou, além de um belíssimo trabalho de Freud (1926/1975e), uma boa oportunidade de adesão do *establishment* psicanalítico à cultura. Afinal, entregar ao “poder médico” a transmissão da psicanálise significava, em contrapartida, a sua aceitação pela ordem cultural. Isso não escapou ao arguto Freud que, no Posfácio da obra mencionada, chama atenção para o curioso fato da classe médica, que antes recebera tão mal a psicanálise, estar naquele momento, cortejando-a e propondo-se a monopolizá-la.

O episódio é mais dramático e revelador, uma vez que, apesar da sólida e consistente argumentação de Freud, de sua irrecusável autoridade, nada impediu a adesão de boa parte das instituições psicanalíticas a esta exigência cultural. Vale lembrar que em muitos lugares não havia qualquer ameaça legal. Foi uma autolimitação espontânea. Não pretendemos dar excepcional importância ao fato, pois situações semelhantes vão ocorrer, com desdobramentos diversos, na história do movimento psicanalítico (com Melanie Klein, Bion, Lacan). O ponto que desejamos evidenciar em nossa linha de reflexão é que cabe ao *establishment* – com maior ou menor competência – determinar os limites de difusão da ideia messiânica. O episódio da “Análise

leiga”, hoje um anacronismo consensual, presta-se a que compreendamos as complexas relações psicanálise/*establishment* psicanalítico/*establishment* cultural. Julgamos que foi um ponto de inflexão, um desvio indicativo do preço a pagar pela absorção pela cultura. Uma “vitória de Pirro” do movimento psicanalítico que repercute até os nossos dias. A longa discussão que Bion realiza sobre o modelo médico (Bion, 1970) é um brilhante desenvolvimento das questões mais profundas que Freud tenta discutir com seu “imparcial interlocutor”. Questões que foram atropeladas, muitas vezes com truculência, pelas instituições psicanalíticas que tinham determinado o limite suportável de seu acolhimento da ideia da psicanálise.

Não atribuímos ao *establishment* malignidade, nem limitamos a noção às instituições, o que seria uma grave equívoco. O *establishment* não-institucional pode, por vezes, ser mais autoritário e conformista que nossas tradicionais instituições. Lembramos que no plano individual podemos ver o fenômeno psicótico como um fracasso na construção de um *establishment* interno. Qualquer limitação, que poderia dar sentido à experiência, desperta ansiedades claustrofóbicas insuportáveis. Por outro lado, a contínua projeção de impulsos e conteúdos mentais (quando chegam a se formar) acarreta ansiedades agorafóbicas (Bion, 1970).

4. A crise da transmissão da psicanálise e o fim do longo século XX

Freud dedica uma de suas principais obras a um rigoroso exame crítico da religião (1927/1975c), assim como inicia seu texto subsequente, quando vai tratar de uma crise em termos de longa duração, “O mal-estar na civilização” (1930/1975a), voltando ao tema. Repete, ali, que a força da religião se radica no essencial desamparo do ser humano. A exiguidade de tempo nos obriga a escolher temas centrais. Seleccionamos este – “o essencial desamparo do ser humano” – como o ponto de articulação da crise da formação analítica, da psicanálise e da modernidade. “A psicanálise privilegia o indivíduo” (1930/1975a). Contudo, suas necessidades, desejos, expectativas, pré-concepções só se realizam no grupo. A afirmação

de Aristóteles, a rigor, o fundamento da própria paideia grega, de que “o homem é um animal político”, ganha vida em toda a obra de Bion (1967, 1970, 1975, 1980 e 1989).

Um dos pontos fundamentais da proposta da modernidade é o da valorização do indivíduo, expressa na crença de sua progressiva autonomia. Portanto, autonomia e progresso surgem como um programa a ser realizado, cujo êxito ou fracasso determinará o futuro do próprio projeto civilizatório que o pensamento ocidental propõe, pretendendo mesmo sua universalidade. Nesse sentido é que nos parece que a psicanálise despontou como a esperança de dar conta daquilo que parecia irreduzível a qualquer outra compreensão: o que há de inusitado no pensar e agir humanos.

Não precisamos perder muito tempo para falar do desencanto que o último quarto do século revelou quanto a esse projeto. O que se vê é um crescente processo de massificação que culmina, nesse final de século, num paradoxal individualismo sem singularidade. Ou seja: conhecemos muito mais sobre nós mesmos ao mesmo tempo em que nos sentimos impotentes para qualquer afirmação individual significativa, criativa, capaz de realizar a autonomia própria ao indivíduo. Cumprimos um destino, não mais traçado por Deus, ou por algum tirano enlouquecido, mas por complexos projetos econômicos que, em nome de rigorosa cientificidade, determinam o que devemos desejar, comprar, trabalhar, ou, o que é pior, não trabalhar, pois pode fazer parte de tais projetos um necessário e estrutural desemprego. Em suma: convidam-nos à inércia e bane-se a criatividade, decretando-se o fim das utopias, em nome de uma razão que não reflete, um novo Deus, como o de Schreber, que era incapaz de compreender os homens vivos, só cadáveres, almas assassinadas.

4.1. Se por um lado a ideia da psicanálise foi pensada como uma forma de dar conta da questão da autonomia, a genialidade de Freud em abrigá-la, desenvolvê-la e transmiti-la, com a integridade própria de seu gênio, revelou-nos também outras facetas do fenômeno humano, incompatíveis com qualquer proposta de um sistema de pensamento fechado, auto-suficiente, definitivo, único. Desta forma, sua grande aceitação pelo

establishment – tanto grupal como individual – foi sempre ambivalente, melhor dizendo, seletiva. Aceitou-se o palatável e rejeitou-se, precocemente, o indigesto. Como vimos, esse processo seletivo alcançou a própria seleção daqueles que poderiam receber, exercer e transmitir a psicanálise. A manifestação desta intolerância à psicanálise é tão grosseira que alguns (Birman, 1997) chegam a considerar que a crise da psicanálise se radica em sua transmissão, na qual a formação de escolas com características de verdadeiras seitas revela a abolição de qualquer tentativa de autonomia e criatividade, e estimula a produção reiterativa.

4.2. A autonomia com que Freud nos acena é humilde, conflitiva e precária. Uma autonomia humana, talvez demasiadamente humana. Por outro lado, é crítica e, no nosso entender, cética, mas potente. O conhecimento não basta, a experiência analítica precisa ser vivida. Na experiência clínica reside a aventura psicanalítica. Esta nos revela que a autonomia não é uma dádiva, sua possibilidade sim, precisando ser conquistada a cada momento, no permanente embate com o conservadorismo de nossas pulsões. Seu exercício é o de uma permanente crítica, não no sentido do certo ou errado, mas do discernimento entre o verdadeiro e o falso como uma proposta regulativa, um compromisso constante com a busca da verdade inalcançável. O que foi excluído na institucionalização da psicanálise foi a sua dimensão de aventura e é justamente a dimensão clínica que se encontra, no momento, mais ameaçada. Não por acaso, a vida nos faz retornar ao excluído como fonte de energia e vitalidade num momento de melancolia.

Concordamos com Balint (1947) ao sugerir que a formação analítica visa mais desenvolver um ego crítico do que qualquer sucedâneo de superego. Ao mencionarmos este ponto, pensamos estar indicando um campo de pesquisa para a compreensão de um elemento básico, uma constante da crise da psicanálise. Pensamos na necessidade de uma maior elaboração das distinções entre funções egoicas e superegoicas. Padrões, valores, tradições fazem parte de nosso patrimônio pessoal, ou grupal, mas são inúteis, obstrutivos ou, em muitos momentos, violentos, caso não sejam objeto de nossa reflexão. Pode-se argumentar que esta será também regida por padrões, valores

e tradições. Nada temos a opor este poderoso argumento cético, sugerimos apenas que façamos tal exercício. Em suma: a psicanálise é uma crítica da cultura, grupal ou individual, e a formação analítica, no nosso entender, deve exercitar tal crítica, sem pretensão de atingir qualquer meta.

4.3. Com as considerações acima, julgamos ter chegado ao limite do risco que prevíamos na Introdução: um discurso grandiloquente, utópico e inócuo.

No que diz respeito à veemência, ela é apenas a do óbvio que, de fato, precisa ser gritado para ser ouvido. Não estamos trazendo grandes novidades, afinal o texto de Balint aponta para a maior parte das questões práticas que mencionamos. Contudo, suspeitamos que o alerta de Balint foi sepultado por aplausos e honrarias, tornando-se um clássico. Neste impasse, há tradicionalmente uma alternativa: afastar-se para um “esplêndido isolamento” (Freud, 1914/1975d), opção salutar do ponto de vista pessoal (Freud, Bion), mas com evidentes sacrifícios institucionais. Observamos hoje em dia uma preocupante evasão de criativos colegas, desiludidos com qualquer forma de atividade institucional. Gostaríamos de partilhar esta preocupação com os congressistas.

A questão do caráter utópico de nossa proposta do resgate da aventura na formação psicanalítica merece um reflexão mais detida. A noção de utopia contém um paradoxo. “A utopia é necessária à história e a utopia é impossível à história” (Fernandes, 1972). Gostaríamos de chamar a atenção para como vivemos o paradoxo utópico nesse final de século, e suas implicações para a psicanálise.

Não por acaso os mesmos arautos do fim da história são os que decretam o fim das utopias. Entretanto, não se trata de anúncio pesaroso de que afinal a barbárie venceu, que o brado do general franquista – “Viva la muerte, abajo la inteligencia” – triunfou. O caráter eufórico do anúncio nos indica que, segundo seus pregoeiros, foi realizada a utopia da modernidade: os princípios democrático-liberais foram universalmente aceitos, as barreiras entre as nações cederam a uma comunidade universal e o indivíduo foi liberado de qualquer constrangimento social, decretando-se o fim

do estado. A falácia de tais afirmações não mereceriam que perdêssemos nosso tempo, caso não se expressassem objetivamente em políticas científicas, culturais e assistenciais que nos dizem diretamente respeito (House of Delegates, 1996) apresentando-se como um dos fatores da crise da formação analítica, quando não nos contaminam internamente, entorpecendo-nos. Na realidade, o projeto utópico da modernidade não foi repensado no seu fracasso, foi meramente abandonado e perversamente travestido, com roupas triunfais. Ou seja: onde estaria a universalidade, encontra-se a globalização. Conceito vago (Fiori, 1997) que a exame mais atento (Arrighi, 1994/1997) revela fundamentalmente a hegemonia do capital financeiro, este sim globalizado e capaz de, por sua grande mobilidade, determinar o apogeu ou a falência de nações. A comunidade universal é uma espécie de humor negro, pois, dos 30/40 países do início do século, hoje temos duas centenas, disputando acirradamente o capital circulante excedente através de monótonas e bárbaras guerras nacionais. O contingente de excluídos cresce, tanto entre as nações como no interior delas. Por exclusão, entendemos uma ampla conjuntura que abrange tanto condições socioeconômicas quanto emocionais, atingindo todos os setores da sociedade. O vértice psicanalítico oferece uma posição privilegiada nesta questão, cabendo-nos ocupá-la ou não.

A valorização do indivíduo, como já foi dito, surge nessa utopia negativa (para outros, positiva) como sua grande realização, desde que ele abra mão de pretensões à cidadania, noção que não caberia num mundo de estado mínimo regulado pelo mercado, e sobretudo de qualquer pretensão à singularidade. A supressão desta ocorre das formas mais sutis, dentre elas destacamos um ponto que nos ajudará a compreender a nossa crise, refram-nos ao pensamento único. Este é um ponto em que a psicanálise tem muito a oferecer e que diz respeito à formação analítica. Afinal, todas as utopias pretendem alcançar um pensamento único: um dia todos concordarão que o melhor é isso ou aquilo. Daí a sugestão de alguns quanto à necessidade de novas utopias, que contemplem novas necessidades. No plano mental, a diversidade e a singularidade sempre encontraram obstáculos nesta aberta ou simulada proposta do pensamento único. Em

nosso entendimento, aí se encontra a base das seitas e correntes psicanalíticas. O pluralismo se impõe como uma necessidade epistemológica e ética. Epistemológica porque o pensamento só pode surgir do confronto de ideias; ética porque é o reconhecimento do outro como um outro, no pleno exercício de sua liberdade, um fim em si mesmo. Cabe ao *establishment*, enquanto grupo (Institutos, Sociedades, Associações Nacionais ou Internacionais), assegurar o exercício da diversidade. Este é o seu desafio e sua razão de ser. No plano individual, pensamos que corresponde à proposta do analista em se abster de memória, desejo, compreensão. É uma proposta audaciosa, talvez demasiadamente verdadeira, pois, sua implicação é a da experiência de uma solidão essencial, quer para o analista, quer para o paciente, este, porventura aluno de um Instituto. Em suma, estamos formulando em outros termos a mesma proposta de Balint de desenvolvimento de um ego crítico. Outras propostas são mais tentadoras. Podemos formular uma formação em moldes religiosos. O convite é tentador, pois, desde Freud (1911/1975b) até Bion (1962) sabemos que pensar e frustração formam um par conjugado. Curiosamente, esta é a arena onde a utopia negativa da modernidade encontra seu ponto mais fraco, pois neste terreno tem rivais poderosíssimos: os fundamentalismos religiosos e as drogas. Retornamos assim à questão do desamparo essencial do ser humano, questão que, como assinalamos, tanto preocupou Freud.

Quanto à terceira crítica, a inocuidade desse tipo de discurso: seria aparentemente contraditório com nosso texto a apresentação de propostas, uma vez que valorizamos em todo o nosso percurso a diversidade de opções, a importância da formação informal. Contudo, também falso seria supor que não temos nossas opções para a formação de um psicanalista para os nossos tempos. Não temos em relação ao *establishment* psicanalítico uma posição ingênua, não lhe atribuímos exclusiva responsabilidade pelas vicissitudes da ideia psicanalítica, nem pela sua transmissão. Em consequência, alinharemos alguns princípios que, talvez, possam estimular o debate sobre uma formação para os nossos dias:

- O resgate da dimensão humanista da psicanálise;
- O pluralismo como opção;

- A participação de todos os interessados no processos de formação: professores, alunos, comunidade a quem se dirigem os novos analistas;
- Uma maior aproximação com outras disciplinas e, em particular, com a vida social;
- A preservação do lugar privilegiado da clínica, que fundamenta e alimenta nossa específica visão do fenômeno humano.

Norteamos toda nossa apresentação nas relações psicanálise e *establishment*, uma necessária tensão, uma crise de “longa duração”, inerente, repetimos, aos processos de evolução (Chebabi, 1995), que entretanto pedem decisões políticas, opções. A responsabilidade está em nossas mãos, o futuro dependerá da opção que agora fizermos: inércia ou criatividade.

Referências

- Alexander, F., Eisenstein, S. & Grotjahn, M. (1981). *A história da psicanálise através dos seus pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago.
- Arrighi, G. (1997). *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto/UNESP. (Trabalho original publicado em 1994)
- Balint, M. (1947). On the Psycho-Analytic Training System. *Int. J. Psycho-anal.* 29, 163-173.
- Bion, W. R. (1967). A Theory of Thinking. In W. R. Bion, *Second Thoughts*. London: Heinemann. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1970). *Attention and Interpretation*. London: Tavistock.
- Bion, W. R. (1975). *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1948-1951)
- Bion, W. R. (1980). *Bion in New York and São Paulo*. Perthshire: Clunie Press.
- Bion, W. R. (1989). *Uma memória do futuro I. O Sonho* (P. C. Sandler, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1975)
- Birman, J. (1997). Mesa Redonda sobre “A crise da psicanálise” (Fita cassete). Rio de Janeiro: Biblioteca da SBPRJ.
- Braudel, F. (1990). A Longa Duração. In F. Braudel, *História e ciências sociais*. Lisboa: Presença. (Trabalho original publicado em 1958)

- Chebabi, W. (1995). Crise (Declínio?) na Psicanálise. In W. Chebabi, *A crise da psicanálise e/ou de suas instituições*. Rio de Janeiro: Biblioteca da SBPRJ.
- Fernandes, R. C. (1972). Apresentação de Jerzy Szaki aos leitores brasileiros. In J. Szacki, *As utopias*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fiori, J. L. (1997). Globalização, hegemonia e império. In M. C. Tavares e J. L. Fiori (Orgs.), *Poder e dinheiro*. Petrópolis: Vozes.
- Freud, S. (1975a). Civilization and its Discontents. In S. Freud, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 21). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1975b). Formulations on the Two Principles of Mental Functioning. In S. Freud, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 12). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1975c). The Future of an Illusion. In S. Freud, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 21). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1975d). On the History of Psycho-Analytic Movement. In S. Freud, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 14). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1975e). The Question of Lay Analysis. In S. Freud, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 20). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1926)
- House of Delegates (1996). The Actual Crisis of Psychoanalysis: Challenges and Perspectives. Report of the House of Delegates.
- Marinho, F. (1986). Comentário ao trabalho da Dra. Marialzira Perestrello “Primeiros encontros com a psicanálise – os precursores no Brasil” (1899-1937). *Boletim do Departamento de Pesquisa da SBPRJ*, 1, (1).
- Rouanet, S. P. (1993). *O mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sartre, J. P. (1950). Prefácio. In R. Stéphane, *Portrait de l’Aventurier*. Paris: Sagittaire.

Transpondo fronteiras na formação



Carta Stephano Bolognini¹

Em direção ao quarto eixo

Os modelos de formação da IPA são oficialmente baseados no modelo do tripé analítico: a análise pessoal, a supervisão e os seminários.

Esta curta nota é dedicada a um futuro desenvolvimento possível, que parece “estar no ar”, que consistiria em adicionar, ao menos conceitualmente, o quarto elemento que é essencial para o futuro da formação do analista: a aquisição da habilidade para trabalhar com colegas e tornar-se parte integrante das trocas científicas e da vida institucional como uma função constitutiva permanente da identidade psicanalítica.

É reconhecido, crescentemente, que psicanalistas não devam ser profissionais isolados, sob o risco da perda progressiva de conhecimentos teóricos e clínicos.

A psicanálise está em constante evolução e não há razão para que o conceito de formação continuada, aceito em todos os campos das disciplinas profissionais, não deva ser aplicado também aos psicanalistas.

O psicanalista exposto durante anos ao perigo da contaminação inconsciente das projeções transferenciais dos seus pacientes que, frequentemente, gostariam que seus analistas fossem onipotentes, aumenta o risco de um analista isolado transformar-se em um “guru” local.

Interações institucionais garantem não apenas a atualização científica, mas também, e acima de tudo, o reconhecimento de nossas próprias limitações por meio de constantes comparações com os colegas.

Há outros fatores na raiz dessas considerações.

Um fator positivo é o número crescente de analistas contemporâneos interessados em compartilhar sua experiência profissional por meio de

1 Esta publicação é uma tradução livre da carta original de 1997, com objetivo de oferecer uma dimensão da importância do quarto eixo no processo de formação do candidato.

grupos de trabalho. Isso é demonstrado pelo sucesso dos *Working Parties* e *Working Groups* nos vários congressos, em que grupos de 10 a 15 colegas trabalham juntos, intensamente, por um ou dois dias, discutindo artigos ou materiais clínicos com metodologias específicas e continuidade em termos da composição do grupo.

Esses analistas demonstraram o seu apreço e habilidade em fazer o máximo pela dimensão dos pequenos grupos de trabalho, que retiram o indivíduo do isolamento e permitem a todos os participantes tomarem uma posição ativa no trabalho compartilhado.

A dinâmica de grupo também oferece aos analistas a oportunidade de obter *insight*, adentrando nos métodos de trabalho dos colegas com diferentes experiências emergentes de suas referências culturais, e retornam aos seus trabalhos habituais, transformados de alguma forma.

Um fator negativo que nos motiva considerar a possibilidade de um quarto elemento da formação analítica é o aumento da preocupação das dificuldades históricas, experienciadas pelos analistas, vivendo juntos em contextos institucionais organizados e estruturados.

O contínuo *splitting* das sociedades psicanalíticas é a mais clara demonstração desse fenômeno, que é quase onipresente, e demonstra que, sem uma formação adequada e experiência nesses problemas, essa situação naturalmente seguirá por esse curso.

A usual rivalidade edipiana, tanto geracional quanto fraternal, e as intolerâncias narcísicas, encontram um campo fértil nessas situações, que, a despeito das análises pessoais, ocorrem com implacável e dilacerante frequência. O fenômeno parece afetar todas as áreas do mundo da IPA. Por essa razão, a diretoria da IPA aprovou, recentemente, a constituição de uma nova força-tarefa em matérias institucionais, especificamente dedicada ao estudo científico desse problema institucional, provendo suporte para as sociedades, quando solicitada.

Naturalmente, não temos a expectativa de sermos capazes de erradicar questões e conflitos narcísicos e resolver esse problema durante a formação, mas podemos esperar que uma atenção crescente a esse fenômeno

possa melhorar, consideravelmente, uma atitude interna individual e grupal dos futuros analistas diante desse perigo.

Outro fator negativo que nos leva à formulação da hipótese do quarto eixo de formação se origina da limitada participação em encontros científicos e administrativos (nos institutos ou centros, sociedades nacionais, federações regionais, IPA), em vários níveis (dificuldade constante de horários extras e distribuição).

Lembro-me de um encontro no congresso da IPA, em Barcelona (1997), com membros de todas as partes do mundo, em que claramente se obteve desanimadores resultados a respeito da porcentagem média de participação de cada sociedade nos encontros científicos, que flutuava em torno de 25% a 30% de seus membros. Tenho ouvido, ao longo dos anos, a confirmação dessas porcentagens de participação por parte das instituições psicanalíticas.

Essa conclusão foi encontrada pela distribuição onipresente do fenômeno de colegas que, uma vez tendo obtido a qualificação de membro da IPA, desaparecem quase inteiramente, como se o título de psicanalista fosse um título de nobreza que se adquirisse de uma vez por todas e não requisitasse um longo processo de formação colegiada.

Parece ser um fenômeno universal muito sério, pois em muitos casos existe o perigo de que, ao consultar o *Roster*, colegas que vivem em diferentes lugares encaminhem pacientes a psicanalistas com base no seu status de participação na IPA, sem levar em consideração que muitos deles, por anos, não participam de cursos, de trocas com colegas, nem compartilham seus trabalhos.

Finalmente, outro perigo também deve ser mencionado, que é menos dramático, mas, mesmo assim, é insidioso: aqueles analistas que, após a qualificação, se fecham entre si em um claustro devocional e familiar limitado a um pequeno grupo de referência (frequentemente, como sabemos, seguindo um supervisor anterior em vez de seu próprio analista), para se defender do contato com a realidade mais complexa que é a psicanálise hoje, tão internacional e tão polifônica.

Nesse sentido, o analista é apresentado à possibilidade/dificuldade da emergência de uma transferência institucional, de um tipo estritamente familiar, para se abrir aos equivalentes de uma escola secundária, para locais de trabalho fora do ambiente familiar e sociocultural, em um sentido mais amplo.

Em última análise, existem muitas boas razões para refletir sobre esse aspecto, frequentemente inadequado da formação: a falta de atenção – ou de atenção suficiente – para a “pós- formação” e a importância da contínua participação científica, administrativa, institucional e comunitária.

As oportunidades de colaboração grupal durante a formação são muitas vezes limitadas à participação nos seminários do Instituto com os colegas. Geralmente, não há oportunidade de ensinar ou aumentar a conscientização em relação aos fenômenos da patologia social que afligem nossas sociedades psicanalíticas, tanto quanto afligem outras comunidades profissionais.

No caso dos psicanalistas, que estão destinados a coexistir uns com os outros (esperançosamente de forma fértil e fecunda!) e combinam sua realidade interna com a realidade externa de suas instituições, acredito que chegou o tempo de começar a pensar em termos de formação no quarto eixo para acostumar os analistas a cultivarem o colegiado como uma dimensão útil e necessária.

O papel da ABC nas fronteiras da formação do candidato brasileiro

O presente texto nasce do desejo de dividir alguns desdobramentos de observações e vivências obtidas no percurso da gestão 2016/2017. Ao iniciar a formação no Instituto da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR), eu já conhecia o valor do modelo tripartite praticado no instituto – análise pessoal, análise de supervisão e seminários – como é comum aos candidatos de todos os institutos. Ocorre que, escolher uma formação psicanalítica dentro de um instituto ligado à IPA não é o mesmo que garantir a entrada do candidato no chamado quarto eixo. Embora esse pilar a mais tenha sido fortemente defendido por Stefano Bolognini (Presidente da IPA no início de nossa gestão) em 2014, com base em sua carta “Em direção ao quarto eixo”, e também na atual gestão de Daniel Deloya (Presidente da Febrapsi), como parte encarnada da formação da identidade do psicanalista, ainda o vejo como um objetivo a ser alcançado, principalmente junto a maioria dos candidatos.

Conversando com os pares, facilmente se constata que os recém-iniciados no processo de formação sentem-se invadidos por inúmeras dúvidas a respeito de sua participação no funcionamento institucional e desconhecem a importância do candidato para a manutenção da saúde da própria continuidade da sociedade da qual pretende fazer parte na condição de psicanalista. As referidas sensações de estranhamento são potencializadas quando o candidato é convidado a tornar-se associado às entidades representativas de candidatos: ABC, Ocal e Ipso. Estamos certos de que parte dessas dúvidas não são de fácil dissipação e algumas delas já merecem uma primeira sistematização: qual a importância para o processo de formação do candidato brasileiro conhecer e participar das entidades representativas? É legítimo os candidatos questionarem as tradicionais práticas institucionais exercidas nos institutos aos moldes da IPA muito antes de terem iniciado sua formação? Existem ganhos significativos para o

candidato brasileiro em participar da construção de ações entre seus pares no Brasil, na América Latina e em outros países?

Não farei uma historização sobre a temática da formação – embora importante, cabe a outro momento –, mas buscarei apresentar aspectos que favoreçam o candidato se questionar, com base no que já conhece quando decide enfrentar as entrevistas para ingressar em um instituto. Todos sabemos, e me parece estarmos de acordo, que a formação de um psicanalista é longa, laboriosa e cercada de momentos solitários, leva-nos a estar às voltas com inúmeras reflexões, dúvidas infundáveis, horas intensas de trabalho nas salas de análise, supervisões e estudos. Esses motivos já poderiam mobilizar o candidato a buscar espaços em que possa dividir as experiências obtidas em seu percurso, suas inquietações e confrontar seu narcisismo.

A entrada do candidato nas associações locais já pode ser vista, certamente, como um passo importante rumo à participação ativa na vida institucional, pois encontrará espaços para trabalhar suas queixas e transformá-las em demandas a serem conversadas em seus institutos. Existem situações, como a encontrada nas associações de candidatos locais mais antigas, que promovem ações contínuas focadas em atender as demandas dos candidatos de seu instituto e regiões próximas, mas essas ações e espaços de discussões merecem ser amplificadas nacionalmente, e isso escapa à razão de existir do trabalho das associações locais. Basicamente, a ABC nasce da necessidade dos candidatos pertencerem a uma entidade representativa nacional capaz de aglutinar as demandas locais, ampliar os foros de discussões para um nível regional, nacional e internacional, possibilidade vivida em ações integradas com a Ocal e a Ipso, em suas representações latino-americana e internacional, respectivamente.

Já é possível ao candidato perceber os primeiros ganhos que pode obter ao integrar-se à ABC. Em minha experiência, ao associar-me às entidades representativas tive a oportunidade de vivenciar encontros amistosos com outros candidatos advindos dos diversos institutos brasileiros e experienciar proficuas trocas de experiências clínicas, teóricas e de vida. Certamente, encontrar pessoas com capacidade de articulação de

pensamento diferente foi um diferencial para meu percurso. As variadas possibilidades de formação propostas por cada instituto ficam encarnadas nas pessoas que encontramos, e esse colorido, que somente o encontro com o novo pode oferecer, gera novos conhecimentos sobre como são vividos os processos da transmissão da psicanálise no Brasil. O constante processo de desconstrução de algumas ideias me ajudou a participar ainda mais de meu instituto de formação e contribuir na luta permanente pela manutenção de uma instituição saudável à medida que me capacito para avançar na compreensão da diferenciação entre formação e transmissão da psicanálise.

A ABC existe institucionalmente desde 1993, e desde então vem passando por inúmeros processos de atualizações visando fornecer – ao maior número possível de candidatos – as melhores condições para potencializar sua participação em eventos científicos e favorecer o aprendizado sobre a cultura institucional que acompanha todos nós. A diretoria da ABC é eleita democraticamente a cada dois anos e, em cada gestão, são adicionadas ferramentas para o incremento de futuras ações.

De fato é tentador dividir, em detalhes, o quanto participar do quarto eixo enriquece o processo de criação da identidade do candidato para prepará-lo ao uso da escuta clínica no consultório, mas, por conta do momento, considere importante mostrar, sinteticamente, uma outra parte do trabalho que a ABC desempenha, nos preparando para contribuir futuramente para a manutenção das funções que os psicanalistas são convidados a ocupar na direção de nossos institutos.

Recebemos da gestão anterior um histórico de funcionamento em que o candidato é convidado a fazer das demandas locais, vividas em seus institutos, uma base para novas discussões, agora dentro de uma perspectiva regional e nacional. Mantivemos esse formato e, ao mesmo tempo, procuramos otimizar o uso dos espaços e do trabalho precioso dos representantes da ABC e dos conselheiros.

Cabe recuperar nossa primeira ação junto aos candidatos: promovemos um encontro em Fortaleza e convidamos todos os conselheiros da ABC, representantes da Ocal e Ipso, diretoria da gestão anterior, para montarmos nosso projeto de gestão em que ficou definido o número de

Encontros Regionais, o Encontro Brasileiro de Candidatos e um cronograma a ser trabalhado junto aos institutos.

A dinâmica da montagem dos regionais começava por reuniões virtuais com os conselheiros para que eles contatassem os representantes de sua região para definirem qual instituto receberia um encontro naquela região e quais regiões apoiariam. Definido o instituto, conselheiro e representantes – contando com ajuda das associações locais – montavam uma comissão local e davam prosseguimento à construção dos encontros em si. Na verdade, é difícil saber se o mais prazeroso é participar dos momentos científicos e sociais de cada encontro ou da construção da proposta do mesmo. As trocas vividas nesses espaços trouxeram benefícios para os candidatos, para a diretoria da ABC e institutos. Era comum que, durante os encontros, abordássemos pontos que ajudavam os didatas presentes a pinçar aspectos a serem tratados em suas reuniões de diretoria e vimos nessas oportunidades como analisadores – pontos de virada – da dinâmica institucional.

Às questões historicamente trabalhadas por todas as gestões – ligadas à formação e à transmissão da psicanálise – foram adicionadas outras de ordem administrativas, financeiras e tecnológicas, que também precisam ser constantemente questionadas e ampliadas. Para o candidato que desconhece a vida institucional, pode passar a impressão que pontuar essas questões desvirtua a proposta do texto, mas nessa gestão foram acrescentadas três novos espaços, frutos da vivência das dificuldades enfrentadas pela gestões anteriores: diretor de comunicação, diretor de sede e segundo secretário.

O uso da tecnologia em favor da melhoria constante da formação levou-nos à otimização do site e do WhatsApp como espaços de comunicação e informação. Foi necessário ampliarmos o alcance de nosso site para atender às mudanças tecnológicas. Uma nova linguagem técnica foi requisitada e fizemos o site para implantarmos a atualização *Hoster* de candidatos. O *Hoster* de candidatos é uma ferramenta disponível e divulgada para toda a sociedade civil e serve ao propósito de fornecer os contatos dos psicanalistas em formação associados à ABC (candidatos) que atendam em determinada região do País, de forma simples e gratuita. O site manterá todas as publicações anteriores do livro *Construções* que poderão ser lidos on-line,

ou baixados em pdf, além de habilitar a postagem de vídeos de palestras e eventos de interesse dos candidatos a partir de nosso canal no Youtube, e de promover constante atualização de informações sobre cursos, seminários, jornadas e congressos que cada candidato poderá solicitar à diretoria de comunicação e divulgar também em nosso WhatsApp e Instagram.

Nossa diretoria de sede serve a muitos propósitos: materializar nossa existência enquanto instituição, armazenamento e centralização das documentações contábeis e históricas da ABC, otimizar serviços administrativos e financeiros, para citar alguns.

No aspecto financeiro, trabalhamos junto às associações locais e institutos um modelo de arrecadação e repasse das contribuições dos associados para alimentar, de forma precisa, os relatórios contábeis e financeiros. Identificamos que a ABC não conseguia agilidade necessária para informar dados importantes do ponto de vista informativo e fiscal. A participação dos representantes da ABC foi fundamental nesse processo. Os demais cargos ou aprofundamento dessas funções estão no estatuto postado em nosso site.

Vencer cada desafio, que desconhecia antes de ser gestor, ampliou minha capacidade criativa, aguçou minha disponibilidade interna de lidar com as frustrações e aprender com as diferentes formas de pensar e trabalhar com a psicanálise. Essas situações fazem parte do aprimoramento coletivo de trabalho próprio de um pensar e agir grupalmente. No sentido de favorecer o trabalho de grupo das gestões posteriores, deixamos algumas referências que poderão facilitar o trabalho dos representantes e conselheiros da ABC.

Atribuições do representante ABC

A função de representante da ABC é fundamental para o sucesso da tarefa institucional da gestão e está diretamente ligado ao nível de compromisso do representante em executar suas funções. Para facilitar o exercício da representação, recomendamos a observância de alguns pontos:

1. Solicitar, por escrito, ao instituto, um momento para a diretoria, conselheiro ou representante (nessa ordem de prioridade) apresentarem aos candidatos o plano de trabalho bianual desenvolvido pela gestão e a política de benefícios aos candidatos em se tornarem associados;
2. incentivar e acompanhar os candidatos na criação de novas associações locais, onde ainda elas não existam;
3. escutar as queixas dos candidatos de seu instituto para construir demandas a serem trabalhadas localmente e transmitir as principais demandas aos conselheiros de sua região;
4. estimular e auxiliar os candidatos na construção de propostas para trabalhos na associação local e no convite de candidatos de outros institutos da mesma região para apresentarem trabalhos nas mesas de discussões nos eventos locais de seu instituto;
5. estimular e auxiliar os candidatos nas construções de propostas para elaboração dos encontros regionais, junto com o conselheiro da região;
6. estimular a mobilização de candidatos para o exercício da escrita e trabalhos para mesas em Encontros Regionais, Encontro Brasileiro de Candidatos, Pré-congresso de Candidatos, livro *Construções* e Concurso Regina Bicudo, objetivando maior integração entre os diversas associações locais do País;
7. manter o site atualizado com o cadastro dos novos candidatos associados ou exclusões para otimizar o acesso às informações institucionais e garantir o aproveitamento pleno da política de benefícios aos associados;
8. intermediar as demandas da ABC a serem trabalhadas em seu instituto, seja no recolhimento de informações junto aos candidatos ou aspectos burocráticos junto ao instituto no repasse, implantação ou acompanhamento de propostas da ABC.

Atribuições do conselheiro

1. Assessorar a diretoria na organização dos Encontros Regionais, Nacional e Pré-congresso;
2. mobilizar e acompanhar os representantes da ABC a concluir as tarefas propostas pela diretoria;
3. representar a diretoria da ABC nos eventos de apresentação da instituição, seu plano de gestão e benefícios para novos candidatos;
4. desenvolver atividades que a diretoria solicitar junto as outras entidades representativas de candidatos, institutos ou Febrapsi.

Benefícios para associado

1. Apresentar trabalho nos quatro encontros regionais;
2. apresentar trabalho no Encontro Brasileiro de Candidatos;
3. apresentar trabalho no Pré-congresso de Psicanálise;
4. participação no sorteio de uma inscrição para o Congresso Brasileiro de Psicanálise (Febrapsi) a cada encontro regional e no brasileiro de candidatos;
5. escrever trabalho para o livro *Construções*;
6. escrever trabalho para o Concurso Regina Bicudo;
7. desconto para o Congresso Brasileiro de Psicanálise;
8. ter seus contatos divulgados gratuitamente no *Hoster* de candidatos;
9. vivenciar o quarto eixo da formação;
10. desconto no imposto de renda.

Helder Pinheiro

Presidente da ABC

helderpinheirojr@gmail.com

Organização de Candidatos da América Latina

A Ocal é a entidade representativa dos candidatos dos Institutos das Sociedades, Núcleos e Grupos de Estudos ligados à International Psychoanalytical Association (IPA).

Hoje com 35 anos, temos o objetivo de proporcionar trocas diversas entre os Analistas em Formação. Trocas que envolvem teoria, clínica e cultura. É um espaço onde exercitamos a ética da Psicanálise que se caracteriza pelo encontro da alteridade. É uma experiência compartilhada de sustentação de nossa identidade autônoma, que fortalece vínculos e propõe novas ideias desenvolvendo assim nosso ser psicanalítico.

Somos hoje um total de 1558 Analistas em Formação na América Latina. Nossa representação acontece através de promoções e co-promoções de Jornadas, a presença da diretoria em eventos e encontros com outras entidades afins, bem como a execução do pré-congresso da Fepal. Por meio de nossas revistas, Performances Psicoanalíticas (revista eletrônica <http://ocal-candidatos.org/publicaciones/performances/>) e Transformações, revista editada para o pré-congresso Fepal, procuramos criar meios de difusão de ideias e debates, cujo objetivo é dar voz a todos os candidatos.

O enfoque da atual diretoria (2016-2018) está em trabalhar durante sua gestão o tema: (Des)Construindo o Analista. Acreditamos que para nos tornarmos psicanalistas somos convocados a pensar na construção de nossa identidade, a pensar na posição que assumimos frente aos nossos pacientes, ou seja, questionar qual o lugar da nossa subjetividade no trabalho que desenvolvemos, qual é o lugar do nosso gênero, nossas crenças e nossas diversas histórias.

Neste momento, com quase um ano de participação na diretoria, identifico a Ocal como uma experiência que ampliou minha mente e meu coração. Compartilhar com colegas de toda a América Latina é uma vivência transformadora, que exige o uso da imaginação e muita empatia, e

estas são qualidades que levam o ser humano a realizações. Na diretoria, vivemos um encontro muitas vezes turbulento, com outra língua, muitos sotaques, com novas histórias, que nos remete as experiências vividas no consultório, onde é necessário estarmos atentos para compreendermos a singularidade e a complexidade da mente humana.

Sinto-me feliz pela oportunidade de ocupar esse lugar tão significativo. Quando construímos um grupo de iguais favorecemos o reconhecimento social e a criação do sentimento de pertinência. Gostaria de convidar os colegas a sentirem-se membros dessa coletividade, a usufruírem dessa rede social chamada Ocal que congrega ética e culturalmente novas mentes em busca do fazer psicanalítico como uma construção inacabada, respeitando a alteridade e diferenças de pensamento.

Magda Barbieri Walz

Secretária científica da Ocal

magdarbarbieri@hotmail.com

De que tamanho é seu mundo?

Sobre a importância da relação entre as diversas instâncias que representam os analistas em formação.

Isabel Ugarte da Silveira¹

Um dos primeiros desafios de nossos colegas quando iniciam a formação psicanalítica nos institutos vinculados à IPA é compreender as diversas siglas que se referem à organização política que estrutura esse universo. São tantas que alguns de nós levam anos confundindo uma coisa com outra. Então, para começar nossa conversa a respeito da relação entre organizações de candidatos, farei uma breve explicação a respeito da estrutura na qual nossos Institutos de Psicanálise estão inseridos. Passada essa parte mais pragmática do texto, espero poder levar o leitor à poesia dos encontros pelo nosso mundo psicanalítico.

A **IPA**, International Psychoanalytical Association, é a organização psicanalítica internacional mundial, fundada por Freud, que tem seus correspondentes em termos regionais (são três as regiões que a compõe: América Latina, América do Norte e Europa – e, pasme, esta não é uma divisão geograficamente correta; a Ásia, por exemplo, no mundo IPA, faz parte da Região norte-americana). Como organizações regionais temos: **Fepal** na América Latina, **EPF** na Europa, e **Napsa** na América do Norte.

Além das regionais temos, claro, as organizações nacionais em diversos países. No Brasil, nossas sociedades compõem a **Febrapsi** (Federação Brasileira de Psicanálise). Portanto, nesta estrutura, os psicanalistas brasileiros vinculados à IPA também estão vinculados à Fepal e à Febrapsi.

No universo dos analistas em formação, os chamados “candidatos”, temos a mesma coisa, ou seja, uma organização de candidatos mundial,

1 Isabel Silveira é membro filiado ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e ex vice-presidente da Ipso para a América Latina.

Ipsó (International Psychoanalytic Studies Organization); uma regional, a **Ocal** (Organização de Candidatos da América Latina); e uma brasileira, **ABC** (Associação Brasileira de Candidatos); além de muitas organizações locais, que são as instâncias representativas de candidatos dentro de cada Sociedade. Na Europa e América do Norte existe apenas uma organização de candidatos, que é a Ipsó.

IPA	Ipsó
Fepal	Ocal
Febrapsi	ABC

Inicialmente pode parecer complicado e desnecessário compreender essa estrutura, considerando que todo o nosso interesse está voltado para as teorias psicanalíticas, nosso mundo interno e de nossos pacientes, o que já é complexidade suficiente. Mas assim como qualquer coisa, a Psicanálise não está isolada de seu contexto e as teorias vigentes e mais estudadas estão relacionadas com a estrutura política e o contexto que as rodeia. Por que estudamos este e não aquele autor? Quais as teorias mais adotadas em cada região, em cada Sociedade? Tudo isso varia de sociedade para sociedade, de país para país e de continente para continente, assim como variam os modelos de formação psicanalítica.

E por que são importantes essas organizações? Por diversas razões, mas para citar algumas delas: para que os pares validem ou não nossos achados e pensamentos psicanalíticos, para nos mantermos inseridos numa espécie de comitê de ética permanente, para não nos isolarmos de modo defensivo correndo o risco de que assim a função analítica atrofie.

Como bem sabemos, a mente é vulnerável, passível de adoecimento. A mente de um analista ou analista em formação não é diferente. Todo o trânsito de afetos que se dá na relação com nossos pacientes, pares e Instituição vai, de um jeito ou de outro, nos afetar. Obviamente, análise e supervisão são pilares com os quais contamos, assim como a vida institucional, como já amplamente discutido.

Se em nosso ofício a mente é o principal instrumento de trabalho, é preciso que se mantenha ativa, viva, perceptiva, pensante. É preciso alimentá-la com teorias, mas também com afetos, com a construção de um mundo psicanalítico bom dentro da gente. Um movimento centrípeto, aquele se aproxima ou tenta se aproximar do eixo – no caso de nós mesmos, de nosso mundo interno – e outro centrífugo, aquele que vai em direção ao exterior, neste caso, em direção ao outro.

Mas por que, então, atravessar as fronteiras do meu Instituto se em alguns deles já se produz tanto, ou se já se tem diversidade suficiente em nosso país? Por que esforçar-me para compreender ou falar outro idioma se em meu país já temos tantos contrastes em nossos modelos de formação? Por que ir a um congresso da IPA/Ipsó, onde certamente terminarei o dia no mínimo razoavelmente atordoado, pelo menos pela questão linguística? Penso que aqui, mais do que buscar razões universais, opto por contar um pouquinho da minha experiência pessoal, após quatro anos ocupando um cargo no comitê executivo da Ipsó e convivendo intensamente com pessoas de diferentes países, culturas, personalidades, mas unidas pelo objetivo comum, que é a Psicanálise.

Tudo isso começou com meu contato com a colega Sylvia Pupo, que enquanto ocupava o cargo de vice-presidente da Ipsó me pediu ajuda para organizar videoconferências em diversos institutos brasileiros e no Instituto de Lisboa, representado na época pela colega Alexandra Coimbra. Decidi participar por curiosidade. A rede que se formou entre os colegas brasileiros, de diversos estados brasileiros, e nossos colegas portugueses foi mais do que estimulante; repetimos a experiência algumas vezes até incluímos também colegas no Instituto de Madrid. Diferenças, semelhanças, contrastes, aspectos desconhecidos foram aparecendo nesse encontro entre colegas dos mais variados lugares, exigindo que ampliássemos e revíssemos nossas visões de mundo e de Psicanálise...

Tudo isso, além da percepção de que uma organização de candidatas tem o potencial de promover essas ações, me levou ao congresso da IPA em Praga, decidida a concorrer ao cargo na Ipsó. Antes de chegar em Praga parei em Lisboa, onde fui recebida pela colega portuguesa, Alexandra, que

finalmente encontrei pessoalmente. À beira do Tejo ela me falou de seu Instituto, sua formação, dos pacientes que lhe chegam, da vida de uma psicanalista portuguesa. Me mostrou Lisboa, sua família e suas comidas deliciosas... Nos reencontramos em Praga. Ali estavam também Charles e Ana de Madrid, Sergio de Turim, Tomas de Praga, Marco de Toronto, Debra de Washington, Valéria da Rosario, Renato do Recife, Dani de Brasília, Holger da Suíça, Graciela de Cali, Amy de Budapeste. Impossível nomear tanta gente interessante que conheci ali... Todas essas pessoas, com histórias, línguas, contextos, pacientes, caminhos tão diferentes que nos levaram ao mesmo objetivo – ser psicanalista. E o que é ser psicanalista em cada um desses lugares? Meu mundo triplicou de tamanho. Nessas situações sinto-me invadida por um delicioso sentimento de liberdade que advém da percepção de que existem no mundo tantas formas de viver e de pensar, mesmo que todas estejam dentro desta ciência/arte que chamamos Psicanálise. Não que eu não soubesse, mas isso vivido é outra coisa. Senti-me parte de uma grande “família” espalhada pelo mundo. E desta grande família surgiram projetos, surgiram ideias, surgiram amizades, rivalidades saudáveis e o estímulo para continuar produzindo, estudando, intercambiando. São vínculos que se criam e se reforçam a cada congresso, a cada encontro, a cada viagem. E obviamente contar com uma organização que se propõe favorecer esse intercâmbio, como fazem Ipso, Ocal e ABC é absolutamente valioso.

Se por um lado essa expansão estimula e, a mim particularmente, encanta; por outro lado, ao regressar à casa, ao Instituto, aos meus pares mais próximos, tenho a reconfortante sensação de descanso. Mesmo que por pura ilusão, a gente se sente mais parecido com uma linguagem compartilhada, talvez com mais possibilidades de aprofundar discussões e compreensões, mas agora com um novo olhar sobre nossa própria identidade analítica.

E assim como um coração, que para nos manter vivos precisa manter-se em movimento, expandir e contrair; ir para longe de nossa origem é bom, mas ter para onde voltar e se reconhecer é melhor ainda. Obrigada ABC, por ser essa nossa casa, aconchegante, acolhedora e

desafiadora também, que nos acompanha e estimula durante toda formação psicanalítica.

Termino este texto com palavras de Cora Coralina, que traduzem perfeitamente essa sensação de mundo expandido a que me refiro:

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim.

Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".

(Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas)²

Isabel Ugarte da Silveira

Vice-presidente para América Latina, Ipso, 2015/2017

bel.ugarte@yahoo.com.br

2 Cidade de Goiás, 20 de agosto de 1889 – Goiânia, 10 de abril de 1985.

Encontros



Ecos do III Encontro Regional do Nordeste

O III Encontro Regional de Candidatos do Nordeste ocorreu na sede da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPR), sob o tema: “Instituição: um campo de transferências”. O encontro se propôs a ser um espaço de conversa e perlaboração de assuntos ligados às diversas facetas da transferência com os Institutos durante o percurso da formação psicanalítica do candidato. A escolha do tema partiu da escuta de queixas de aspectos individuais dos candidatos e as variadas conjunturas institucionais que, por vez ou outra, podem provocar dúvidas, angústias e críticas sobre a própria formação do candidato, até mesmo a relação do candidato com o quarto eixo.

A maior presença de candidatos no encontro foi de colegas que fazem formação em Recife. Nesse sentido, ficou identificado que os candidatos da SPR apresentam uma dinâmica de formação extremamente singular, em que os candidatos são de diversos estados vizinhos, o que exige dos candidatos um comprometimento não só com as leituras dos textos, análise pessoal, mas de assumirem uma flexibilidade para se locomoverem de suas cidades até o estado de Pernambuco, alicerçados pelo desejo de tornarem-se psicanalistas.

**III ENCONTRO REGIONAL
DOS CANDIDATOS DO NORDESTE**

**Instituição:
um campo de transferências**

10 e 11 de Junho de 2016
Sede da Sociedade Psicanalítica do Recife | SPR
Rua Belarmino Carneiro 249 Torre Recife PE CEP 50710 340

Informações
Secretaria da ABC secretaria@abcpsicanalise.com.br
Telefone 081 9 9922 4422

Organização
Associação Brasileira de Candidatos

Apoio
Sociedade Psicanalítica do Recife
GEPPFOR Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza
Núcleo Psicanalítico de Aracaju
Núcleo Psicanalítico de Maceió

O desejo de tornar-se psicanalista

Na sexta-feira do dia 10 de junho de 2016, os candidatos se reuniram na SPR para conversarem sobre o que fazer para ser um candidato. A partir da fala dos participantes ficou claro quanto caminho precisa ser trilhado até a “coragem” de iniciar a formação psicanalítica. Alguns dos candidatos presentes relataram a origem do desejo pela psicanálise como surgida muito precocemente em suas vidas profissionais, mas que precisou ser “esquecido” por longos anos já que outros desejos profissionais ganhavam a cena. A diversidade da primeira formação é uma marca presente nas turmas de candidatos da SPR: advogados, psicopedagogos, biólogos, médicos, psicólogos, dentre outras formações se disponibilizaram a estudar psicanálise. Pessoas de estados e culturas bem demarcadas, com profissões e campos de atuação diversificados debruçaram-se sobre o tema, o que ajudou os colegas a repensar sobre o seu lugar de candidato em uma formação tão cuidadosa como a oferecida pelos institutos que seguem um dos três modelos propostos pela IPA.

Como parte das atividades do primeiro dia, utilizamos uma dinâmica em que cada candidato escreveu aquilo que melhor pudesse completar a seguinte frase: “Ser psicanalista é...”. Das variadas respostas, algumas longas e outras nem tanto, destacamos a de uma candidata que, na hora de entregar a resposta, pediu desculpas por achar essa frase muito “difícil de ser respondida”. Possivelmente essa fala fosse um “exemplo emblemático” da complexidade da questão e da incerteza sobre como definir o desejo de ser analista, o que esse desejo porta, e se ter o desejo é suficiente para sustentar a demanda de vir a ser analista.

Horários de seminários

Inicialmente, foi possível observar, na mesa de abertura do dia 10 de junho, a disponibilidade dos psicanalistas, representantes da Sociedade Psicanalítica do Recife, em acolher a proposta do encontro. Contamos com a presença de Magda Passos e Fernando Santana, ao reafirmarem a importância do papel da ABC junto aos candidatos do Brasil não só para a formação individual dos candidatos, como na contribuição rumo ao crescimento



da Psicanálise como um todo. “O candidato de hoje é o psicanalista de amanhã” (Fernando Santana, presidente da SPR).

O fato de o encontro ocorrer no espaço institucional da SPR já revelava a aceitação da Sociedade do Recife em apoiar um evento de tamanho porte. O Nordeste, por até então ter uma única Sociedade Psicanalítica para selecionar, aprovar e avaliar candidatos, marca a presença ainda jovem da formação psicanalítica pela IPA nessa região. Por isso, as palavras do Presidente da SPR mostrava a grande responsabilidade dos candidatos com o futuro da psicanálise e, desse modo, com a nossa própria formação.

Cuidar da formação dos candidatos não é só um dever do Instituto, mas também da ABC, por se propor a trabalhar em parceria com as associações de candidatos e as instituições formadoras. Entretanto, foi observado que, mesmo com toda a abertura vigente nas palavras do presidente e no gesto do instituto com sua pronta doação de espaço para o evento, o instituto manifestou suas resistências.

Sabemos que as instituições trazem em meios a suas conquistas e dificuldades as marcas próprias de um saber instituído na qual suas resistências se ancoram. Durante todo o encontro e após o mesmo, tivemos a oportunidade de conversar com analistas didatas (representantes da instituição) sobre a dificuldade de vermos garantida a oportunidade de todos os candidatos participarem das atividades programadas, o que pode ser dirimido com o fortalecimento da comunicação entre ABC e os institutos

para evitar choques entre as atividades da formação, o que prejudica todos os envolvidos. É possível pensarmos que essas rápidas conversas tenham contribuído para reflexão de alguns pontos que caberá à instituição se aprofundar, se assim desejarem.

O preço da formação

O custo de uma formação é, sem dúvida, muito além da questão financeira. O material trabalhado com a turma mais nova de candidatos da SPR, iniciada em março de 2016, apresenta características curiosas, mas destacamos a epopeia vivida quinzenalmente pelos candidatos advindos de Aracaju (SE), ao dirigirem oito horas (por trecho), até Recife. O motivo para essas viagens é justificado pelo número ainda insuficiente de psicanalistas em Aracaju para sustentar a formação de candidatos na cidade. Alguns candidatos já haviam relatado somatizações como parte da vivência desse modelo de deslocamento quinzenal para subsidiar o processo formativo.

Este momento (O preço da formação) foi construído e pensado com base nos colegas de Aracaju, pois sabemos que só o fato de ser candidato já implica em custear diversos preços subjetivos e objetivos, mas ficamos impressionados com o tamanho do custo que recai nos ombros desses candidatos. Criou-se um debate fervoroso na mesa, sendo necessária a criação de um coordenador para que o grupo de discussão não se tornasse um grupo que apenas “vomitaria” suas angústias. A experiência dos colegas de Aracaju é tão intensa que afetou colegas advindos de muito longe, como foi o caso do colega de Ribeirão Preto. Aliás, a participação do colega de Ribeirão foi importante para que, na condição de “estrangeiro”, pudessem falar do estranhamento vivido ao escutar o relato dos colegas da SPR e até propor, mais objetivamente, alguns pontos como a criação de uma Associação de Candidatos Local.

A descrição do colega sobre o funcionamento da Associação de Ribeirão demonstrou aos presentes a importância de ser criada uma associação local, em cada instituto de formação, para aglutinar as queixas dos candidatos e transformá-las em demandas. Ao mesmo tempo, é importante fortalecer a identidade de grupo entre candidatos advindos de vários estados, como é o caso das turmas de Recife, ou mesmo criar incentivos

financeiros para terem representação em eventos de interesse dos candidatos, como foi o caso do Gustavo que, por meio da AMFIP, veio ao evento como representante, tendo os custos pagos por ela.

O incentivo da ABC para os candidatos criarem associações locais não é novo e até faz parte dos objetivos mais significantes à ABC: mobilizar os candidatos do Brasil para que possam criar suas próprias associações de candidatos, e que estas possam estar em contato com a ABC na disseminação e troca de experiência de ser candidato. Esse ponto foi intensamente debatido nas diversas mesas do evento, e mesmo os candidatos de Fortaleza relataram as resistências que os próprios candidatos do Ceará experimentam quando se trata desse tema. Ao final, alguns candidatos manifestaram interesse, mas por estarem iniciando a formação; a ideia de formar uma associação gerou a fantasia de que seria exigido deles a realização de tal, o que não é verdade. Para amadurecer a discussão sobre o tema, o candidato Gustavo forneceu um modelo de estatuto utilizado em Ribeirão a ser enviado aos representantes de candidatos do Instituto da SPR.

Últimas considerações

O Encontro Regional do Nordeste ocorreu em dois dias intensos, com laboriosas discussões e perlaborações. Não imaginávamos resultados imediatos de integração entre os candidatos como um grupo, mas sustentamos espaços de conversas e debates sobre interesses dos candidatos da região Nordeste e levantamos propostas de integração entre os membros. Uma delas foi a de se organizar uma votação para que a atual representante, também Diretora de Comunicação da ABC, possa sair e dar espaço para que novas representações possam surgir. Falou-se até na organização de três representantes, uma para cada órgão representativo dos candidatos, a dizer, ABC, OCAL e IPSO, para que fique claro aos candidatos a quem reportar e não sobrecarregar o colega.

O momento do almoço no instituto promoveu a confraternização entre candidatos, instituto e ABC, e fortaleceu a proposta de trabalho de parceria da tríade no processo formativo. Infelizmente, a maior parte dos candidatos da turma nova esteve em seminário e não pôde aproveitar o restante do evento, pois precisaram se deslocar para Aracaju. A Didata

Carolina Henriques nos concedeu preciosos minutos para sintetizarmos a proposta do encontro aos colegas que logo se despediriam para viajarem de retorno. Eles justificaram não terem se preparado para o evento, mas pudemos entender o corrido como parte das dificuldades de uma formação em que a distância geográfica acaba fragilizando o aproveitamento dos candidatos no processo de integração com as atividades e com os outros candidatos.

A dificuldade da participação dos colegas de Aracaju não passou despercebida por outros candidatos que atualmente fazem sua formação em Recife e da própria SPR que se mobilizou e entendeu a delicada situação dos colegas e, rapidamente, manejou essa “interferência”, reconhecendo o benefício de existirem momentos de diálogos e interação mais frequentes entre candidatos e institutos, assim, surgiu a proposta de otimizar a vinda dos candidatos de fora do estado que não mais virão aos seminários quinzenalmente, mas sim mensalmente.

Finalizamos este relatório agradecendo à SPR e aos candidatos, que tanto trabalharam no evento, pelo tempo dispensados na realização dessa atividade, e registramos o quanto a ABC saiu mais enriquecida como entidade representativa.

III Encontro Nacional de Candidatos e Encontro Regional Sudeste: Formação em construção

Nos dias 18 e 19 de novembro de 2016 realizou-se em Belo Horizonte o III Encontro Nacional e Regional (Sudeste) da ABC com o tema “Morte e Vida: configurações da formação”. O evento foi realizado na sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG), com o apoio da Associação de Candidatos da SBPMG. Em parceria, a Associação de Candidatos e a Diretoria da ABC organizaram o evento por meio de diversas

reuniões virtuais com o objetivo de atender a necessidade de diálogo dos candidatos sobre a Formação Psicanalítica da IPA. Dessa forma, o programa foi pensado com cuidado durante o período da organização, no intuito de promover a máxima participação e discussão dos colegas e possibilitar que o Encontro pudes-se ser acolhedor e produtivo.

Com a intenção de proporcionar um clima descontraído e de intimidade, a organização local se utilizou do “jeitinho mineiro” para recepcionar os colegas. Foram recebidos com cachaça mineira, o famoso pão de queijo, diversos quitutes, mostra do artesanato regional e uma irreverente participação de Freud.

O Encontro seguiu nesse caminho e, com o desenrolar dos temas propostos, surgiram discussões calorosas e enriquecedoras frente às diferenças entre os Institutos que promovem a formação psicanalítica no Brasil. Alguns pontos discrepantes foram: a duração e frequência da Análise Didática, a distribuição de conteúdos no cronograma de seminários teóricos, a forma como cada Sociedade estabelece que o candidato se torne membro, e a importância da participação ativa dos candidatos nas decisões dos Institutos. Neste ponto, a SBPMG se destacou por evidenciar que seu Instituto autoriza a participação de representantes dos candidatos nas reuniões da Comissão de Ensino. Apesar de os candidatos não terem poder de voto, o Instituto abre espaço para discussões e críticas frente às regras da Formação e, quando possível, realiza modificações que sejam necessárias para o bem comum de todos os participantes da Instituição. A necessidade de abertura dos Institutos foi intensamente discutida entre os candidatos, uma vez que a possibilidade de diálogo perante as regras é uma busca constante. Apesar de oficialmente não serem parte das Sociedades, os candidatos sentem-se aptos a contribuir frente às questões de uma Sociedade Psicanalítica justamente por serem profissionais capacitados e reconhecidos.





Um momento de destaque foi a apresentação da Diretoria da ABC mostrando o trabalho feito pela gestão 2016/2017, seus impasses, propostas e sucessos. Evidenciaram a importância de se ter uma Associação Brasileira de Candidatos coesa e que possa representar os interesses de seus membros – que são a força motriz das Sociedades – frente aos rigores da Febrapsi, Fepal e IPA. No entanto, para que isso aconteça, faz-se necessário, inevitavelmente, a participação de todos os candidatos junto ao Quarto Eixo.

Partindo das dificuldades institucionais chegou-se nas dificuldades íntimas dos candidatos no processo de formação. Em relação à supervisão oficial, os candidatos se deparam com a pressão interna de apresentar uma boa evolução do caso. Ao longo do processo encontram o medo da interrupção do paciente e o conflito diante da flexibilização do modo de trabalho individual em prol da manutenção da supervisão oficial. Quanto à análise didática, questionou-se a frequência de sessões semanais e o valor dos honorários pagos pelos candidatos. Já em relação à escrita psicanalítica, a discussão conectou os presentes que se ampararam diante de angústias primitivas e que, por meio da discussão sobre essa angústia, levantaram as defesas que se apresentam no decorrer do processo da escrita como as edições de material clínico, o encaixe de teorias, o medo das avaliações realizadas pelos membros e didatas, assim como a exposição aos mesmos e aos colegas.

E a hora de parar? Roosevelt Cassorla nos ensinou que a decisão de parar cabe a cada um, mas na dúvida das condições mentais é preciso contar com colegas mais íntimos que ajudarão a encerrar a carreira no melhor momento.

Como conclusão do evento, pensou-se na relevância da participação dos membros e didatas nos encontros de candidatos. Se os candidatos estão lutando por uma maior autonomia, é necessária a presença de algum membro para validar os eventos? Por outro lado, assim como os candidatos requerem a participação nas Sociedades, não seria importante abrir espaço para os membros nos eventos de candidatos?

Além disso, o evento levou os candidatos presentes a concluir que a Formação não se faz apenas na análise didática, nas supervisões e nos seminários teóricos, mas também no dia a dia, na troca com os colegas e com os pacientes. Do mesmo modo, a possibilidade de discutir sobre as questões institucionais é construtiva para o crescimento dos analistas.

Ecoss do Encontro em Minas Gerais

Nos dias 18 e 19 de novembro de 2016, os candidatos da ABC viveram dois dias de intensas e criativas trocas de ideias no encontro sob o tema “Morte e vida: configurações da formação”. O evento obteve a participação representativa de candidatos de todos institutos de formação do País. Reunidos na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG), trabalhamos dentro de um ambiente amistoso e nos deparamos com alguns dos principais desafios encontrados durante o percurso daquele que se candidata a ser um psicanalista. Para muitos, aprender a escrever e falar de psicanálise é uma tarefa complicada, mas a experiência advinda dos encontros de candidatos demonstra que os cuidados e o rigor propostos pelos institutos de formação, quando seguem um dos três modelos propostos pela IPA, tendem a facilitar uma formação psicanalítica séria, comprometida com a ética e fértil produção científica de ótima qualidade.

A partir da provocação da mesa “Como somos?” tiveram início os trabalhos rumo a uma discussão sobre a proposta de formação de cada instituto. Foram apresentados um recorte de como cada instituto funciona: pré-requisitos de formação, modelos de formação utilizados, grades de estudo etc. As dúvidas e sugestões surgidas nas discussões foram retomadas

no dia seguinte, na “Reunião de trabalho com as associações e representantes: trocando experiências”. Nessa mesa, representantes de candidatos, conselheiros, membros de diretoria das associações locais de candidatos e da diretoria da ABC tiveram a oportunidade de intensificar o debate sobre o processo formativo de candidatos no País. Pudemos estranhar com o que nos é tão familiar, as particularidades dos institutos que seguem as diretrizes de IPA, mas não só, pois as particularidades institucionais embasaram discussões entre os candidatos e fomentaram propostas a serem trabalhadas em seus institutos, a saber: Por que a análise do candidato fica a cargo apenas do analista didata? Cabe pensar em valores de sessão diferenciados para horas da análise didática? Existe viabilidade para criação de um núcleo (composto por analistas e candidatos) de suporte ao candidato para trabalhar suas dúvidas no processo formativo, como na construção de relatórios? Como engajar mais candidatos na vivência do 4º (quarto) eixo?

Dando continuidade, na mesa “As nossas representações: ABC, OCAL e IPSO” visualizamos propostas de ações das entidades representativas de candidatos, esclarecemos dúvidas, recolhemos sugestões e instigamos parcerias entre as entidades para o fomento de espaços de discussões teóricas, clínicas e ampliação da vivência do candidato no 4º (quarto) eixo, como um diferencial no referido processo formativo.

A formação certamente apresenta obstáculos que, se bem aproveitados, capacitarão o candidato a “vir a ser” um psicanalista. Parte desses obstáculos foram tratados na mesa “O início, o percurso e o final: as angústias da formação”. Nela, foi possível observar o retorno de questões trabalhadas nas mesas anteriores que geraram angústias durante a formação, como: os desafios dos atendimentos dos “pacientes de relatório”; questionar o lugar da análise didática; a convivência institucional e se a análise do candidato sobrevive aos encontros e desencontros desse embate. Também discutimos se a formação é terminável ou interminável. Por fim, os temas foram aprofundados, mas não esgotados, e merecem ser retomados de forma ampliada em novas discussões nos institutos e em outros encontros psicanalíticos.

O espaço reservado à prática do exercício clínico evidenciou quanto cabe ao psicanalista fazer uso da psicanálise como uma técnica viva,

transformadora e capaz de fornecer ao paciente uma experiência que o lance para o lugar de protagonista de sua própria vida. À semelhança do sonho, o exercício clínico condensou ricos elementos que estão na base de sustentação do lugar de analista. O relato do caso revelou toda a beleza, delicadeza e o rigor com que um analista deve estar imbuído na prática de seu ofício. As contribuições de Dr. Cassorla em muito vivificou essa atividade. Em seguida, tivemos a oportunidade de testemunhar o relato sobre as dores e as delícias de estar no lugar de psicanalista. Em “Qual a hora de parar?”, fomos presenteados com a generosidade do Dr. Cassorla em refletir conosco sobre os diversos aspectos ligados à provocação que o título sugeria. Com o domínio próprio das pessoas que amam o que fazem, o mestre discorreu sobre as variadas situações de parar a análise, a formação, a participação nas sociedades etc.

Por fim, e nem por isso menos importante, aconteceu a mesa “Vida e morte na escrita psicanalítica”. Possivelmente, o fato de o candidato ter como primeira formação a Engenharia, só não causou maior impacto naqueles que desconheciam o fato de que a forma criativa era utilizada para trabalhar as dificuldades do exercício da escrita. O candidato apresentou o trabalho sobre o tema “Quem tem medo de escrever?”, no qual brincou com os fantasmas surgidos na vida da maioria dos candidatos que buscam encontrar palavras capazes de representar o vivo de suas experiências clínicas. O trabalho revelou que uma formação teórica alicerçada pela experiência subjetiva da análise pessoal, da análise de supervisão e das vivências institucionais propicia, de forma singela e rigorosa, a capacidade de registrarmos em palavras o que a prática nos oportuniza.

Agradeço a todos os candidatos que fizeram o III Congresso Brasileiro de Candidatos e III Encontro Regional Sudeste Minas Gerais e Rio de Janeiro pela generosidade em contribuir com suas ideias, questionamentos e inquietações. Somos gratos à comissão local de candidatos pelo cuidado dispensado à realização do encontro e com que defendem a psicanálise; ao Dr. Cassorla, por nos fazer sonhar; a diretoria da ABC pelo trabalho em equipe e à Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG), pelo acolhimento e presteza com que atenderam à nossa solicitação.

Encontro Regional de Candidatos da Região Centro-Oeste

Nos dias 07 e 08 de abril de 2017, a ABC promoveu a realização do Encontro Regional de Candidatos da Região Centro-Oeste, em Campo Grande (MS).

O Encontro Regional Centro-Oeste havia sido idealizado já na primeira reunião da diretoria da ABC, que aconteceu em Fortaleza, com os conselheiros de todas as regiões, no início da gestão dessa Diretoria. Naquele momento havia-se definido que tal encontro de candidatos, bem como outros nas outras regiões, deveria acontecer com o objetivo de promover a integração, discussão, aproximação e trocas entre candidatos de



diferentes institutos. A data e o local desse evento foram definidos posteriormente, em dezembro de 2016, em uma reunião realizada pelo aplicativo *Hangout*, na qual participaram Helder Pinheiro, presidente da ABC, Maristela Bittencourt, conselheira da região CO, e os três Representantes de candidatos dos institutos da região, Claudia Martins, IP/SPMS, Alexandre Pantoja, IP/SPBs e Jane Fabian, IP/GEPG. Esse grupo escolheu Campo Grande para sediar o encontro, visto que esta cidade ainda não havia tido o privilégio de realizar um evento como esse; Brasília e Goiânia haviam sido sedes de encontros anteriores. Ainda nessa reunião, Claudia, Alexandre e Jane apresentaram as demandas e sugestões colhidas junto aos seus colegas sobre assuntos e temas que gostariam de discutir no regional.

Baseados nas sugestões e necessidades dos candidatos e em consonância com o Congresso Brasileiro, os representantes e a diretoria da ABC escolheram o tema do encontro regional: “Morte e vida nas relações institucionais da formação”.

A escolha de Campo Grande foi recebida com muito entusiasmo pelas Candidatas e pelo Instituto de Psicanálise da SPMS, com importante apoio dos analistas da SPMS. A Diretoria do IP fez adaptações na agenda de atividades para que o Encontro fosse realizado na data proposta pela ABC. As candidatas formaram uma Comissão Organizadora com 12 integrantes, fato que ilustra grande adesão na participação. Essa Comissão teve a função de operacionalizar e promover o evento, cuidando dos menores detalhes, com muito carinho e dedicação.

O Encontro Regional foi além da expectativa de promover a integração entre candidatos de institutos, que, apesar de



CASSEMS
Sempre à frente, cuidando do você.

AUDITÓRIO DO HOSPITAL CASSEMS
UNIDADE CAMPO GRANDE/MS

AV. MATO GROSSO, 5151
CAMPO GRANDE/MS.

PROGRAMAÇÃO

07 DE ABRIL (SEXTA-FEIRA)
19h - ABERTURA
20h - APRESENTAÇÃO ESPECIAL DE BOAS-VINDAS:
JUNTAR POR ADESSO

08 DE ABRIL (SÁBADO)
08h às 09h45 - REUNIÃO DE REPRESENTANTES E DIRETORIA ABC
09h45 às 10h - INTERVALO
10h às 12h - A FORMAÇÃO NO CENTRO-OESTE E AS SUAS TRÊS
INSTITUIÇÕES
12h às 14h - ALMOÇO
14h às 15:40 - MESA "RODA DE TÓRRE"
15:40 às 16h - INTERVALO
16h às 16:50 - EXERCÍCIO CLÍNICO
16:50 às 17:50 - MESA "PROCEDEMO VIDA E MORTE NAS RELAÇÕES
INSTITUCIONAIS DA FORMAÇÃO PSICANALÍTICA"
17:50 - ENCERRAMENTO

REALIZAÇÃO

ABC
Associação Brasileira de Psicanálise

IP
Instituto de Psicanálise

SPMS
Sociedade de Psicanálise do Mato Grosso do Sul

APOIO

UFMS
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

SPMS
Sociedade de Psicanálise do Mato Grosso do Sul

pertencerem à mesma região, possuem suas tão distintas particularidades. Propiciou a possibilidade de conhecer e discutir essas diferenças e similaridades inerentes ao processo de distinção um do outro, mas foi, principalmente, um exercício de convivência e aprendizado, da difícil arte de trabalhar em grupo, onde sobressaiu-se como importante aprendizado o fato de que quanto maior o espaço para a discussão das diferentes ideias, maior a possibilidade de adesão e participação nos eventos. A diretora do IP foi parte fundamental ao orientar, durante todo o processo de organização do evento, que todos os candidatos fossem convidados a opinar e a participar da organização, propiciando dessa forma não só a inclusão, mas o sentimento de pertencimento e responsabilização coletiva. O resultado foi uma construção vivenciada e experienciada de todo o grupo, e não apenas de parte dos representantes.

Além desse trabalho que foi sendo construído pela comissão local, das questões operacionais, havia em paralelo o trabalho dos representantes junto à conselheira e membros da diretoria, implementando o evento: as mesas, os temas, os participantes etc. Surgiu a ideia de convidarmos um analista de outro instituto para a discussão de um caso, e após algumas tentativas fomos agradavelmente presenteados com a generosa participação de Rooselvet Cassorla.

Ao final das atividades, a ABC gentilmente surpreendeu com o sorteio de uma inscrição para o próximo Congresso da Febrapsi, em Fortaleza (CE). Ana Cristina dos Santos do IP/SPMS foi a candidata sorteada. Os candidatos agradeceram à diretoria da ABC pela feliz surpresa.

Após o Encontro Regional, as Candidatas do IP/SPMS realizaram uma reunião no dia 26 de abril de 2017, na sede da SPMS, com o intuito de obter um “balanço” sobre os prós e os contras do Encontro. A abertura deste e de outros espaços de reflexão entre o grupo de candidatas já acontece há alguns anos em nosso Instituto, e geralmente se dá logo após a realização dos eventos internos organizados por elas. Consideramos essa reunião uma excelente oportunidade de visualizarmos e avaliarmos a participação e o envolvimento do grupo sobre todo o processo relacionado à Construção do Encontro. Temos colhido “bons frutos” dessas reflexões, e

parafrazeando Bion, *Aprender com a experiência* e com a convivência tem sido fundamental para o processo de amadurecimento grupal.

Conclusão

Nos sentimos honrados em sediar e realizar um Encontro de tamanha importância em nosso Instituto. O Encontro Regional ofereceu a possibilidade de viabilizar a vivência do 4º eixo de formação também aos candidatos que ainda não haviam participado dessa enriquecedora atividade, e promoveu um espaço de trocas, diálogos e indagações importantes sobre o processo de formação nos diversos Institutos do Centro-Oeste, tendo como resultado uma maior integração entre os candidatos desta Região e a diretoria da ABC. Muitos candidatos agradeceram pessoalmente aos organizadores e à ABC pela oportunidade.

Durante a apresentação da mesa em que cada representante da Região Centro-Oeste nos colocou como funciona a formação em seus Institutos, surgiram algumas questões importantes entre os candidatos presentes, mobilizadas pela observação e constatação de diferenças significativas entre os Institutos de uma mesma região, como por exemplo: o ingresso na formação psicanalítica de candidatos de outras áreas de atuação, as diferenças nos critérios de apresentação do Relatório e a apresentação do Trabalho Final da formação, como se dá a escolha dos representantes de candidatos e se os candidatos se sentem representados por eles, entre outras indagações levantadas. O público presente (composto inteiramente de candidatos) participou ativamente dessa atividade, lançando perguntas aos representantes que compunham a mesa; no entanto, devido ao limite de tempo não nos foi possível aprofundar e avançar mais nessa discussão.

Não podemos deixar de agradecer e de expressar a nossa alegria em receber em nosso Instituto os colegas de outros estados que não mediram esforços para se fazerem presentes e contribuíram grandemente para o sucesso desse agradável e produtivo *Encontro*, assim como de termos contado com a colaboração e contribuição de todas as candidatas do IP/SPMS, por todo o apoio do nosso IP e Diretoria da SPMS. Concluímos que esse resultado satisfatório está associado ao fato do Encontro ter sido construído “a muitas mãos”, atendendo as nossas expectativas em relação

ENCONTROS

ao que havíamos programado: a realização e a organização do mesmo nos trouxeram aprendizagem, ampliando ainda mais o nosso olhar a respeito da formação psicanalítica, e nos provocou muitas reflexões.